

María José da Silva Amaral é formada em Psicologia, com especializações em Clínica e Psicomotricidade. Criou e coordenou, no período de 2003 a 2009, o projeto Navi (Núcleo de Apoio à Vítima), no Detran do Rio de Janeiro, onde implementou programas de apoio e conscientização voltados para as vítimas de trânsito e seus familiares. É também autora do livro "Contos e Lições de Vida para Quem Ainda Quer Viver".



Contatos:

majosia@ig.com.br

majosianavi@yahoo.com.br



Esta obra revela a história interrompida de alguns números frios de nossa trágica estatística de trânsito. Aos que tiveram a coragem de abrir seus corações, expondo sua dor na tentativa de frear tanta violência, a minha mais profunda admiração. Aos protagonistas de cada uma delas, a minha convicção de que estão em paz e ao lado de Deus!

Fernando Pedrosa

SEGUINDO A ESTRADA – TRAJETÓRIAS DE PERDAS REPENTINAS/PRECOSES NO TRÂNSITO

Maria José da Silva Amaral

Seguindo a estrada

TRAJETÓRIAS DE PERDAS REPENTINAS/PRECOSES NO TRÂNSITO



A intenção de reunir em um livro diversos depoimentos de parentes e vítimas de trânsito foi convidar o leitor a fazer um exercício de reflexão e rever suas atitudes, principalmente no trânsito. "Seguindo a estrada" é um livro escrito por pessoas que acreditam na mudança de atitude e que, de alguma forma, mesmo depois da perda, continuam a ter esperanças. Desejamos, sinceramente, que estas narrativas façam despertar em cada um o profundo desejo de semear a paz, de amar ardentemente a vida e de cultivar o respeito. Ser feliz, acima de tudo, é respeitar seus limites. Ser feliz é compartilhar cada momento com quem você ama. Ser feliz é cuidar e amar, para que juntos sigamos a estrada! Como diz Fernando Diniz: "Prosseguir é preciso!"

Maria José da Silva Amaral



Seguradora Líder · DPVAT



ESCOLA NACIONAL de SEGUROS
FUNENSEG



Seguradora Líder · DPVAT



ESCOLA NACIONAL de SEGUROS
FUNENSEG

Seguindo a estrada

TRAJETÓRIAS DE PERDAS REPENTINAS/PRECOCES NO TRÂNSITO

Colaboração indireta: Adailton Batista Nóbrega, Adriana Angeli de Araújo, Ailton Pinto Nogueira, Alaíde Paulina da Silva, Aldair José Nunes Marinho, Alécio Brêda Dias, Alexandre Angeli de Araújo, Ana Beatriz da Costa Martins, Ana Luisa Meirelles, Ana Ruth Nogueira Ribeiro, Andréa Bueno, Andréia Pires da Silva, Anísio Rocha, Antônio Francisco Neto, Antônio Sérgio de Azevedo Damasceno, Artur Rodrigues, Camilla Almeida Cruzal da Silva Corval, Cibele Lapa da Silva Paranhos, Cícero Campos Alves, Claudete Ramos dos Santos Nogueira, Cláudia Mara Alcon dos Santos, Cláudia Regina C. de Oliveira, Cristina Aparecida Gullo, Diraison Dorneles Castro, Dnilda de Sá Alencar, Edileusa Santos Andrade, Elem Patrícia Nunes Marcelino, Elenice de Oliveira, Elma Sette Fortes de Almeida, Fernando Avelino, Georgina Mathias Bastos, Geraldo Estanislau de Moraes, Gilvana Regis Romão, Gisele da Silva Soares, Hugo Leal, Isabel Cristina Batista, Jaime Bellido, Jane Spagnol, José Augusto de Araújo Neto, José Márcio Norton, José Walter de Oliveira Júnior, Juliana de Melo Rocha, Juliana de oliveira Neto, Leandro Gomes de Assis, Ligia Lourenço Vieira, Lindaura Maria Veloso, Luciana Tavares Vieira da Silva, Marcelle Gebara, Marcelo de Almeida Nogueira, Marcelo Santos Amorim, Márcia Ramos Ribeiro, Márcio Fortes de Almeida, Marco Alexandre Pereira, Marco Antônio de Magalhães Peres, Marco Fioravanti, Maria das Dores Dessi Alves, Maria das Graças Dias da Silva, Maria de Fátima da Silva, Maria do Socorro da Silva, Maria Francilene Pinheiro Castro, Maria José de Almeida Sousa, Marilis Antunes de Oliveira, Milton Oliveira Pereira, Mônica Xavier Rodrigues, Neuza Azevedo, Núbia da Graça Coelho, Odracimar Pires de Moraes, Rebeca Roubert de Figueiredo, Rita de Cássia Lucas Miguel, Rita de Cássia Moreira, Roberta Magalhães Antunes, Romildo de Sá Alencar, Samantha Paschoal, Sandra Maria Fonseca de Oliveira, Sebastião Faria, Sebastião Sanches Cardoso, Severino Vitorino dos Santos, Silvana Maria de Araújo Medina, Sílvia Maria Quadro Michelini, Silvio Machado, Simone Bloris, Simone Zicare, Sônia Maria de Amorim Faro, Uy-tã Moraes Cavalheiro de Oliveira, Valéria do Nascimento Almeida Silva, Vera Lúcia Angeli de Araújo, Vera Lúcia Cataldo Leal, Vera Tennenbaum, Waldelice da Silva Leal, Walter Saraiva da Luz e Zoraide Aureli Vidal.



Seguradora Líder · DPVAT



ESCOLA NACIONAL de SEGUROS
FUNENSEG

Seguindo a estrada

TRAJETÓRIAS DE PERDAS REPENTINAS/PRECOCES NO TRÂNSITO

Organizadora
Maria José da Silva Amaral

RIO DE JANEIRO – 2012

1ª edição: Março 2012
Fundação Escola Nacional de Seguros – Funenseg
Rua Senador Dantas, 74 – Térreo, 2º, 3º, 4º e 14º andares
Rio de Janeiro – RJ – Brasil – CEP 20031-205
Tels.: (21) 3380-1000
Fax: (21) 3380-1546
Internet: www.funenseg.org.br
e-mail: faleconosco@funenseg.org.br

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, sem autorização por escrito da Fundação Escola Nacional de Seguros – Funenseg.

Coordenação Editorial
Diretoria de Ensino Superior e Pesquisa/Núcleo de Publicações

Capa/Diagramação
Grifo Design

Revisão
Thais Chaves Ferraz

Virginia Thomé – CRB-7/3242
Bibliotecária responsável pela elaboração da ficha catalográfica

S459 Seguindo a estrada: trajetórias de perdas repentinas/precoces no trânsito /
Organizado por Maria José da Silva Amaral. -- Rio de Janeiro:
Funenseg, 2012.
188 p. ; 28 cm

O presente livro reúne depoimentos de parentes de vítimas de acidentes de trânsito.
ISBN nº 978-85-7052-536-9.

1. Acidente de trânsito. 2. Acidente – DPVAT. I. Amaral, Maria José da Silva. II. Título.

0011-1079

CDU 368.023.5

Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que colaboraram direta ou indiretamente para a concretização deste trabalho, principalmente às vítimas de trânsito envolvidas no projeto, e à equipe (Claudete, Marcelle, Juliana, Cristina e Ana Luisa) que cuidadosamente acompanhou cada passo deste livro, fazendo com que nosso objetivo fosse atingido.

Este livro é dedicado a todos que seguem “a estrada”, acreditando que a vida tem sentido quando há amor, respeito, solidariedade e justiça.

Maria José da Silva Amaral

Sumário

Apresentação	09
Introdução	11
Prevenção de acidentes de trânsito	15
Uma lei que vem salvando vidas no Rio de Janeiro	17
Um show de vida	21
A saudade que bate no peito	25
Dois é dor demais	33
Não sei por que ele se foi	37
Símbolo do passe livre	41
Para sempre	47
Recomeço	51
Uma viagem quase mortal	55
História de Fabrício	59
Vencendo a ausência	63
Regininha	69
Começar de novo	73
Natal vazio	81
Menino das ondas	89
Arrancado da vida por um juiz	97

Quem tem pressa corre risco	101
A partida da nossa parte	107
Ano de 1984	111
Despedida sem retorno	117
Pão com lágrimas	121
Passagem de Juliana	125
Eterna saudade	131
O sonho de Pituca	135
Um exemplo de vida	139
Espera infeliz	143
Coragem para uma nova vida	147
Um amor perdido	153
Quando a companheira é a saudade	157
Busca incansável	163
A escolha é nossa	169
À espera do reencontro	173
Vivendo e morrendo no trânsito	177
Cicatrizes	183
Conclusão	187

Apresentação

Pelo menos quatro mil pessoas morreram no estado do Rio de Janeiro nos anos de 2006 e 2007, vítimas de acidentes de trânsito. Esse número pode ser considerado tímido, visto que engloba apenas os mortos no local, pois muitos faleceram posteriormente em decorrência das lesões.

Chamamos de “acidentes” o que na sua maioria são, na verdade, crimes de trânsito. Muita gente acha que esse é um assunto concernente apenas às autoridades ou àqueles que já sofreram no corpo ou na alma as consequências desse tipo de tragédia. Todavia, isso tem a ver com todos nós cidadãos – pedestre, passageiro ou motorista –, porque todos nós estamos na “estrada da vida”, seguindo pelos caminhos do nosso dia a dia.

Este livro não tem como finalidade remoer dores e suscitar angústias, mas sim mostrar que esse flagelo pode e deve ser evitado.

Ser bom motorista não tem a ver com sexo ou idade, tem a ver com valorizar sua vida e a do próximo, tem a ver com respeito, com cidadania, com consciência e responsabilidade.

Esperamos que essa leitura console muitos, ao perceberem que não se encontram ilhados em sua dor, que possa também alertar a todos sobre a fragilidade que experimentamos na nossa mobilidade corriqueira e, ainda, que desperte multiplicadores na luta pela redução dessas ocorrências.

Alda Fernandes

Introdução

Muita gente fala... Pouca gente faz!

Quando perdi minha mãe e minha filha única de apenas quatro anos em um acidente de trânsito, meu luto se converteu em uma ação para conhecer melhor os direitos das vítimas de trânsito e garantir que fossem respeitados. Também procurava manter a luta por justiça, em busca de um trânsito pacífico e humanizado. Assim surgiu o Núcleo de Apoio às Vítimas de Trânsito (NAVI), concretizando minha batalha e a de muitos outros no serviço de âmbito social, que foi abraçado pelo Detran-RJ em 2003. O Detran-RJ fez!

Apesar de ter começado de forma precária, o NAVI cresceu muito. Em abril de 2009 já tinha aproximadamente 7 mil usuários – vítimas de trânsito – registrados. O núcleo atende a uma população quase esquecida. Esquecida porque depois da ocorrência do fato, essas pessoas caem na solidão de sua dor.

Por meio de vivências, encontros mensais em que as experiências são compartilhadas e todos acolhem uns aos outros, o NAVI atua de forma prática e específica. Cada pessoa é vista individualmente, tanto as vítimas diretas – sobreviventes da ocorrência – quanto as indiretas – parentes e amigos de pessoas que morreram ou sofreram sequelas. Todas são tratadas com atenção e carinho e têm seu caso analisado detalhadamente, para que o atendimento pertinente seja concedido.

São vários os perfis de quem utiliza o NAVI: alguns, que só precisam desabafar, usam o ponto de escuta emocional; outros sentem-se bem ao participar de eventos voltados para a redução de acidentes ou de campanhas como voluntárias ou depoentes. Também há uma grande incidência de vítimas que carecem de orientação legal quanto aos seus

direitos, como o recebimento do Seguro Obrigatório de Danos Pessoais Causados por Veículos Automotores de Via Terrestre (DPVAT). Nesse caso, geralmente são indivíduos que precisam de auxílio para questões burocráticas e que temem ser ludibriados com o desvio de seus direitos em benefício de terceiros. Vítimas que estão com processos tramitando judicialmente também recorrem ao núcleo para receber apoio solidário nas audiências e sessões. Tudo é feito com a garantia da mais profunda ordem e cautela, pois o objetivo é acolher a vítima.

Uma das ações mais interessantes do NAVI é a mobilização das próprias vítimas em uma ação restauradora e reconstrutora realizada pela rede de solidariedade formada com o uso do telefone. Com a participação de várias vítimas – sem deixar de citar Elizabete e Valéria –, a “Rede de Solidariedade Telefônica” funciona quando as que podem ser consideradas mais cicatrizadas disponibilizam-se a escutar e apoiar aquelas que estão vivendo um ponto mais crítico da dor. A rede não tem dia nem hora definidos para funcionar, apenas a vontade dessas vítimas em fazer algo por alguém.

Outra ação do NAVI, denominada “Doação/Empréstimo Solidário”, foi desenvolvida a partir do contato com as vítimas que apontaram a falta de instrumentos para reabilitação. Dessa forma, quem foi reabilitado poderia doar ou emprestar recursos a outras pessoas necessitadas e sem possibilidades de aquisição.

Com o passar do tempo e a partir de todo meu envolvimento com o NAVI, verifiquei que há muito pouca literatura voltada especificamente para sensibilização e conscientização sobre acidentes de trânsito e suas consequências. Sugerir, então, que iniciássemos o recebimento dos relatos das vítimas de trânsito e os incluíssemos em um livro. Assim, surgiu a ideia da publicação de “Seguindo a estrada”. Este livro contém diversas histórias de vítimas de trânsito, das quais podemos analisar aspectos subjetivos, biológicos, sociais e psicológicos.

Como qualquer pessoa, a vítima de trânsito tem um rosto, um nome e uma história de vida que a diferencia das demais. Certamente, ter sua



trajetória interrompida de forma repentina, violenta e, muitas vezes, precoce, gera incontáveis prejuízos. A dor e a indignação fazem com que os seres humanos mostrem-se vivos organicamente, mas também podem levá-los a atuar como verdadeiros mortos-vivos, vitimados pela opressão e pela depressão, como consequência da perda de uma pessoa querida ou em função de uma lesão permanente. Essas ocorrências são capazes de modificar globalmente a existência, contrariando de forma covarde as escolhas e a própria natureza humana.

Acidentes acontecem, todos seguem suas vidas como podem, e nós, que fazemos diariamente reflexões sobre o assunto, mantemos nossa luta. Esperançosos, acreditamos na transformação para um trânsito mais humano, civilizado, consciente e com pessoas mais felizes. Apostamos na concretização do objetivo de encontrar um “atalho para seguir a estrada”.

No início de 2009, senti que minha missão estava cumprida e resolvi me afastar do projeto. Deixei que outras pessoas dessem continuidade ao trabalho iniciado no NAVI, confiando que o núcleo permaneceria ajudando todos que necessitassem.

Agora, com a publicação desses relatos – coletados com tanta emoção e envolvimento – espero estar de alguma forma inspirando alguém a incluir-se no rol dos poucos que fazem e não somente falam.

Maria José da Silva Amaral

Prevenção de acidentes de trânsito

Os tratadistas das questões de educação, fiscalização e segurança para a cidadania do trânsito são unânimes em afirmar, pautados nas suas infelizes estatísticas, que 90% (noventa por cento) dos acidentes de trânsito são causados exclusivamente pelos motoristas, 6% (seis por cento) são decorrentes das más condições das vias e 4% (quatro por cento) devido ao estado de conservação dos veículos, cujos índices têm registrado, anualmente, no caso de vítimas fatais, o alarmante e trágico número superior a 35 mil óbitos.

A condução do veículo nas vias públicas deve ser praticada com absoluta observância às normas básicas de circulação e conduta e à sinalização de trânsito, aí considerada a elementar obediência aos limites máximos de velocidade estabelecidos pelas autoridades de trânsito. É fundamental também considerar as condições do veículo, de sua carga e as meteorológicas, além da intensidade do trânsito, não desprezados os demais regramentos de direção defensiva que devem ser rigorosamente seguidos pelos prudentes condutores de veículos.

É público e notório, conforme noticiado sem cessar pela imprensa em geral, que os acidentes de trânsito têm como causa principal, inquestionavelmente, a imprudência do motorista.

Qualquer pessoa, habilitada ou não à condução de veículos, independentemente da sua faixa etária, que eventualmente se encontre na condição de condutor, passageiro ou mesmo de pedestre, percebe que o deslocamento de um determinado veículo, por exemplo, numa situação de tráfego ou chuva intensos, deverá ser feito com o máximo de atenção e cautela possível, objetivando evitar a ocorrência de um acidente.

Desta forma, para se conduzir um veículo proporcionando a devida segurança para os demais atores, diariamente encontrados nas vias públicas – outros veículos, pessoas e/ou animais –, é preponderante que o motorista seja PRUDENTE e CONSCIENTE das reais condições nas quais sua circulação deverá ser feita, de modo a afastar qualquer possibilidade de acidente.

Portanto, é IMPERATIVO que os pedestres, os passageiros, os proprietários e, sobretudo, os condutores de veículos tenham sempre em vista o seu papel como usuários das vias públicas. Nesse sentido, o Código de Trânsito Brasileiro (CTB) tem por filosofia a SEGURANÇA DO TRÂNSITO, e como prioridade máxima o desenvolvimento de ações voltadas para a DEFESA DA VIDA, nela incluída a PRESERVAÇÃO DA SAÚDE E DO MEIO AMBIENTE, não afastando nenhum cidadão do cumprimento dos seus regramentos.

Assim, agindo dentro do ordenamento jurídico-social preestabelecido, vale dizer, dentro das normas previstas pelo Código de Trânsito Brasileiro (CTB), sobretudo de um esperado comportamento consciente e prudente, enfim, como um PLENO CIDADÃO, o motorista, passageiro ou pedestre estará certamente contribuindo para a segurança da mobilidade social que, neste caso, objetiva assegurar a todos, indistintamente, a utilização harmônica dos espaços públicos, sejam vias urbanas ou rurais, de forma ordeira e pacífica, afastando, finalmente, do seio da nossa sociedade, mediante a prevenção dos nefastos acidentes de trânsito, a infeliz expectativa de ter que conviver com a perda de entes queridos.

Antônio Sérgio de Azevedo Damasceno

Presidente do Conselho Estadual de Trânsito – CETRAN/RJ

Presidente da Comissão Cidadã do DETRAN/RJ



Uma lei que vem salvando vidas no Rio de Janeiro

Os dados da violência no trânsito nos anos de 2006 e 2007 no estado do Rio de Janeiro continuaram elevados no ano seguinte. Somente no mês de maio de 2008, 1.438 pessoas haviam morrido ou se ferido em milhares de ocorrências com vítimas atendidas pelo Grupamento de Serviços de Emergência do Corpo de Bombeiros.

Contudo, em 2009, no mesmo período de tempo, esse número passou a ser de 917 vítimas, significando expressiva redução de 36,2%. O que terá acontecido? Um milagre? Uma casual coincidência?

Absolutamente não, leitoras e leitores. Não foi um milagre, muito menos obra do acaso. É uma consequência direta da aplicação da chamada Lei Seca, como ficou popularmente conhecida a Lei 11.705/2008, que instituiu em todo o Brasil um controle rígido na perigosa mistura de álcool e direção.

Apesar de ser ainda objeto de discussões acaloradas – principalmente em mesas de bares ocupadas por motoristas que consomem bebidas alcoólicas –, não há mais como contestar seus significativos efeitos para a segurança da circulação viária e para a preservação da vida e da integridade física no trânsito. Números são números, e a experiência de profissionais que convivem diuturnamente com o problema, como bombeiros, médicos traumatologistas e fisioterapeutas, não pode ser contestada.

Com três anos de vigência completados em junho de 2011, a Lei Seca é considerada por especialistas como a produção mais importante da última legislatura, chegando a impressionar a Organização Mundial de Saúde – órgão das Nações Unidas dedicado à saúde pública mundial – que, em carta elogiosa enviada ao governo brasileiro, informava tê-la

difundido pelo mundo como modelo de política pública para enfrentamento do problema álcool e direção.

Mas a lei sozinha também não faria milagres. O importante resultado alcançado no estado do Rio de Janeiro e que passou a ser referência para outros entes da federação é fruto de uma bem-sucedida combinação entre a lei, a sua eficiente fiscalização e, certamente o componente mais importante, a adesão do povo fluminense.

O cidadão do estado do Rio de Janeiro que aqui nasceu, ou que aqui vive, deu uma demonstração rara de civilidade: soube reconhecer que beber e dirigir são um gigantesco risco para a segurança do trânsito. Isso se chama consciência... Depois percebeu que a lei não proíbe nem reprime o consumo de bebidas alcoólicas. Bebe quem quer, quando quer e na quantidade que julgar ser adequada. Só não pode é dirigir depois. Isso é exercitar a inteligência...

Finalmente, o cidadão também entendeu que a lei tem o foco na proteção individual (de quem está ao volante) e coletiva (de quem é passageiro ou de quem está no trajeto desse veículo). Essa atitude é a prática da responsabilidade e da solidariedade...

Com inteligência, rapidez, entendimento e cooperação, a sociedade fluminense, da qual me orgulho de fazer parte, soube entender o problema e vem colaborando com sua solução, a qual esperamos que se estenda para todo o Brasil.

A Lei Seca fez história no Rio de Janeiro. Fruto de brilhante iniciativa de um parlamentar do estado, o deputado federal Hugo Leal, ela é a primeira grande vitória na gigantesca batalha contra a violência no trânsito de nosso país.

Fernando Pedrosa

*Jornalista, Publicitário e Professor
Especialista em Prevenção e Segurança no Trânsito*

João

Um show de vida

O João nasceu dia 03 de junho de 1984,
e fez sua última viagem nesta vida
no dia 15 de novembro de 2006.

Existem tantas coisas que uma mãe pode falar sobre um filho... Temos várias maneiras de tornar muito especial simples gestos do dia a dia, maneiras que só uma mãe compreende. Classifico aqui todas as mães, não só as biológicas, incluo as mães adotivas, as tias, as madrinhas, as avós e todas aquelas que, apesar de nenhum parentesco consanguíneo, amam e sempre amaram seus queridos como verdadeiros filhos.

Ele nasceu pequenino e frágil e assim permaneceu até mais ou menos os seus dois anos de vida. Teve problemas de saúde e tinha alergia a todo o tipo de alimento que não fosse natural, o que não impediu que se tornasse um excelente cozinheiro. João fazia pratos especiais e deliciosos de qualquer coisa que encontrasse disponível na geladeira. Era um guloso, vivia brigando com a balança, se tornou um menino gordinho e os colegas logo o apelidaram. Na adolescência, isso o incomodava, pois

sempre foi muito vaidoso, então resolveu parar de comer. É claro que fazia isso escondido, ou seja, ele fingia que comia. Felizmente, esse comportamento não durou muito. Ele passou mal no colégio e eu, descobrindo o problema, o levei a um endocrinologista. A partir daí, rapidamente João aprendeu a corrigir seus hábitos alimentares e, logo, a controlar seu peso, mantendo o seu ideal de maneira saudável. Sempre foi lindo.

Desde cedo apresentou seu talento para o desenho, e me surpreendeu aos nove anos quando copiou um quadro da minha mãe, à mão livre, em uma folha de caderno.

Com 14 anos, ele estava fazendo um curso de desenho artístico quando veio me pedir para pagar um curso de teatro. Eu expliquei que não podia pagar os dois cursos. João não disse nada, voltou um mês depois e me falou o seguinte: “Mãe, agora você vai poder pagar o curso de teatro pra mim. Mandei uma carta com uma ilustração minha para o diretor do curso de desenho e ele me deu uma bolsa integral”. E assim foi. Esse era o João. Fez desenho, fez teatro e muitas outras coisas.

Quando se foi, tinha acabado de atuar em uma peça na Fundação Progresso, estava ensaiando um musical infantil. Iria para São Paulo fazer parte do núcleo de jovens atores de uma emissora de TV.

Ele estava trabalhando em uma empresa de design, foi premiado por uma universidade da qual havia participado do projeto desde o início. Inclusive, tinha uma bolsa garantida nessa área.

No dia em que ele se foi, recebeu a notícia de que um curta-metragem que ele estava produzindo com amigos havia sido selecionado em um concurso. Por isso ele resolveu voltar para casa, queria me contar pessoalmente, como era de costume. Mas nunca chegou.

No meio do caminho, outro jovem interrompeu a sua jornada. Para mim ele sempre foi uma realização. Muitos o viam como uma promessa de sucesso, mas ele sempre o foi em minha vida e na de muitos que aqui ficaram.



João deixou uma peça escrita, alguns poemas, algumas peças minutas, vários desenhos, alguns quadros e muitos, mas muitos mesmo, amigos verdadeiros. Deixou, além disso, a lembrança de um sorriso solto, livre de qualquer preconceito, sorriso de quem sabe viver.

Depois que ele se foi, encontrei uma gravação na qual ele dizia: “Desde pequeno eu sempre achei que ia morrer cedo, mas a cada dia que passa eu venho perdendo esse sentimento. Eu acho que a vida deve ser vivida intensamente, pois se não for assim, não é vida.”

Ele estava certo. O viver intensamente de que ele fala não é sair por aí sem respeitar a própria vida e a vida alheia, como fez aquele que cruzou o seu caminho. Viver intensamente é seguir o que ensinou Jesus, amar ao próximo, amar a si mesmo, respeitar a vida, a natureza e tudo o mais que Deus nos deu. É viver cada minuto como se fosse o último.

No dia do seu sepultamento ele foi aplaudido, como sinal de que deu um show de vida.

Ele me disse em sonho: “Mãe, você tem que continuar, você promete? Quando você ver uma casa de luz, entre e diga que é minha mãe e eu irei te encontrar. Promete?” E eu prometi, é o que tenho feito. Casas de luz são locais de caridade, onde se doa amor ao próximo e se recebe muito mais amor em troca, independente de crenças ou religiões. Eu tenho encontrado o meu filho em “casas de luz” e venho seguindo o que ele me aconselhava em vida. Quando eu estava triste, me jogava no sofá. Ele chegava e dizia:

– Mãe, sai do sofá!

Meu amor querido, espero que você esteja orgulhoso de mim. Saí do sofá!!!

Ana Regina Clemente Mateus

Mãe de João

eleem

A saudade que bate no peito

Assim como a maioria dos casais jovens, eu e meu marido também sonhávamos com um casal de filhos e, entusiasmados, recebemos Suelem e Douglas com muito amor.

Um amor tão grande que jamais se viu afetado pelas dificuldades materiais que atravessamos. Suelem foi nossa primogênita e nasceu exatamente como esperávamos: muito moreninha, saudável, esperta e linda. Foi se desenvolvendo normalmente, tendo inclusive curtido bastante a chegada do irmão.

Suelem nos dava orgulho. Além de linda e cheia de vida, mantinha muitos sonhos. Nunca nos trouxe problemas: era estudiosa, atenciosa, dedicada e sempre muito amorosa. Acho que era a filha que todos os pais gostariam de ter. Sempre que olhávamos para ela, agradecíamos a Deus pelo presente que havia nos dado e, naturalmente, pedíamos a Ele que guiasse e iluminasse todos os seus passos.

Por adorar crianças, precocemente lá estava ela, toda bonita no seu uniforme de primeiro ano do curso normal. Mais tarde, disse-me que faria curso de informática quando fosse para a faculdade. Entretanto, acho que ela se apaixonou pelas crianças, e talvez viesse a se tornar para sempre a “tia” Suelem. Era assim que eu via minha filha.

Não sei por que sempre fui carente de amigas verdadeiras, por isso transferi para minha filha esse papel, e ela sempre o desempenhou muito bem. Nossa amizade era sincera e tranquila. Com ela eu desabafava minhas angústias do dia a dia, enquanto apreciava ouvir suas novidades e descobertas. Nestas, eu me sentia novamente como uma adolescente.

Minha filha e Douglas, seu irmão, eram, sem dúvida, o maior bem que eu e João Carlos tínhamos, por isso procurávamos proteger nossas crias, para que nada de mal lhes acontecesse. Com ela tínhamos maior preocupação, pois sua escola era distante e os perigos do caminho nos causavam apreensão. Rezávamos sempre em busca da proteção de Deus.

O dia 10 de março de 2002 amanheceu claro, lindo e ensolarado. Acordamos cedo e, juntas como sempre, tomamos café. Depois dividimos tarefas – ela foi arrumar a cozinha enquanto eu me ocupava com as demais coisas da rotina. Terminados os afazeres, falei com João que iria até a casa de minha mãe, que não andava passando bem. Suelem cismou de ir comigo, enquanto eu insistia para que ela ficasse com o pai. Ele estava com uns furúnculos no rosto, causando inchaço, e precisava de cuidados. Apesar do meu pedido, Suelem insistia em me acompanhar. Por algum motivo desconhecido eu não queria que ela fosse atrás de mim naquele dia. Diante de sua insistência, acabei concordando, desde que na hora do almoço ela fosse servir o pai. Ela assentiu, e então nos arrumamos e fomos.

Na hora combinada, ela voltou para casa, cuidou do pai, arrumou a cozinha novamente e retornou à residência da avó – onde eu estava –, contando o que tinha feito. Já era por volta das duas da tarde e nós, na



tentativa de reanimar minha mãe, ficamos ali, rindo e brincando, porém o dia ia passando e mamãe não melhorava. Em um dado momento, minha irmã mais velha me chamou e pediu para que, juntas, levássemos nossa mãe ao hospital, pois já estava tudo certo para a sua internação, embora isso fosse contra a vontade dela. Eu, claro, concordei em acompanhá-las, pedindo apenas para dar um pulinho em casa para arrumar as roupas da escola das crianças e o uniforme do João.

Assim, chamei Suelem e Douglas para irmos embora, mas ela não queria ir comigo. Eu disse que não a deixaria, até porque o pai não gostaria que eu chegasse em casa sem as crianças. Apesar de meu cunhado ter se prontificado a levá-la mais tarde, Suelem queria ficar mais um pouco. Não cedi e ela acabou seguindo comigo. Assim, nos despedimos e fomos embora. Douglas, num piscar de olhos, perdeu-se de mim (talvez por sorte). Pedi que a minha irmã o mandasse para casa assim que aparecesse.

No caminho, parei para falar com a sogra da minha irmã caçula, pois ela queria saber notícias de minha mãe e de meu marido. De mãos dadas, Suelem e eu conversávamos com ela quando, naquele instante, observei que começaram a passar vários carros e motos buzinando e gritando, o que causava um barulho ensurdecedor. Fiquei preocupada, pois pensei ser um tiroteio e eu estava ali na calçada com Suelem. Fiquei com receio de que alguma bala perdida pudesse nos atingir. Despedi-me e saí com Suelem, agora já abraçadas e felizes, e recusei a carona oferecida por meu irmão, pois já estávamos chegando em casa. Quando entramos na nossa rua, várias colegas de Suelem lá estavam, sentadas na calçada, conversando – mostrei-as a ela. Ela sorriu, e como se me pedisse consentimento para ficar ali, disse que me amava e me deu um beijo, indo posteriormente se juntar ao grupo.

Passei por ela e continuei subindo a rua. Quando cheguei ao portão de casa, não consegui abri-lo. Então voltei para o meio da rua e chamei por ela. Ela se levantou e disse que a chave estava com o pai, e voltou a sentar-se com as colegas. Eu chamei meu marido e entrei.

Jamais imaginei que aquela imagem de Suelem, voltando ao encontro do grupo, fosse a última que eu teria dela com vida.

Ao entrar, deparei-me com João Carlos com o rosto completamente inchado. Peguei o telefone e, enquanto pedia os remédios já receitados para ele, ouvi muitos gritos, os quais começaram a me incomodar. Chamei meu marido e falei com ele sobre os insistentes gritos de horror. Ele achou que fossem os vizinhos assistindo a jogos de futebol.

Continuei incomodada com as vozes, que surgiram de forma repentina. Vendo meu desconforto, João Carlos decidiu levantar-se e, mesmo sentindo-se mal, foi se certificar da situação. Só que ele estava demorando. Então larguei o telefone sem concretizar o pedido dos remédios e me lembrei de que Suelem ficara na rua. Naquele instante, algo tomou conta de mim e eu, desesperada, corri ao encontro da minha menina. No caminho encontrei meu marido transtornado, e ele disse para eu não descer a rua, pois algo horrível acontecera.

Desesperada, olhei para a calçada onde Suelem ficara e não a avistei. Gritando seu nome desci a rua, pois exatamente lá havia um tumulto. Ao me aproximar, vi uma de suas amigas, desfalecida e toda machucada, sendo socorrida. Prossegui, até que me deparei com uma cena insuportável: minha filha querida completamente imóvel, toda quebrada, queimada e ensanguentada, caída naquele chão sujo. Em choque, eu gritava o mais alto que eu podia: "Salve a minha filha, Senhor! Não deixe que ela se vá!"

Embora não houvesse mais nada a fazer, vi minha filha respirar e algumas pessoas acharam que eu estava louca, entretanto, eu e Deus sabemos que aquilo não foi uma ilusão.

Pouco depois os bombeiros chegaram e foi constatado o óbito. Só aí eu me dei conta de que minha grande amiga já não fazia parte desse mundo: minha filha tinha morrido. Mas como acreditar nisso? Eu não queria acreditar, embora meus olhos vissem. É muito duro!



Fiquei sem chão, desabei, estava quase louca e não me imaginava acordando sem minha filha no dia seguinte. Enquanto isso, outros parentes, que nos foram muito prestativos, ainda mobilizados pela dor, cuidavam do sepultamento do jeito que meu marido pediu.

Até hoje guardo tudo que era dela, e talvez essa seja a minha forma de negação. Sei que as outras pessoas não entendem bem a minha atitude, mas eu preciso disso. Só o tempo e o apoio de outras pessoas me ajudarão a compreender o vazio dessa realidade. Talvez, quando a dor passar mais, eu consiga redirecionar seus pertences.

Sinto muitas saudades, e acordo todos os dias pensando nela. Às vezes é uma sensação tão forte que parece que vou explodir. Já senti vontade de morrer, mas tenho meu outro filho e meu marido que também estão aflitos. Hoje eles são a razão do meu viver, e precisam muito de mim.

Depois dessa perda, sinto que a minha saúde ficou frágil e eu estou sofrida, pois nada é como antes. Vejo que aquele era um tempo em que eu era realmente feliz. Apesar do acontecido, consigo ter forças para agradecer a Deus. Sei que, se não fosse a fé que tenho nEle, eu e minha família não teríamos resistido a tamanha dor.

Em outra época, quando estava vivendo a fase mais crítica, fiquei tão revoltada que questionei Deus e minha fé. Hoje, mesmo assim, ainda tento perseguir respostas. Mas vou me fortalecendo na medida do possível.

Nesse momento, sigo indignada com a irresponsabilidade e a impunidade dos criminosos do trânsito, e sofro muito enquanto busco a justiça. A pessoa que atropelou Suelem morava em frente à minha casa, e em outras épocas, foi ajudada pelo meu marido em suas necessidades. Sei que nada irá compensar a perda de Suelem, entretanto, algo precisa ser feito com relação à impunidade, pois se continuar assim, aonde iremos parar?

Por morar em frente a esse condutor, por muito tempo tive que conviver com insultos e abusos de seus familiares. Isso me deixava muito triste e

desapontada e, vendo meu marido fissurado por vingança, resolvi abrir mão da casa que lutamos para ter e do nosso próprio conforto, indo morar de aluguel em um local modesto e distante. No começo foi muito difícil, mas depois acabei entendendo que ali a paz estava voltando e, assim, passamos a sentir nossa saudade de forma mais tranquila, embora a dor ainda permanecesse em nossos corações. Na verdade, há uma mistura de sentimentos que eu não sei descrever.

Encontrei várias pessoas que me ajudaram com palavras, carinho e apoio; sinto que ainda não houve um reencontro com o equilíbrio, porém seguimos nessa luta diária, pois acreditamos em Deus e sabemos que essa “tempestade” não vai durar a vida inteira. Nada dura para sempre, o amor resiste a tudo, e nós, dentro de tudo isso, ainda temos amor.

Todos os dias pedimos força a nosso criador e sentimos que a cada dia o fardo vai se tornando menos pesado. Agradeço à minha família, a todos os amigos, ao Núcleo de Apoio à Vítima de Acidente de Trânsito pelo apoio que encontrei nas palavras e no abraço de cada um. Acreditem, tenho lutado para suportar todas as dificuldades, porque entendo que, para quem perde um filho, tudo o que surge pela frente é possível superar, pois não há nada maior do que essa ausência.

Gostaria de deixar para todos vocês a mensagem de amor que a minha Suelem nos deixou, e que eu achei em meio aos seus guardados. “Diga sempre ‘eu te amo’ para quem é importante para você, antes que você não tenha mais tempo.”

**João Carlos Tavares e
Rosângela Amâncio dos S. Tavares**
Pais de Suelem

agner

Dois é dor demais

Meu menino era muito querido e especial.
Era carinhoso, meigo, inteligente
e todos gostavam dele.

Era muito agarrado comigo e só conseguia dormir ao meu lado, me acarinhando. Eu sinto tanto a falta dele! Era meu filho caçula e veio, inclusive, de uma gestação tão sofrida que nem gosto de lembrar.

Eu sempre fui uma mãe cuidadosa e, além desse, eu ainda tinha outros três filhos mais velhos. Quando saíam para brincar, eu ficava tão preocupada que, ao escutar qualquer barulho, corria para ver o que estava acontecendo.

Naquele dia percebi uma movimentação diferente, mas os vizinhos me impediram de ver. Tudo aquilo era estranho: as crianças passavam chorando e falando muito. Tive um mau pressentimento.

Na verdade, meu Vagner estava no meio-fio quando foi atropelado pelo ônibus que seguiu sem prestar socorro. Alguns vizinhos que estavam no

ponto do ônibus, perto do local da tragédia, puderam ver tudo, inclusive o motorista seguindo sua viagem, como se nada tivesse acontecido.

A sorte é que conseguiram anotar a placa do veículo e seguiram-no até a ponte Rio-Niterói. Apenas nesse momento o motorista foi impedido de seguir seu curso. Ele ainda carregava indícios do acidente: tinha um farol quebrado e sujo de sangue.

Quanto ao meu menino, chegaram a socorrê-lo, mas ele acabou morrendo na mesa de operação. Até hoje penso que, se não houvesse perda de tempo e o motorista cumprisse imediatamente a sua obrigação – dando assistência ou buscando quem pudesse fazê-lo –, talvez Wagner tivesse se salvado.

Depois disso, perdi a vontade de viver. Não conseguia fazer mais nada e cheguei a pensar em suicídio, ingerindo medicamentos e rejeitando comida. Passava todo o tempo pensando nele, até que adoeci e fui parar no hospital. Até então, não havia me dado conta de que a vida continuava e que meu marido e meus outros filhos também sofriam e precisavam de mim. Percebi que meu outro filho – que assistiu ao acidente – tinha adoecido e, aos doze anos, estava todo inchado e com a pressão altíssima. Ele estava ali, precisando do meu apoio e cuidados.

Fui voltando à realidade carregando um vazio imenso, até que a minha neta mais velha nasceu e, então, aos poucos, fui me apegando a ela e fortalecendo minha vontade de viver. Hoje, ela já está grande, e eu ainda sinto uma enorme saudade do meu filho, mas sei que a chegada dela me ajudou muito a conviver com o vazio que Wagner deixou.

Na verdade, eu nunca tive muita alegria de viver, e hoje sou muito debilitada devido a várias doenças que me acometem. Vivo em hospitais e semanalmente faço sessões de psicoterapia para me sentir melhor. Como se não bastasse a perda já relatada, no final de 2005 meu filho mais velho, pai daquela neta que falei anteriormente, levou-me para passear no meu aniversário em um lago e, logo após o almoço, afogou-se diante



de todos. Seu corpo só apareceu dias depois, e isso marcou ainda mais nossa família, já tão sofrida.

Esse filho deixou viúva e três crianças, de quem gosto muito. Procuo a ajuda de profissionais e me ocupo, na tentativa de esquecer um pouco o que está à minha volta e no meu passado. As lembranças, porém, sempre vêm à tona, porque filhos a gente nunca esquece.

Às vezes, em meio às minhas lágrimas, tantas marcas e lembranças, consigo ver que ainda guardo um sorriso, que raramente se manifesta, mas se eu perder a capacidade de sorrir, estarei morta.

Maria das Graças Pereira Porto Gomes*

Mãe de Wagner

*D. Maria veio a falecer em 20/01/11, vítima de problemas respiratórios.

Bira

Não sei por que ele se foi...

Já era viúva do pai dos meus filhos quando conheci Bira. Embora um pouco resistente, e passando pela desaprovação de alguns familiares, resolvi arriscar, acreditando que encontrara novamente um bom companheiro.

Após quatro meses, já nos amávamos tanto que ficou impossível vivermos separados. Por ser mais fácil para mim, que já tinha uma casa, convidei Bira para viver comigo. Ainda assim permaneci receosa por causa dos meus filhos, inclusive uma moça que precisava de meus cuidados, e eu não queria prejudicá-los por amar alguém.

Conversei com eles, e “boa gente” como Bira se mostrou, todos concordaram. Foi nesse momento que percebi o quanto o meu companheiro era querido por todos, e como se dedicava, sendo uma pessoa honesta e trabalhadora. Além de bom, era ainda um padrasto “bacana” para meus filhos, embora já os tivesse conhecido quase adultos.

Na véspera do acidente, em uma sexta-feira, ele saiu para trabalhar, como de rotina, e regressou no horário habitual. Contou-me que o escritório ia mudar de endereço e ele precisava ajudar na mudança, o que, depois, infelizmente, descobri não ser verdade. Até hoje não sei por que ele mentiu para mim. Na realidade, ele queria assistir ao futebol com os amigos, o que acho normal. Penso que se ele tivesse me falado a verdade, não haveria problema algum, pois eu confiava nele e outras vezes ele fora assistir aos jogos. Não entendo por que naquele dia ele agiu daquele jeito...

Ainda na sexta-feira, à tardinha, ele levou algumas garrafas de cerveja para casa e uma peça de queijo (nós gostávamos muito de tomar uma cervejinha em família). Aquela foi a última vez que vi meu querido com vida.

Naquela noite, percebendo a demora, fiquei muito preocupada e não conseguia dormir. Na cama, inquieta, virava-me de um lado para o outro de tão ansiosa, pois naqueles quatro anos de convivência ele nunca dormira fora de nosso leito. Este lar algumas vezes testemunhou o nosso sacrifício, mas também muita alegria e amor de nossa parte. Posso dizer que vivi bem com aquele homem!

No dia seguinte, comecei a procurá-lo desesperadamente: ligava para todos os lugares onde imaginava que ele pudesse estar. Não queria pensar que algo de mal pudesse ter lhe acontecido. Até que resolvi ligar para um amigo do trabalho dele, que tinha participado da tal partida de futebol. Este me revelou que Bira tinha ido para casa por volta das 18 horas de sábado.

Como ele ainda não havia chegado, o amigo de Bira resolveu procurá-lo pelas redondezas de sua residência, já que a partida de futebol tinha sido por perto. Quando soube disso, minha preocupação virou desespero, pois até então eu não tinha noção de nada – acho que entrei em estado de choque.

Algum tempo depois, este amigo, acompanhado de meu genro e de meu sobrinho, trouxe a notícia que eu jamais gostaria de ter ouvido: Bira havia sido atropelado na tarde de sábado, na rodovia Washington Luís, e seu corpo se encontrava no necrotério em Duque de Caxias. Desesperada e



chorando, fui até lá. A esposa desse amigo, talvez preocupada com meu estado, pediu que eu não entrasse. Creio que a cena era muito chocante, e eu talvez não aguentasse mesmo.

Com meus filhos e familiares, todos muito tristes, realizamos o velório. Ali eu me despedi, junto de outras pessoas, daquele homem que havia me feito tão feliz. Eu olhava seu rosto entre as flores e, ainda assim, não acreditava. Chorava muito, pensando em tudo o que havíamos vivido juntos. Foi um dia muito triste, até que chegou a hora e ele foi ocupar um espaço no cemitério. Não foi nada fácil deixar aquele corpo amado ali, mas a realidade é que eu já não podia escolher. Bira já não estava mais entre nós.

No começo, sofri muito junto aos meus filhos e nossos familiares – meus e dele. Chorava quase diariamente e não via sentido na vida, porém, com o tempo, fui descobrindo que Bira se fora, mas a vida precisava seguir, pois pessoas me amavam e precisavam de mim. E, assim, fui renascendo da dor.

Hoje estou melhor. Apesar da saudade, do choro, da lembrança, sigo com a certeza de que Bira fez a sua parte, e que eu caminhei ao seu lado enquanto estive aqui. Conheci outras vítimas que sofreram a mesma dor e, em contato com elas, me sinto cada vez mais conformada e forte.

Procuo trabalhar. Aos poucos, tento me divertir e viver. Todos os dias peço a Deus que abençoe a alma de Bira e que me ajude a esclarecer melhor esse atropelamento, pois eu nunca entendi como um homem atento como ele pôde morrer daquela forma.

Em minhas orações peço por aqueles que sofrem e por mim mesma, pois sei que Deus nunca me abandonou: a prova disso é que consegui sobreviver a essa perda dolorosa, repentina e infeliz.

Clarisse da Conceição Pereira

Esposa de Bira

kleber

Símbolo do passe livre

Falar do meu filho é sempre um prazer.
Os momentos em que estive conosco
foram maravilhosos.

Kleber, desde pequenino, sempre foi muito alegre, carinhoso e fazia amigos por onde passava. Sempre gostou de ajudar amiguinhos mais pobres. Ele tinha um coração maravilhoso!

Kleber Júnior nasceu no bairro de Bento Ribeiro, no Rio de Janeiro, no dia 11 de junho de 1990. Desde esse dia foi motivo de alegria e amor para mim e seu pai. O que ele mais gostava era de jogar bola e interpretava como ninguém. Quando completou cinco anos de idade, já se iniciou na vida esportiva. Amante do Vasco, não saía de casa sem alguma peça de roupa do time. Junto a seu pai, sempre gostou de acompanhar as partidas de futebol, e entrou em campo várias vezes com os jogadores.

Como cativava a todos, resolvi levá-lo para fazer um teste para figurante de TV; durante o teste, ele pediu para fazer papel de pobre, e isso deixou

as agências admiradas, pois os meninos, em geral, só queriam fazer papel de galã. Sempre era convidado a fazer os papéis de sua preferência. Nasceu e cresceu no bairro de Bento Ribeiro. Muito caseiro, gostava muito de ler e, por esse motivo, interpretava muito bem, recebendo vários elogios. Fez alguns cursinhos de teatro e dizia que seria jogador de futebol ou artista. Também gostava de idosos e adorava conversar com os mais velhos.

Respeitava as pessoas e lutava pelos seus direitos. Com 12 anos de idade, dizia que se não conseguisse ser jogador de futebol, faria faculdade de Educação Física, teria uma escola de futebol com seu nome e não cobraria nada, para crianças humildes poderem frequentá-la.

Kleber Júnior sempre falou que um dia ganharia um bom dinheiro e ajudaria muita gente. Em seu aniversário de 13 anos pediu que convidássemos toda a família e os amigos; pediu uma festa com churrasco e futebol. Ele estava muito feliz, parecia estar se despedindo. Quando lembro desse momento, me vem a emoção misturada com saudade, e uma dor que não sei explicar. Ele era fã do grupo Mamonas Assassinas, e pedia para tocar na festa o tempo todo. Dizia que um dia ainda ia encontrar com eles.

Meu filho era estudante de escola pública desde o 2º ano. Com 13 anos estava cursando o 8º ano na Escola Municipal Evangelina Duarte Batista, em Marechal Hermes. Iniciou nessa escola no 6º ano. Amava e defendia sua irmã Déborah, mais nova que ele dez meses. Os dois se davam muito bem e estavam sempre juntos. No colégio, meu filho era muito querido por todos. Nossa família era muito feliz e animada. Religioso, fez primeira comunhão e gostava de ir às missas.

Falar de Kleber é falar de várias histórias, e me dá muita saudade. Lembro-me dele sempre abraçando e beijando a gente! Meu filho era um menino muito carinhoso e respeitador, chamava a todos de “amigo”. Por exemplo, quando pegava ônibus, ao descer, agradecia ao motorista: “Obrigado, amigo, bom serviço”.



Todos os dias, Kleber ia para a escola arrumadinho, e quase sempre eu ou seu pai o levávamos. Na época, seu pai era motorista de ônibus e apresentava nossos filhos para os seus colegas, que sempre os levavam sem problemas. Kleber Júnior sempre ficava com a carteira da escola na mão e identidade no bolso, pois ele dizia que se não acreditassem que a carteira era dele, ele mostraria a identidade. Por sinal, ele estava muito contente por ter tirado esse documento.

Quando ganhava o cachê das agências, gostava de comprar roupas novas, queria estar sempre bonito. Além de suas roupinhas, ele gostava também de comprar alguma coisinha para alguém – ele sempre pensava nos outros.

No final do mês de junho de 2003, ele recebeu um cachê referente a um papel principal que havia feito em Linha Direta, na TV Globo, “Caso Osvaldo”. Kleber estava muito feliz com seu primeiro contracheque como ator mirim e queria comprar um celular. Seu amigo Bruno havia comprado outro celular e queria vender o seu. Logo, nós concordamos que ele comprasse o celular de seu amigo. A partir desse dia, ele dizia que quando o chamassem para gravar, iam falar direto com ele. Achemos uma graça!

A mochila dele tinha um bolsinho dianteiro para celular e ele a colocava para frente, pois tinha medo de que o celular caísse ou que alguém o furtasse. No dia 1º de julho de 2003, Kleber acordou cedo como de costume. Ele tinha um teste de História na escola e estava estudando bastante. Eu, como sou professora, sempre ajudei meus filhos nas tarefas escolares, e naquele dia não foi diferente: estávamos estudando juntos.

Ele pediu para que eu fizesse batata frita. Não tinha em casa, mas saí para comprar. Nesse dia, eu estava fazendo um franguinho de que ele e sua irmã gostavam muito. Quando retornei, Kleber ainda estava estudando.

Déborah chegou mais cedo da escola e foi ótimo, pois pudemos almoçar juntos. Ao ligar a televisão, estava passando uma reportagem sobre

a retirada do passe livre. Kleber Júnior ficou muito chateado e falou que era uma injustiça, pois muitos alunos não poderiam pagar o valor da passagem. Como o pai não estava em casa – tinha ido fazer exames para entregar no trabalho – e não poderia levá-lo até o ponto, reparei que a hora estava passando e que ele iria se atrasar.

Ele se arrumou todo, até me dói falar, se abaixou no chão para amarrar o tênis (me vêm lágrimas) e pediu: “Mãe, não deixa eu ir para escola, só hoje”. Como eu nunca deixava meus filhos faltarem à toa, respondi: “Não, Kleber Júnior, mesmo que você entre no 2º tempo, você não irá faltar”. Ele insistiu: “Só hoje”. Mas depois desistiu de pedir. Eu ainda disse a ele: “Vá devagar para entrar no 2º tempo de aula”. Na hora de sair, ele se despediu da irmã. Na varanda, me deu um abraço forte e me beijou. Desceu as escadas e disse: “Mãe, eu te amo”. Respondi: “Eu também te amo muito.”

Ele lembrou também que naquele dia tinha um jogo marcado na escola; ele adorava jogar com os amigos do colégio. E foi embora. Sempre pegava o ônibus na rua principal, pois lá passavam várias linhas e os motoristas o conheciam, já que eram da empresa em que o pai dele trabalhava. Dessa forma eu ficava mais tranquila. Porém, até hoje não sabemos a explicação de ele ter mudado o trajeto. Ele não acompanhou ninguém. Até hoje não entendemos.

Ao invés de ir para Rua Carolina Machado, como de costume, ele foi para a Rua Picuí, onde só há uma opção de ônibus e que demora mais a chegar. Essa é a pior parte da história (que me traz tristeza, dor, saudade, indignação, enfim, sentimentos diversos): ele ficou no ponto esperando o ônibus, uniformizado, com a carteira na mão e a identidade e o dinheiro da passagem no bolso. Veio o ônibus 928, não parou no ponto, e sim mais à frente (quem narra esse fato são duas testemunhas que viram tudo), quando desceu uma senhora.

Kleber Júnior tentou embarcar pela frente, mas o motorista fechou a porta, prendendo sua mochila. Foi arrastado por alguns metros até que a



porta foi aberta. Ele caiu e o ônibus passou por cima de sua cabeça com a roda traseira, matando-o minutos depois. Após a comprovação da culpa do assassino no acidente, ele permaneceu solto. O julgamento foi marcado para 6 de dezembro de 2007. O que esperamos é justiça, temos certeza de que ele será condenado.

Um ano depois da morte de nosso filho, realizamos seu sonho: montamos uma escolinha de futebol para crianças carentes que leva o seu nome: “Amigos do Kleber Júnior” e um jornal informativo “Movimento Amigos do Kleber Júnior”.

A cada dia a saudade aumenta, porém transformamos o luto em luta. O motorista só entregou a carteira no Detran em agosto deste ano - 2007.

Solange Magalhães Mendonça

Mãe de Kleber Júnior

Rafael

Para sempre

Rafael era muito feliz, sorridente, tinha sonhos, era carinhoso, trabalhador, um homem de atitudes e muito amigo. Adorava participar das festas dos familiares e amigos.

Uma semana antes do acidente estive no Parque da Paz, através de um sonho. Era um jardim lindo, e me dei conta do sonho pela manhã.

No sábado, véspera do dia das mães, ele me recebeu com um presente, um lindo CD do cantor Roberto Carlos – Para Sempre. Liguei para ele às 22 horas e ele estava na casa de uma amiga. Perguntei se estava tudo bem e ele me respondeu que sim. Ainda falou: “Vou sair com uns amigos, vou a Rio Bonito”. Eu pedi que ele tomasse cuidado com amigos, volantes e bebidas, e ele me respondeu: “Fica tranquila, mãe!” Eu disse: “Vai com Deus e um beijo!” Aquele dia foi terrível. Durante a madrugada, às 3 horas, recebi um triste telefonema pelo qual me avisaram do infeliz acidente que tirou a vida do meu filho: uma colisão na BR.

Chamei o pai e liguei para o irmão e fomos para o hospital. Chegando lá, deparei-me com meu filho todo machucado. Eu tinha muitas esperanças na melhora dele. Em momento algum pensei na morte de Rafael. Ele melhorou, conversou comigo, com o irmão e com os tios e ainda tentou falar do acidente, mas eu não permiti pois percebia a debilidade dele e acreditava que teríamos tempo para falar sobre o assunto. Jamais pensei no pior, mas onze dias após o fato tive a certeza de que não havia mais o que fazer, pois meu menino partia. Não sei como explicar, mas depois disso engordei 10 quilos dentro de um mês, chorando muito e me alimentando pouco.

Nós, seres humanos, não estamos acostumados com a palavra “perda”. Imagine perder um filho com 21 anos, que tinha tudo para viver e concluir seus sonhos. De repente não o tenho mais perto de mim.

Hoje em dia, procuro me ocupar ao máximo para não cair em depressão. Sinto muita falta, mas não tenho mais o meu menino dos olhos verdes. Sei que devo continuar a minha caminhada, pois tenho um outro filho que precisa muito de mim e uma neta que me ajuda muito, que me faz lembrar do meu filho com as suas atitudes. Embora seja difícil, continuo procurando sentido para viver.

O que me faz viver é a esperança de um dia encontrar com ele, e a certeza de que só o que me separa do meu filho é a linha do horizonte. Sempre que estou perto do mar, fico com o olhar fixo na linha do horizonte.

Mantenho a minha fé, trabalho e procuro ajudar as outras pessoas, porém, até hoje, gostaria de entender melhor o que aconteceu naquele dia, afinal Rafael era acostumado a dirigir caminhão (ele era caminhoneiro) e repentinamente faleceu conduzindo um carro pequeno, que eu suponho que jamais pudesse lhe causar a morte.



Infelizmente, se alguém contribuiu para essa perda, por desconhecer os detalhes, não tenho como buscar uma reparação através da justiça. Busco justiça em Deus e me lembro sempre do sofrimento de Maria, que tanto sofreu e se resignou.

Alcemyr Dias da Silva

Mãe de Rafael

ivete

Recomeço

Mês de setembro de 1994, primavera chegando
e uma vida com muitos sonhos e projetos.

Aos 25 anos, eu estava iniciando uma vida a dois. Tínhamos decidido fazer uma viagem para Natal, no Rio Grande do Norte. Queríamos conhecer as belezas do Nordeste, curtir as dunas com seus emocionantes passeios de buggy.

Era o primeiro dia da “semana de férias”; saímos cedo do hotel para a praia de Genipabu, e a manhã era linda! Céu azul, com aquela brisa maravilhosa, e todos nós ansiosos para andar nas famosas dunas. Finalmente, chegamos e fizemos a escolha de dar início à nossa aventura pelas dunas móveis. Seria “com emoção”.

Éramos cinco pessoas. Quando subimos no buggy, perguntei ao motorista se não tinha cinto de segurança, e ele respondeu que não, mas como já estava tudo programado, tudo bem. Só não imaginava que, em poucos minutos, a minha vida mudaria completamente.

Subimos à primeira duna, mas não pude sentir a emoção da descida. O buggy caiu num buraco que o motorista não viu. Ele deveria ter feito

a primeira viagem do dia sozinho para ver as novas posições das dunas, mas não o fez. Quando acordei estava no Centro de Tratamento Intensivo - CTI, sem falar, sem enxergar, respirando por aparelhos. Apenas ouvia. Foi então que o médico contou o que havia acontecido: eu sofrera um acidente com traumatismo craniano e esmagamento da face, e teria de passar por algumas cirurgias para reconstrução facial. Naquele momento não imaginava o estado em que estava e nem quantas cirurgias haveria de fazer... Era tudo muito recente.

Fiquei uma semana no CTI do hospital de Natal, sendo depois transferida pela UTI aérea para Curitiba, Paraná, onde eu morava, lá permanecendo por mais alguns dias respirando por aparelhos e me alimentando através de sonda. Nesse período fiz uma cirurgia de 20 horas de duração, e após 40 dias do acidente, voltei para casa, onde me esperava uma nova vida, com muitas mudanças, desafios e cirurgias.

Aos poucos voltei a enxergar do olho esquerdo, mas do direito, perdi totalmente a visão; perdi o olfato; alimentava-me somente com líquidos e não podia falar, porque estava com a boca amarrada temporariamente. Quando me vi no espelho pela primeira vez foi um choque muito grande, porque não havia mais nada do meu rosto, mas sim uma nova face com muitas deformações: era uma outra lquete.

Uma situação delicada, porque era eu e não era, ao mesmo tempo. Mas como tudo na vida tem o lado bom, aquele foi um tempo de meditação, em que parei com o corre-corre e comecei a prestar atenção nas pequenas coisas; aprendi a desenvolver a paciência; ver a vida de uma forma diferente; perceber a grande importância da família e amigos; das pessoas maravilhosas que cruzam o nosso caminho; da vida espiritual; acreditar em algo maior e supremo dando sentido a tudo, e tantos outros valores que antes passavam despercebidos.

Juntamente com todas essas mudanças, a minha vida profissional tomava outro rumo. Fiquei muito tempo sem poder trabalhar, e a pequena empresa da qual era sócia, com todas as despesas médicas e hospitalares, foi à falência, já que na época eu estava sem plano de saúde.



Após alguns anos veio a separação e, em outros anos mais, perdi minha mãe. Como se não bastasse, meses depois houve a morte de dois sobrinhos, causada por acidente de trânsito. Durante todos esses acontecimentos passei por 20 cirurgias. Eu diria que foram dez anos de fortes experiências. Nesse período, mudei-me para o Rio de Janeiro, onde conheci um médico maravilhoso – Dr. R.L.C. –. Encontrei, então, uma nova chance de recuperar meu rosto. Sou muito grata a ele e a toda a sua equipe.

Hoje estou na reta final. Creio que preciso de uma ou duas cirurgias para atingir o objetivo: chegar o mais próximo possível de um rosto normal, mas já me adaptei ao novo rosto. Há uma frase que adoro e tenho como meu lema: “Aceitar as coisas que não posso mudar e transformar as que eu posso”. A aceitação, para mim, é o segredo de viver bem.

As dificuldades são grandes oportunidades de aprendizado. Hoje, sinto-me feliz em acordar, abrir a janela e ver mais um dia lindo, seja com sol ou com chuva; ver a beleza em uma flor ou através da aparência mais desafiadora; o sorriso das pessoas; o azul do mar; o verde da mata, enfim, a natureza com todas as cores e formas, sentindo seu ritmo. Fazer uma refeição curtindo cada alimento é muito bom. Poder mastigar, sentindo todos os sabores... Ouvir todos os sons... Expressar nossos sentimentos através da palavra – falar toda vez que sentimos vontade é maravilhoso! Poder abraçar, caminhar, correr, cantar, trabalhar, rir, chorar, namorar, dançar, estudar, aprender... São pequenas coisas do nosso dia a dia que, vividas com intensidade, fazem a diferença: simplesmente viver aproveitando cada momento.

Tudo tem seu tempo... A minha vida mudou, e para melhor. Mudei de profissão, quitei a falência da empresa, voltei a estudar e me casei novamente, com uma pessoa fantástica.

Sou grata a Deus por ter uma família sempre presente em todos os momentos, dando-me muito apoio, em todos os sentidos, e por ter colocado em meu caminho pessoas tão fantásticas! É vida que segue...

Ivete Gatti
Vítima direta

Gilda

Uma viagem quase mortal

Era 28 de dezembro de 2000. Eu havia feito um plantão de 24 horas na Barra e, logo depois, peguei um ônibus, desci na Central do Brasil e peguei outro ônibus que percorria a Dutra no sentido Baixada.

Na altura do primeiro posto de gasolina do lado direito, o ônibus parou. Alguns passageiros desceram e, em seguida, o ônibus continuou seu trajeto, quando de repente escutei um barulho que vinha do vidro do meu lado, o qual veio abaixo. Senti uma forte dor no meu pescoço, coloquei a mão nele e caí. Pensei: “Meu Deus, o que aconteceu?” Era uma pedra, de aproximadamente meio quilo, que havia me atingido. Meu pescoço inchou e comecei a colocar sangue pela boca. Os passageiros gritaram e o motorista parou perto da Polícia Rodoviária, pois ali tinha um posto médico. Depois me levaram para o Hospital Getúlio Vargas e, chegando lá, de ambulância, os guardas disseram aos médicos que eu tinha que ficar na fila. Havia 162 pessoas na minha frente e pensei: “Meu Deus, vou morrer!” Já não conseguia mais respirar e nem falar, pois o edema em meu pescoço era grande.

Resolvi ligar para um amigo policial civil que morava na Penha, o qual se chamava Eglinaldo. Na mesma hora ele veio e me levou ao Hospital Souza Aguiar. Fui bem recebida, medicaram-me e fiquei em observação. No outro dia obtive alta, fiquei muito inchada, mas felizmente sobrevivi a uma pedrada de meio quilo.

Parei de trabalhar, pois tinha dores constantes e muito fortes. Fiquei desestimulada, e então procurei uma psiquiatra, uma psicóloga e uma fisioterapeuta.

Enfim, fiquei cinco anos dentro de casa, gastei todo o dinheiro que tinha com remédios e outros tratamentos. O que eu gostaria de dizer é que as pessoas estão quase sem amor pelo próximo, pois quando eu precisei, não me atenderam de forma adequada e respeitosa. Fiquei muito traumatizada. Eu acho que tem que haver mais amor e proximidade entre as pessoas.

Hoje, faço parte de um grupo de amigos que já passaram por experiências parecidas com as minhas – acidentes de trânsito – e deram a volta por cima, além de terem aumentado meu ego. Agradeço à Maria José, Claudete e Marcelle. Obrigada por tudo.

Gilda Maria Barroso da Cunha

*Vítima direta**

*O acidente sofrido por Gilda poderia ter proporções ainda maiores se a pedra atirada tivesse atingido o motorista do ônibus, e este, perdido o controle do veículo, causando um acidente de trânsito de grande vulto. Todo o cidadão deve ter respeito à vida, pautando sua conduta por princípios de responsabilidade social.

Fab

Fabrício

História de Fabrício

Fabrício tinha um temperamento manso, de paz, não gostava de brigas. Era solidário e companheiro com os amigos e estava sempre à disposição quando o procuravam com algum problema.

Quando pequeno, era levado e moleque; como adolescente, estava sempre criando alguma comemoração, algum churrasco, algum encontro na casa de um dos tantos amigos que tinha. Vivia correndo, sempre com pressa... Talvez ele intuísse inconscientemente que seu tempo neste mundo seria curto. Adorava música e tocava baixo muito bem, em várias bandas do bairro. Seu “baixo sinistro” era uma paixão, que seu pai havia lhe dado de presente.

Existe uma história que ele mesmo me contou e que depois um amigo seu me confirmou: quando ele estava na segunda série do ensino médio, houve uma olimpíada de matemática. O professor resolveu fazê-la para ajudar as turmas, já que quase todos estavam com notas baixas e a nota da olimpíada elevaria a média do bimestre. Seria em grupos de

quatro alunos. Como desde pequeno ele tinha sido excelente aluno em matemática, todos queriam ficar no seu grupo. Ele me contou: “Mãe, os CDFs (gíria para alunos que só tiram notas altas) me chamaram para formar um supergrupo, mas preferi ficar com os que estavam ‘fer-rados’, pois precisavam desesperadamente de uma boa nota para se recuperarem em matemática.”

O grupo vencedor foi o do Fabrício, que ficou em 1º lugar, com nota dez. Eles ficaram tão felizes e tão agradecidos que quando passei para apanhá-lo na escola, os amigos corriam junto ao carro, batendo nos vidros e gritando: “Valeu, Fabrício, valeu, cara!!!”

Era domingo, almoçamos todos juntos. Após o almoço, fomos conversar no quarto dele e ficamos planejando o feriado da Semana Santa. Como meus filhos não conheciam a Bahia, propus uma visita a esse lindo estado. À noite, antes de sair para a missa, fui até o quarto dele para lembrar-lhe de não comer mais, pois tinha exame de sangue para fazer no outro dia, mas nem cheguei a lhe falar, pois ele estava conversando ao telefone com Juliane, a menina com quem estava saindo e que também acabou falecendo com ele.

Fabrício dividia o carro comigo, mas era muito mais dele do que meu. Como eu tinha saído com o carro, ele chamou o “amigo” Marcelo, que conhecera há pouco tempo – um mês e alguns dias. Saíram ele, Marcelo, Juliane, Mariana e Aline. Foram dar uma volta e depois pararam num shopping na Barra da Tijuca e ali permaneceram até depois das 23 horas. As meninas moravam em Jacarepaguá e certamente deveriam estar com pressa para ir para a casa. A pressa, aliada à inconsequência e à irresponsabilidade do motorista, dirigindo em alta velocidade, ocasionou o acidente.

Dizem que perder um filho é a maior dor que um ser humano pode sentir, é uma dor que extrapola toda as outras. Inicialmente, fiquei em estado de choque e, mesmo tendo passado alguns meses, ainda não acreditava no que tinha acontecido. Brusco e repentino como foi, não



deu tempo de nos prepararmos para o adeus. Se a sua morte fosse ocasionada por doença, talvez houvesse um pouco mais de tempo para nos despedirmos com serenidade. Enfim, a natureza humana não aceita a morte, ela é uma aberração, uma afronta à nossa natureza. Para o ser humano, a morte constitui um drama e uma angústia. Tudo em nosso ser clama por vida em plenitude. O homem quer ser imortal, mas imortalidade não existe neste mundo. Para ganhar a vida eterna precisamos morrer, e a morte não é o fim, é apenas o começo...

A angústia milenar desaparece, sossega o coração cansado de tanto perguntar pelo sentido da vida. Enfim, o futuro se encontra aberto, e um final feliz desponta para a vida chamada vida eterna. "O homem é como um sopro, os seus dias, como a sombra que passa", diz a Bíblia.

Hoje vivo essencialmente da minha fé, lendo muitos livros de teologia. Após um ano, formei em minha casa um grupo de pais católicos que também perderam seus filhos.

Nos reunimos uma vez por mês para rezar o terço, ouvir a leitura de um salmo e conversar sobre nossa vida. Assim, ajudamos uns aos outros, dando-nos forças na caminhada deste mundo rumo ao encontro do Senhor.

Luciane e Fernando Diniz

Pais de Fabrício

Márcio

Vencendo a ausência

Sinto que falta um pedaço do meu coração e sei que o mesmo acontece com todas as mães que, como eu, perderam seus filhos.

Meu nome é Severina. Em primeiro lugar, nesse momento, quero pedir a Deus que me dê forças para escrever este relato, porque todas as vezes em que toco neste assunto é como se estivesse acontecendo tudo novamente, mesmo tendo me apegado tanto a Deus, e tendo certeza de que é Ele quem tem me dado forças para continuar a vida.

Meu filho se chamava João Márcio Tavares da Silva e estava com 20 anos de idade, trabalhava na Universidade Estácio de Sá e na mesma cursava faculdade de Ciência da Computação. João era o filho exemplar que toda mãe deseja ter. Apesar da pouca idade era um grande homem e tinha muitos amigos. Por onde passava fazia amizade, respeitava a todos e era muito querido por aqueles que o conheciam.

Desde muito pequeno já era muito responsável, cumpria seus compromissos com rigor, não gostava de nada que fosse errado e se alguém

agisse de tal forma, ele logo aconselhava sobre o caminho certo. Seu sonho era, depois de concluir a faculdade, cursar Direito, porque queria também ser advogado. Ele era justo, sempre lutou por justiça. João era muito preocupado com a família, e se surgia algum problema, logo se prontificava a ajudar. Sempre me ligava do trabalho para dizer que já havia chegado, e se fosse a algum lugar, também avisava, para eu não me preocupar. Estava sempre me perguntando: “Mãe, a senhora está precisando de alguma coisa? O que precisar, a senhora me fala!” Era assim o meu filho João, era o orgulho da família, todo mundo o elogiava.

Nós morávamos na Usina, na Tijuca, e ele trabalhava de dia e estudava à noite, no Recreio dos Bandeirantes. Como saía muito tarde, tinha dificuldades com o transporte; foi então que decidi comprar uma moto, pois ficaria mais fácil para ele trabalhar e estudar, e não se cansaria tanto. Na época fiquei preocupada, mas sabia que meu filho era prudente, por isso, acabei aceitando. Trabalhava de segunda a sexta, mas quando tinha vestibular, ele era convocado aos sábados.

Em um sábado, dia 3 de agosto de 2002, o relógio despertou às 6 horas, o horário em que ele se levantava para ir trabalhar. Nesse dia eu esperei um pouco e não o vi se levantar, então eu o chamei e falei que o relógio já tinha despertado. Ele respondeu: “Tá, mãe, eu já vou levantar!” E assim o fez. Levantou-se e tomou café. Eu ainda olhei e o vi calçando os sapatos marrons de que ele tanto gostava. Depois ele saiu, mas eu não adormeci novamente. Continuei deitada. Daí a pouco tempo, minha irmã e minha sobrinha, que moravam no mesmo local, chegaram à minha casa desesperadas, chamando minha filha e falando: “João, João!”

Levantei aflita para ouvir o que elas diziam, foi aí que minha irmã conseguiu falar com o amigo dele, o Bruno, que estava indo trabalhar e viu, no Alto da Boa Vista, um acidente horrível de moto, a qual era igual à do João. Bruno queria saber se o João estava em casa. Eles eram muito amigos, tinham até uma equipe de som juntos, a SMG, era como se fossem irmãos.



Bruno viu tudo, mas não queria acreditar nessa desgraça. Meus genros e meus sobrinhos correram até o local do acidente, relativamente perto de casa. Minha filha não conseguia lembrar o número do Corpo de Bombeiros, pois o desespero tomou conta da minha família e dos amigos do meu filho, que eram muitos. Quando minha filha conseguiu ligar para os bombeiros, foi informada de que o rapaz acidentado estava no hospital do Andaraí, mas para a família ir preparada porque o acidente havia sido fatal.

Nessa hora tudo se acabou para mim, não sei como consegui respirar, me faltava o ar, nada mais fazia sentido na minha vida, a não ser chamar por Deus e pedir para ele me levar também. O desespero tomou conta de todos: familiares, amigos e vizinhos. Eu e minhas duas filhas não conseguimos ir ao velório, tamanho o sofrimento. Ninguém pode imaginar; só sabe o tamanho dessa dor quem passa por uma perda igual.

Tudo isso aconteceu por causa de um jovem que também tinha 20 anos de idade, mas era muito irresponsável. Além de estar vindo das baladas pela manhã, estava dirigindo alcoolizado. Em seu veículo havia latas de cerveja e várias garotas, que de tão bêbadas dormiram no chão do local do acidente, sem darem-se conta do que havia acontecido. O condutor fez uma ultrapassagem na contramão, em um local não permitido. Com esse ato irresponsável causou o trágico acidente que tirou a vida do meu filho e desmoronou a minha família, que nunca mais foi e nem será a mesma. Não há mais alegria em datas comemorativas, como aniversários, Dias das Mães, Natal, Réveillon: nada disso tem sentido para mim. Só há recordações de tristeza.

O que me conforta é que creio em Deus, e sei que cada um de nós veio ao mundo cumprir uma missão que só Ele conhece. Somente Deus pode mudar o nosso destino, e se algo acontece é porque Ele permitiu. Hoje sei que, antes de João ser meu, já era de Deus, e Ele me deu e o levou, e eu O agradeço por ter confiado a mim esse ser maravilhoso que foi o meu filho João Márcio, aquele que é tão querido por todos, que me

deu tanto orgulho, tanta alegria, carinho e que eu amo muito. Quanto mais o tempo passa, maior é o amor. O amor é muito grande, só não supera a saudade que me acompanha a todo o momento.

Assim termino minha declaração, deixando uma mensagem para o meu filho: “Sei que Papai do Céu está cuidando de você e que um dia estaremos todos juntos na presença do nosso Pai Eterno. Te amo! Um beijo. Fique com Deus! É o que deseja sua mãe Severina, que só conseguiu encontrar um novo sentido na vida aprendendo a conviver e a aceitar sua ausência junto com outras pessoas que, por imposição do destino, também perderam seus entes queridos de forma tão repentina e violenta. Esses amigos conhecem o sabor da dor, que é tão amarga e que eu não consigo descrever. Meu filho, que Deus te proteja onde você estiver.”

“Deus, obrigada por me permitir seguir a estrada, e perdão pelos meus momentos de incompreensão.”

Severina da Silva

Mãe de João Márcio

Regininha

Regininha

Regininha era uma filha dedicada, carinhosa, trabalhadora, simples e econômica. Para mim, era um ser humano perfeito e iluminado por Deus.

Um belo dia, acordei cedo para meus afazeres domésticos habituais, aqueles que realizava antes de sair para o trabalho. Nesse meio-tempo, o telefone tocou: era uma amiga que não me ligava com frequência. No meio da conversa, me perguntou a idade de Regininha. Respondi que estava com 28 anos e, então ela falou: “É muita coincidência”.

Também me perguntou se eu tinha falado com ela naquele dia. Disse que não. Então, pediu a mim que tentasse entrar em contato com ela e depois retornasse a ligação. Foi aí que perguntei o motivo daquilo tudo.

Falou-me então de um acidente, que tinha uma jovem vítima com o mesmo nome da minha filha. Quando liguei, quem atendeu o telefone foi a mãe do namorado dela, e eu perguntei por minha filha. Ela só foi capaz de dizer que já não podia fazer mais nada, porque o corpo já estava no Instituto Médico Legal – IML.

No dia do acidente, como de costume, ela fora buscar o namorado na boate em que ele trabalhava, em Copacabana, por volta de 3 horas da manhã de uma quinta-feira, quando perdeu a direção (talvez porque estivesse sonolenta) e colidiu com uma mureta num posto de gasolina na Praça da Bandeira. Eu só sei que, naquele momento, foi como se estivesse anestesiada, sem acreditar no acontecido.

Como estava só em casa, liguei para o meu filho mais velho, perguntei onde ele se encontrava, pois ele mora em Rio das Ostras. Ele respondeu que estava no Rio, e pedi para que viesse ao meu encontro, pois havia acontecido um acidente com Regininha. Disse-me que já sabia e que se encontrava no local do acidente. Também já havia comunicado à outra irmã, que mora em São Paulo mas estava a caminho do Rio.

Foi um choque para todos nós, familiares e amigos. A cada dia que passa, vou superando a perda, graças à minha fé em Deus, aos amigos e ao trabalho.

Regina Luiz Marcolino

Mãe de Regina

Neci

Começar de novo

Minha mãe teve uma vida de altos e baixos,
devido à vulnerabilidade financeira de meu pai.

Ainda assim, teve nove filhos, os quais
criou com muito afeto e caráter.

Isso demonstra que os valores das pessoas não estão no que possuem, mas nas relações que estabelecem, principalmente em família. Posso dizer que minha mãe era quase perfeita e eu a amava muito...

Ainda lembro-me com muita clareza das reuniões em família, nas quais meus pais exigiam a presença de todos e minha mãe preparava o ambiente e os comestíveis. Acho que até hoje sinto o gosto do tempero dela, que era uma delícia.

Sem dúvida alguma, posso dizer que aquela foi uma fase muito feliz, pois, embora cedo, todos já tivéssemos nossas responsabilidades, inclusive a de cuidar de uma de nossas irmãs, que era especial, nada freava nossa alegria e a única coisa que minha mãe demonstrava sentir

era a ausência de meu pai, que frequentemente se afastava por motivo de trabalho, já que somente longe conseguia atividades rendosas para manter o sustento da família.

Apesar de tantos filhos e das “arengas”, todo novo parto de mamãe era comemorado como o pôr do sol, com muito calor e alegria.

Com o tempo papai foi se restabelecendo, e só a partir daí pude experimentar uma relação mais próxima, podendo entender que, no fundo, ele nunca quisera estar longe. Ele deixara de fazer suas escolhas por amor à minha mãe e aos filhos, pois se não fosse assim continuaríamos desnutridos e até morrendo, como o que aconteceu com dois de meus irmãos.

Agora, imagine você ser um pai e ver seu filho partir por não ter o que comer! É muito triste! E meu pai, como homem determinado, precisou agir para nossa preservação.

Nessa época – em que papai pôde ser mais atencioso com mamãe e com os filhos –, nós já estávamos procurando outros destinos, fosse um trabalho ou um casamento, mas todos permaneciam sempre próximos. Mamãe já vivia mais folgada e até podia se cuidar e passear.

Mas sabe de uma coisa? Com toda essa luta, nunca vi minha mãe se impacientar por completo. Ela era batalhadora e acolhedora e, ao mesmo tempo, calma e serena. Como era bom ser filho daquela mãe!

Casei com a mulher que amava e dei a meus pais um neto lindo. Às tardes eu saía para trabalhar lá perto e tudo corria bem. Certa vez, num dia aparentemente tranquilo, minha mãe mostrou-se diferente, um pouco agitada e confusa. Ao mesmo tempo, queria levar uma prima à rodoviária e meu irmão a uma consulta médica. Vendo a indecisão de minha mãe, sugerimos que ela deixasse a consulta de meu irmão para outro dia, já que não era nada grave, e acompanhasse a nossa prima até a rodoviária. Entretanto, ela resolveu levar meu irmão para a tal consulta.

Ao chegar do trabalho, vi meu pai sentado na carroceria do seu carro esperando por ela, mas não estranhei, porque ele agia sempre assim.



Observei, porém, que a noite já entrava pelo dia e para ela, que saiu por volta de meio-dia, a demora estava grande. Já eram 19 horas!

Meu pai já dava sinais de estar nervoso, pois sentia a demora. Como sabia que mamãe quando saía era muito despreocupada com o horário, procurei tranquilizá-lo, mas com o passar das horas, até eu comecei a perder a paciência e, às 22 horas, cansado de esperar em vão, fui procurá-la.

Peguei meu filho ainda com poucos meses de vida, chamei meu pai, coloquei ambos no carro e lá fomos nós, com os nervos à flor da pele.

Antes de qualquer coisa, fui ao hospital onde, supostamente, ela estaria com meu irmão para a dita consulta. Já na recepção pedi informações, dando as características de minha mãe e do meu irmão. A recepcionista, educada, pediu que eu entrasse, pois o diretor queria falar comigo.

Seu jeito de falar me deu um frio no estômago, mas fui até a sala determinada e, ao ser perguntado, respondi novamente, já muito nervoso, que era filho dela.

Observei que ele tentava ser cuidadoso ao falar sobre um acidente envolvendo minha mãe e meu irmão, e que o menino reagia bem. Quase deixando as lágrimas caírem perguntei onde estava minha mãe, e então ele disse que estava no Instituto Médico Legal – IML.

Por um instante me mantive calmo, sem sequer me dar conta de que o IML é um local destinado aos que já faleceram. Naquela hora acho que queria entender que IML era só um setor do hospital, talvez para não desvendar de vez a dura realidade da perda de minha mãe. Eu ainda disse ao doutor: “Bom, pelo menos ela está viva, não é?”, e o médico, aparentemente solidário ao meu sofrimento, calmamente esclareceu que ela estava morta.

Ouvir aquilo, naquele momento, foi como ter sido atingido por uma bomba. Fiquei desorientado e aí lembrei que meu pai me aguardava, já havia algum tempo com o meu filho na porta do hospital.

Eu, sinceramente, não sabia o que fazer, mas tinha que agir. Poupei meu pai da notícia até chegar em casa. Atendendo ao pedido do médico, tratei de providenciar alguém para acompanhar o meu irmão acidentado.

Ao entrar no carro, meu pai perguntou: “Onde está sua mãe?”. Menti, dizendo que ela estava lá dentro com meu irmão e que nós iríamos em casa buscar outra pessoa para acompanhá-lo, para ela descansar.

Sem dúvida, jamais esquecerei tudo aquilo, foi o pior dia da minha vida. Ao chegar em casa, atordoado, já não podia esconder o que os mais sensíveis já tinham percebido e dei a triste notícia. Foi um grande sofrimento para todos.

No outro dia, após o velório, aconteceu o enterro e todos foram, menos meu pai, que entrou em estado de choque e só chorava, olhando para a casa como se minha mãe fosse voltar. Enquanto perdíamos a mãe, ele perdia a esposa e a companheira de tantos anos. Só chorávamos e rezávamos pela alma dela, pois sabíamos que depois dessa dor a vida seria outra sem a nossa mãe. E foi mesmo. Com o passar do tempo, as coisas foram se tornando difíceis e todos sentiam falta daquela peça-chave que abria todas as portas diante das dificuldades. Era o alicerce, e agora temíamos, pois não podíamos deixar a “casa cair”, afinal, minha mãe deixou três crianças que precisavam de cuidados, inclusive aquele que vivenciou o acidente com ela e que, além das marcas do corpo, trazia as lembranças na mente.

Todos cooperamos, de forma que a vida já ia tomando seu rumo de forma quase normal. O nosso único problema era a caçula que, doente mental, era a mais dependente, mas, mesmo assim, na medida do possível, fomos “tocando” nossa vida, aceitando a ajuda de todos.

Alguns anos depois, dos nove irmãos, sete já haviam se casado. Meu pai que, desde o falecimento de minha mãe parecia ter perdido um pouco o prazer de viver, estava doente e veio a falecer. Como, nesse caso, eu sofria com a sua doença, a morte, apesar de sentida, foi um alívio. De certa forma, não foi algo repentino como o que aconteceu com minha



mãe. Ela, sim, se foi pela desatenção de um motorista de caminhão imprudente ao volante. Só que depois de anos de luta, a empresa à qual o caminhão pertencia pagou uma pequena quantia a meu pai, que serviu apenas para ornamentar o túmulo de minha mãe.

Acho que a certeza da impunidade diminui a responsabilidade dos motoristas que matam e ferem diariamente pessoas, destruindo histórias de vida e provocando dores que só conhece quem vivencia situações dessa natureza.

Por anos guardei essa história presa no peito, até que me vi, por ironia do destino, cumprindo pena por um crime de trânsito e, conversando com uma das pessoas responsáveis, comecei a desabafar, pois até então já vivia com essas lembranças quase mortas, aceitando somente a saudade que me remetia a outros tempos.

Falando de minha situação atual, talvez por não ter usufruído dos bens materiais que gostaria de ter tido, cedo ensinei meu filho a dirigir e me senti além de bom pai, seu amigo. Como as coisas estavam boas financeiramente, procurava lhe dar o que sonhei e não pude ter. Tinha uma dificuldade muito grande de dizer não a seus pedidos, e por esse motivo acabei me envolvendo numa situação que não desejo para ninguém.

Era véspera da final da Copa do Mundo, 30 de junho de 2002. Fomos a uma festa na casa da namorada de meu filho, onde havia muita alegria. Minha filha recém-nascida também estava comigo. Resolvi me despedir cedo, pois no dia seguinte continuaríamos a festa, afinal, o Brasil tinha acabado de ser campeão do mundo!

No outro dia, meu filho me pediu o carro emprestado, na intenção de comemorar com os colegas e, dessa vez, um pouco contrariado, eu disse não, pensando no perigo dos tumultos das ruas e no “povo bêbado”. Mesmo diante da minha negativa ele insistiu muito, mas eu continuava firme. Entretanto, com o coração mole, mais uma vez me deixei vencer pelo cansaço quando ele disse que iria somente à rua ao lado buscar a namorada.

Fiquei em casa, assando meu churrasco e tomando minha cerveja tranquilo. Quando o telefone tocou, ouvi a voz de meu filho, nervoso, dizendo ter se envolvido num acidente. Não dei atenção, já que ouvi sua voz e vi que estava vivo, então continuei minha festa. Uma hora depois ele apareceu com meu carro amassado e eu pedi que o guardasse, sem querer ver, para não ficar aborrecido.

Em seguida, chegou meu sobrinho e disse que todos ficaram a noite toda sem dormir e que a maioria tinha bebido muito. Eles haviam combinado de sair em três carros e uma moto, para “zoar”, quando aconteceu o acidente. A moto, que carregava um casal de “amigos” do meu filho, atravessou a frente do carro e ele acabou colidindo com a mesma. Embora ninguém tenha morrido, os ocupantes da moto se machucaram.

Depois disso, não tive mais sossego. Meu filho foi ameaçado inúmeras vezes pelo pai do condutor da moto enquanto eu permanecia calado, procurando entender seu sentimento. Passei dias consertando a moto quebrada e comprando remédios para o casal de “amigos” durante meses. Por fim, queriam exigir que eu pagasse uma máquina fotográfica, um cordão, um relógio e uma pulseira que diziam ser de ouro, além de passagens e almoços para ambos sempre que fossem a tratamento.

Comecei a me sentir explorado! Reconhecia meu erro, afinal, entreguei meu carro para meu filho inabilitado e ele havia se envolvido em um acidente, no qual até hoje não sei quem foi o responsável. Entretanto, erramos os dois, ele por dirigir sem carteira e eu por ter confiado meu carro a ele, acreditando que iria somente à rua ao lado, sem procurar saber se, de fato, estaria em condições de dirigir. E esse rapaz da moto que também participara da farra da noite anterior? Será que tinha condições de conduzir o seu veículo? Não sei e nem procurei mais saber de nada, inclusive decidi não dar mais um tostão para aquela família que estava abusando de mim, e aguardei a decisão da justiça.

Nessa ocasião, insatisfeitos, espancaram meu filho na saída de uma festa. Quase perdi a cabeça, mas, aconselhado, dei queixa na delegacia e o levei para fazer o exame de corpo de delito.



Fui intimado a comparecer ao fórum sem saber do que se tratava. Lá descobri que eles pediam uma alta indenização e, não tendo como pagar, entreguei nas mãos de Deus. Tempos depois fui julgado e condenado a pagar seis meses de pena alternativa, o que me levou a refletir e aprender muito. Hoje, jamais me deixaria “seduzir” pelos pedidos de meu filho, sabendo das consequências que isso poderia trazer.

Saber dizer não aos filhos é muito importante, afinal, há quem afirme que o trânsito é uma questão de comportamento, e este tem origem nas relações estabelecidas em família, nas quais os limites precisam ser respeitados, inclusive pelos pais, que querem dar aos filhos o que não tiveram e se perdem no meio do caminho sem certeza da própria direção.

Dedico esse texto aos meus pais, que eram pessoas muito queridas e especiais em minha vida. Embora só tenha aprendido a lição anos mais tarde, foram eles que me disseram “não” diversas vezes e que me fizeram compreender limites. Com o erro, pude traçar uma nova forma de pensar, inclusive sobre o trânsito. A pena, para mim, foi antes de tudo um aprendizado, e hoje que termina, já sigo a estrada para uma pequena cidade do Espírito Santo, onde pretendo viver tranquilo com a grande mala de lembranças e saudades doloridas que a vida me deu.

Martinho Marinho Dutra*

Filho de Neci Deodato Galdino.

*Martinho Marinho Dutra perdeu a mãe num acidente de trânsito e, mais tarde, se envolveu em delito de trânsito, tendo cumprido pena alternativa no Detran, onde o acompanhei.

e Josefa

Natal vazio

Falar das duas é muito difícil, mas posso dizer que foram as pessoas que mais me fizeram feliz nesta vida.

Eram pessoas maravilhosas, especiais como todos aqueles que amamos e que seguem o destino que Deus determina, separando-se da gente, algumas vezes, surpreendendo nos com a dor.

Minha mãe e minha única filha, Carolina, já haviam me acompanhado várias vezes naquele instituto de crianças especiais. Na noite anterior ao dia 20 de dezembro de 2000, minha mãe havia dito que não gostaria de ir à festa de Natal das crianças e que ficaria em casa. Então decidi que levaria Carolina comigo, se ela quisesse.

Observei que as duas acabaram adormecendo no tapete da sala. Como eu havia cochilado, acordei tarde da noite sendo chamada pela minha sobrinha Gisele, me perguntando onde estavam sua prima e sua avó. Respondi, sonolenta, que estavam na sala, mas ela disse que já tinha ido lá e não as havia visto. Fui com ela e vi as duas abraçadas dormindo no tapete.

Acordei minha filha e a levei para dormir no cantinho da minha cama, e mamãe foi dormir no outro quarto com a minha sobrinha, que tinha vindo ao Rio buscá-la para a sua formatura em Friburgo. Ao acordar, chamei Carolina para ir trabalhar comigo e ela aceitou, mas logo adormeceu novamente. Fui me arrumando e, quando já estava pronta e tentava acordá-la para ir comigo, minha mãe disse: “Ela não quer ir, deixe-a em casa.”

Pensei duas vezes. No fundo, sabia que a minha mãe cuidava muito bem dela e, mesmo querendo que ela fosse curtir a festa comigo, deixei-a com mamãe. Pensei que talvez dessa forma até pudesse auxiliar mais na festa.

Saí de casa, peguei meu carro e fui por aquele percurso longo pensando em Carolina. Queria tanto que ela estivesse comigo que cheguei a me arrepender de não tê-la levado.

Durante o dia ainda tentei ligar para a casa, mas o barulho era ensurdecedor no evento natalino do Instituto. Lembro-me de que ganhei muitos presentes para Carol e, no final, saí levando um pedaço de bolo para as duas, como eu sempre fazia.

No caminho de retorno, dei carona a uma amiga, com quem eu falava sobre algumas dificuldades, pois chegara o Natal e eu nem mesmo tinha dado um trato no cabelo. Após me ouvir e saber que passaria na casa dela, minha amiga se ofereceu para pintar meus cabelos. Aceitei, comprei a tinta e lá íamos nós.

No retorno para a minha casa costumava pegar um trajeto, mas especialmente naquele dia desviei o caminho para outra rua, já que decidira conhecer o apartamento daquela amiga. Quando cheguei à Rua Uruguai, no Andaraí, observei que o trânsito tornara-se lento, engarrafado. Comentei com a colega e ela justificou dizendo ser o período de Natal. Seguimos e logo ela me alertou de que havia um acidente fatal e que eu não deveria olhar porque estava dirigindo.



No local, passei o olho e avistei aquele terrível plástico preto e comentei o quanto deveria ser difícil perder um parente naquela época. Jamais passou pela minha cabeça que algo estaria acontecendo com alguém querido naquele momento. Segui o meu caminho e nem pensava mais na situação.

Subi no apartamento de minha amiga e elogiei o espaço. Como pensava que minha mãe e minha filha me esperavam em casa, ela começou a pintar os meus cabelos rapidamente, para eu terminar logo e poder ir embora. Pouco depois, a outra amiga que morava com ela chegou. Iniciamos uma conversa animada e, no decorrer do papo, ela comentou sobre o acidente ocorrido. Minutos depois, meu celular tocou. Era meu ex-marido, pai de Carol, que do outro lado da linha disse: “Que história é essa de que a Carol e a sua mãe sofreram um acidente?”

Ali, perdi os sentidos e em fração de segundos, senti a pior sensação já experimentada, ao associar o acidente anterior ao que ouvira. Comentei com as meninas e corri para a rua com a tinta ainda nos cabelos. Queria ver o que não queria constatar.

Com as colegas, peguei um táxi e voltei ao local do acidente. Vi o par de sandálias da minha mãe solitários de seus pés e uma multidão olhando um corpo envolto em um plástico preto (detesto esses plásticos que cobrem os corpos na rua). Ali eu já sabia que aquele acidente que eu vira anteriormente não acontecera com os outros, mas com as minhas pessoas queridas.

Parada e apavorada, ouvi alguém dizer: “Coitada!”, enquanto outra pessoa me trouxe um copo d’água. Eu olhava inerte aquele corpo que tanto amava, que tanto me acolheu e ajudou. Por alguns minutos nem sequer pensei em minha filha, pois até ali não sabia quem eu amava mais. Minutos depois, perguntei: “Minha filha, cadê minha filha?”

Um policial me chamou e disse: “Ela foi para o hospital, mas não saiu daqui nada bem.”

Reencontrei minhas amigas e o taxista já não estava mais lá. Peguei outro táxi e, da Rua Uruguai ao Hospital do Andaraí, sofria e pensava que já não tinha minha mãe, que precisava cuidar da minha filha. Imaginava as estratégias que eu poderia arquitetar para que nada lhe faltasse; para que conseguíssemos viver sem a minha mãe.

Ao entrar no hospital, ninguém queria me receber, mas eu queria ir para junto de minha filha. Posteriormente, fui chamada por um médico e uma assistente social. O médico começou a dizer: “Fizemos o que foi possível, mas...”. Eu completei: “Ela morreu”. Naquele momento, foi como se abrissem um grande buraco e eu entrasse dentro. Eu começava uma nova vida, enquanto duas vidas se perdiam de modo estúpido e infeliz. Estava com uma sensação muito ruim quando algumas pessoas foram até lá. Lembrei-me, por um momento, de que a minha sobrinha estava se formando e que o tio e a prima de Carol faziam aniversário naquele dia.

Apesar de tudo, eu estava sozinha e agora tinha que agir. Essas amigas e mais outra que chegou foram incansáveis, permanecendo ao meu lado e me ajudando a resolver as questões que iam surgindo.

Preciso de uma pausa para dizer que muito resisti para escrever isso, porque enquanto escrevo, revivo, choro... Bem, mas vou seguindo. Depois da constatação do ocorrido, não sei descrever realmente como me sentia, mas cuidei de tudo. Fui em casa com as duas colegas, procurei os documentos e escolhi as roupas. Queria vesti-las de modo que elas gostassem. Para Carol, escolhi uma roupa da Barbie, com um par de meias das Olimpíadas, e para mamãe, uma saia bonita estampada com uma blusa. Segui para o Instituto Médico Legal – IML e lá já havia algumas pessoas amigas que procuravam me apoiar. Eu, em choque, não conseguia nem mesmo chorar.

A demora era grande para a liberação dos corpos. Já tinha uma funerária me ajudando a pedido de uma colega, enquanto o policial de plantão do IML me pedia propina para liberá-los, alegando que estava chegando



o Natal e ele precisava comprar presentes para suas crianças. Aquilo me chocou, mas o rapaz da funerária pediu que ele “pegasse leve”, pois eu havia perdido minha mãe e minha filha. Houve um silêncio. Eu me afastei a pedidos, e as coisas foram sendo resolvidas.

Saí dali, fui para uma funerária e, nesse momento, já contava com outros amigos e com o pai de Carol, que também estava muito sofrido. No interior da funerária vimos pela última vez o corpo de nossa filha, que vestimos e enfeitamos. Observei que ela tinha escoriações na testa e em uma das pernas. Enfeitei a sua testa com flores, escondendo a lesão. Minha mãe já viera pronta, talvez pelos elevados traumas provocados pelo choque.

Houve o velório. Muita gente, muita dor e indignação. A empresa na qual o motorista que as atropelou trabalhava em momento algum se pronunciou ou se prontificou a dar algum tipo de ajuda.

Fiquei em choque. O Natal passou e fiz o que minha mãe deixara por fazer; já nem me lembro quem estava comigo. Veio a missa de sétimo dia e depois fui passar uns dias em Rio das Ostras. Lá me medicava com psicotrópicos e dormia. Às vezes, quando acordava, não sabia se aquilo era verdade. Quando “caía na real”, chorava muito. Alguns pediam para eu não chorar, mas como não chorar a dor que me invadia a alma, fazendo doer meu corpo?

Dias depois, me olhei no espelho e vi que era tempo de despertar. Retornei ao trabalho. Lembro-me de que algumas pessoas fugiam de mim e eu me sentia abandonada. Hoje sei que era a forma de não me dizer nada. Afinal, o que dizer diante de uma situação como essa? No trabalho, quis me recolher, mas muitas vezes não me entenderam, quis falhar, mas me cobraram, e a vida seguia, enquanto me reerguia em minha solidão.

Nunca parava de pensar nelas e em minha busca por justiça, até que um dia conheci Vera Dias Carneiro, que me deu uma força. Ela perdera um filho dessa forma e lutava por justiça para os crimes de trânsito. Sua

intervenção em minha vida foi decisiva e muito valiosa. Mas eu entendia que era necessário haver um equilíbrio interno para que a vítima de trânsito entendesse seus direitos e buscasse justiça.

Desta forma, um dia, indo trabalhar, surgiu a ideia do Núcleo de Apoio à Vítima (NAVI) e, no início, foi difícil começar o projeto, mas hoje vejo que esse foi o modo que encontrei para dar sentido à vida. Claro que preferia não ter tomado esse destino, mas se precisei passar por isso, fico grata a Deus por ter me ajudado, tornando minha experiência útil para as outras pessoas, além de me fazer crescer diariamente com as histórias que escuto.

Quanto à justiça, ainda aguardo, mas nunca desisti, afinal, Deus não dorme, e eu ainda acredito na justiça dos homens.

Peço desculpas aos que cobrei rapidez para compor o texto deste livro. Na verdade, só agora consegui escrever e entender que esse depoimento é doloroso e difícil, e se o leitor observar, falei mais de mim do que delas. Acho que precisava externalizar a angústia que ficou, e tenho certeza de que, para todos, escrever este material foi um exercício de muito esforço, porém algo descongestionante. Espero que vocês entendam que esse é o motivo pelo qual não vou refazer o texto.

Espero, sinceramente, que possamos transformar a realidade do trânsito e poupar dores e sofrimentos desnecessários.

Maria José da Silva Amaral

*Mãe de Carolina e filha de D. Josefa,
responsável pelo projeto deste livro.*

Edson Oliveira do Amaral

Pai de Carolina

Ricardo

Menino das ondas

Escrever sobre a vida do meu filho é fácil,
por causa da incontável quantidade de fatos
agradáveis colecionados ao longo desses anos.

Difícil é conviver com a dura realidade de ele não viver mais entre nós, mortais. Porém, carrego a certeza de que Deus precisou de um anjo da Terra ao seu lado, e este anjo era meu filho. Eu devolvi a Deus a joia que ele havia me emprestado por 20 anos.

Ricardo foi uma criança muito levada e saudável: brincava de pipa, bicicleta, skate, etc. Jogava futebol mais ou menos, mas surfar, ele surfava muito bem. Aprendeu a surfar com dez anos, e uma vez ganhou um campeonato amador. Na entrega do prêmio que, se não me falha a memória, era uma bermuda, uma camisa e um boné, ele não pôde comparecer. Tudo foi guardado em um trailer para ele, mas foi roubado, o que o deixou muito triste. Eu o aconselhei, dizendo: “Filho, triste deve estar a mãe do menino que roubou.” Como surfista ele já salvara muitas pessoas que se afogavam. Como amigo, ele sabia ouvir. Como filho, aí como filho...

Aos 18 anos ele quis fazer uma tatuagem. Passou quase dois anos com o desenho na mão para tatuar – uma onda com um sol. Começou nas costas, embaixo do pescoço. Cada semana fazia mais um pedaço, até que fez o sol, que era uma bola grande. No desenho do papel, tinha um homem mal-encarado, e eu falei: “Filho, essa cara do sol está muito zangada!”

Ele fez uma surpresa, pegou uma foto minha e tatuou. Foi uma grande emoção!

Como trabalhador, era muito bom: começou aos doze anos com festas infantis. Como estudante, eu ralei, troquei-o de escola várias vezes, briguei até demais. Havia se formado no 2º grau há pouco tempo, e essa escola nos enviou uma coroa de flores. No dia do acidente, fui para capela quase de olhos fechados.

Ele queria que eu tatuasse três estrelas, representando os meus três filhos, eu não sei se um dia terei coragem para isso. Mas foi assim que Deus fez e assim que eu aceito, porque tudo o que me aconteceu foi com a permissão d’Ele.

Ricardo era um menino muito bonito, com muitos amigos, amigas e uma namorada de cinco anos, Thaís. Um amor que só o destino separou. Apoiado pelos familiares, eles curtiram muito a vida. O último passeio deles foi à casa do tio, em Búzios, onde se divertiram bastante.

O que ele mais gostava de fazer, além de surfar, era andar de moto. Havia comprado uma e ainda a estava pagando. Vivia nela para cima e para baixo, e o avô reclamando sobre o capacete. Ele sempre dizia: “O que tiver de acontecer, acontecerá.”

Adorava o mar e vivia em sua prancha, se equilibrando sobre as ondas. Hoje em dia, o que eu mais desejo é que Deus tome mais uma estrela no céu, mais uma estrela a brilhar à noite.



Relato da Sogra

Ricardo era bastante conhecido no bairro e muito querido por todos. Infelizmente, para os que o conheceram e desfrutaram de sua amizade, do amor e até dos próprios conselhos de uma pessoa tão especial, o dia 7 de dezembro de 2004 ficou marcado com uma perda irreparável.

Ao amanhecer, o sol brilhava bastante, parecia um dia muito bom e alegre, mas, infelizmente, para nós não foi bem assim. Neste dia deixou de existir no plano físico Ricardo Alfredique Renaux. Como me dói começar a escrever isso, pois foram os momentos mais difíceis pelos quais eu já passei em minha vida.

Estava em casa com Thaís, namorada dele, quando o telefone tocou. Parecia que os dois já haviam conversado pelo celular e só estavam marcando de ele vir buscá-la. E ele queria abraçá-la, já que haviam sonhado um com o outro.

Lamentavelmente, o destino não deixou que esse encontro acontecesse. Saindo de casa, encontrou o pai e os irmãos; beijou-os e foi direto buscar Thaís. Entretanto, no trajeto da Comendador Siqueira até a Henriqueta, em Jacarepaguá, ele passou por um pequeno trecho da Geremário Dantas, onde o acidente aconteceu, na altura do número 177, faltando poucos segundos para chegar à minha casa.

O que de fato aconteceu, eu realmente não sei, pois foram várias as versões, e eu não tive condições de entender coisa alguma. Se olhássemos de um modo geral, veríamos que não existia trânsito para justificar aquilo.

No momento do acidente, eu estava em casa com Thaís, arrumando as compras que já eram para o Natal, quando o nosso vizinho começou a gritar pelo nome do meu marido. Resolvi chegar à janela e perguntar o que estava acontecendo. Ouvi bombeiros passando e pessoas correndo. Meu vizinho gritou: “Desce agora!”

Deixei Thaís arrumando tudo e desci. Só que não sabia o que me esperava. Quando cheguei lá, o vizinho me disse para ir até o ponto de ônibus e ver se eu conhecia aquele rapaz. Dei a desculpa de que estava de short curto, e descalça, mas as pessoas começaram a se juntar e resolvi ir. Quando me aproximei do asfalto, encontrei Paula, que tentou me segurar. Eu a empurrei e fui ver.

Assim que olhei, vi um rapaz caído e pensei logo nele. Em silêncio, me aproximei e comecei a chorar muito, não querendo acreditar que meu genro tinha passado por tudo aquilo. Eu o reconheci pela bermuda e pela blusa. Lembro-me de ter pedido aos bombeiros que o socorressem. Muito nervosa, pedi que olhassem seus documentos, mesmo já sabendo que era ele, e corri para casa. Quando cheguei ao portão, Thaís chegou na janela e falou: “Mãe, você viu Ricardinho aí embaixo? Ele deve estar vendo isso aí.”

Confesso que quase desmaiei! Precisava enfrentar um dos piores momentos, mesmo não estando bem, tinha que avisar a todos!

Pensei em Elisa, Ricardo, Dona Dolores e todos os demais. Voltei-me para Thaís e disse a ela que o pai tinha passado mal e caído na rua. Precisava ganhar tempo, pois ainda não tinha coragem de dar a triste notícia. Peguei o telefone e liguei para Lucas (irmão de Ricardo) e perguntei: “Cadê sua mãe e seu pai?”

Lucas, o irmão, e Lívia, a irmã, ficaram me ajudando a achar alguém, sem saber de nada. Conseguiram que Ricardo (pai) entrasse em contato comigo. Confesso que tentei ser muito forte com ele, e só pedi: “Vem pra cá agora.”

Meu marido entrou em casa desesperado e, tentando ajudar a filha, lhe deu a notícia. Não dava mais para segurar, pois a rua estava cheia de colegas e parentes chegando, enquanto eu procurava quem me ajudasse. Em minha casa, três pessoas oravam por Thaís e pela família dele.



Resolvi descer de novo e, então, vi o desespero de Ricardo (pai) junto ao meu marido, e fui até o local. Puxa! Realmente a minha ficha caiu e chorei muito, lembrando que foram tantas as vezes que ele me pediu para ir à Igreja. Nesse momento, abri uma roda de amigos e falei com Deus: disse que não estava entendendo, mas eu queria que Ele o encaminhasse e que fosse feita a Sua vontade. Colocaram o pai dele dentro da roda, já que estava precisando de muita ajuda de Deus e conforto. Ricardo (pai) também era abraçado por amigos e colegas, e todos numa corrente de solidariedade ajudavam uns aos outros.

Lembro-me que Léo, um amigo de Thaís, aproximou-se de mim e pedi a ele para procurarmos Elisa. Naquele momento, a avó de Ricardo estava na Igreja Universal, e fomos até lá vê-la. Houve muita emoção quando, de longe, a vi na fila para receber a benção. Chorei muito, e pedi para os obreiros avisarem a ela. Faltava Elisa.

Léo entrou no carro comigo e fomos até a casa dele, depois finalmente encontramos Elisa, que desesperada ouviu a triste notícia. Ao chegar em casa, Elisa e eu demos a notícia para as crianças. Tentei ajudá-la um pouco, e depois as pessoas foram chegando e tentando consolar, com abraços e palavras.

O sepultamento aconteceu numa tristeza só. Gostaríamos que todo o nosso sofrimento de perda fosse um exemplo para que pelo menos as pessoas tenham mais atenção, e para que, no trânsito, ao menos no Rio de Janeiro, haja conscientização para o despertar de uma mudança conjunta.

Por que o sinal continua no mesmo lugar? O caminhão pode ter lavado as rodas e, provavelmente, já está trafegando por aí normalmente. E cadê Ricardo? Ele fica na relação de mais uma vítima que é retirada do seio de sua família e de amigos, deixando muitas saudades entre todos que o amavam muito. Felizmente existe um Deus vivo que restaura vidas e consola corações.

Todos nós estamos tentando viver. Dona Dolores continua indo à Igreja e tem me ajudado muito; às vezes passamos noites muito divertidas com os pequenos Lucas, Lívia e Thaymar, minha filha.

Elisa e Paula – segunda mulher do Ricardo (pai) – montaram uma loja. Ricardo recebeu uma benção, e será pai de novo. Thaís também já tem outro namoradinho, Fábio (Pequeno), o qual a tem ajudado bastante. O pai de Thaís também está melhor. Tatiane e André também estão muito bem.

E a vida continua... Mas ao sair de moto, use o capacete.

Tânia Maria Alvarenga Trinxet

*Sogra de Ricardo, com a
colaboração dos pais do mesmo*

Viagem

Arrancado da vida por um juiz

Meu filho Tiago “desembarcou” no mundo dos homens no dia 5 de setembro de 1984, de parto normal.

Lembro-me de ter precisado de muita determinação para deixá-lo nascer, pois seu pai o rejeitara desde o ventre. Dispus-me a aceitá-lo e a amá-lo desde então, pois para mim ele já existia.

Como primeiro neto, foi muito bem recebido e querido pela nossa família, que muito me ajudou, principalmente minha mãe, a quem sou muito grata até hoje. Naquele tempo, quando a repressão sexual era maior do que nos dias de hoje, cheguei a pensar que minha mãe fecharia as portas para mim por vergonha de outras pessoas.

Confesso que, por vezes, cheguei a cogitar dar fim à minha própria vida, e quando via um carro, pensava em me jogar na frente dele (vejam só!), mas no fundo eu não queria morrer, só queria ser aceita com a minha criança.

Fazia qualquer trabalho digno para criar Tiago, tendo que batalhar muito para arrumar o pão de cada dia, já que era eu que alimentava meu

garoto, pois o pai praticamente o tinha esquecido. Porém, isso não importava, pois eu supria o amor em todos os sentidos.

Tiago cresceu e foi para a escola. Sempre foi um bom aluno e sonhava em ingressar na Marinha, onde queria fazer carreira. Era cheio de grandes objetivos e de muita vontade de viver, divertia-se em praias, clubes e, inclusive, praticava esportes.

Apesar das dificuldades, foi um adolescente compreensivo e nunca me deu trabalho. Era um bom companheiro, muito querido por todos e, vez por outra, até confidente.

Como para uma mãe o filho nunca cresce, eu o sentia como uma pequena criança, buscando o acolhimento materno com a cabeça repousada em meu colo, assistindo à televisão, enquanto eu acariciava seus cabelos negros e rebeldes. Era um tempo maravilhoso, que deixou saudades que jamais passarão!

Meu filho morreu. Após sua morte, embora chorosa e sofrida, busquei a justiça e conheci muitas pessoas. Algumas, inclusive, tinham passado por perdas tão grandes quanto a minha e eu não conseguia entender a resignação daquela gente, pois sentia muita raiva e até ódio diante de uma ausência tão preciosa. Em meus pensamentos, revivia o que passou e o que jamais poderia continuar sendo, devido à crueldade daquele crime! Chorei muito, fui à mídia e me recolhi. Queria vingança de qualquer jeito e assim, nessa inquietação, não conseguia ter tranquilidade para olhar para mim e ver as marcas que o sofrimento deixara em minha face. Por muito tempo chorei durante horas, enquanto me recusava a comer e olhar para o mundo novamente.

Hoje em dia, penso que a minha situação em relação à justiça é mais complexa do que a de outras pessoas. Meu filho foi arrancado do mundo por alguém que deveria zelar pela retidão, mas que, como juiz, foi absolutamente injusto, dizendo tê-lo confundido com uma pedra, abandonando-o sem vida no asfalto. Que dor pensar nessa cena!



Assim, por muito tempo, participei de movimentos, voltei a me interessar pela vida, porém nada era como antes, pois não tinha mais o meu querido Tiago, por quem eu lutava para dar até mesmo o que não tinha.

Nessa luta fui a várias repartições em busca de justiça, e por incrível que pareça, talvez por coincidência, sempre encontrava alguém que tinha o nome do meu filho e que me atendia com muito carinho e atenção.

Batalhei o máximo que pude e jamais parei. Tenho consciência de que não terei meu filho de volta, mas ele está no meu coração, colorindo minha vida, que já foi tão opaca no início de sua partida.

Sigo lutando por justiça e, agora que já estou mais equilibrada, consigo trabalhar, rever os amigos e entender que, na vida, todos são marcados de alguma forma. A perda de um filho é algo impensável. Certamente foi e continuará sendo a maior dor de minha vida. Ainda carrego o sofrimento da perda e, apesar do peso, tento continuar caminhando.

Ana Amélia Silva Rocha*

Mãe de Tiago

*Ana Amélia engravidou novamente e em 08/08/2008 deu a luz a uma menina (Raissa) aos 43 anos.

lassanã

Quem tem pressa corre risco

Sempre levei uma vida bastante humilde, e houve ocasiões em que, desempregado, passava meus dias com um triciclo catando papelão para sobreviver.

Sem-teto, aproveitei os restos de papelão e consegui construir dois barraqinhos no mesmo quintal: um para minha atual família e outro para minha ex-mulher, com quem tenho filhas gêmeas. Assim, ia conseguindo ajudar a todos.

Lembro-me de que todos os dias saía bem cedo, e às vezes nem almoçava para economizar e não perder tempo, pois a incerteza e a responsabilidade diária me atormentavam, já que minha obrigação era encontrar mercadoria todos os dias para fazer dinheiro. Afinal, além das gêmeas, tenho quatro filhos menores para sustentar, e é angustiante para um pai ver suas crianças passando dificuldades.

Na noite que antecedeu o fato que quase levou a óbito minha filha lassarã, de 12 anos, eu havia tido um sonho triste e doloroso. Nele, eu vinha com

o carrinho carregado de papelão em direção à minha casa e, quando ia atravessar a pista, avistei do outro lado duas crianças. Uma em pé de uniforme e a outra caída no chão, e a que estava em pé levantava a cabeça da outra que estava caída e me dizia: “Moço, olha só o que aconteceu com essa menina, ela foi atropelada e abandonada. O senhor a conhece?” Nada respondi. O sonho ficou confuso, e então eu desviava meu olhar em direção ao Rio de Janeiro de cima de uma colina. Lá embaixo, avistava um hospital grande, parecido com um que fica em Realengo, onde minha filha nasceu. No sonho, via uma menininha de vestido vermelho com uma rosa na orelha passeando pra lá e pra cá, como se quisesse que eu a avistasse. Logo em seguida, um garoto me mostrou a menina e pude ver claramente que aquela criança que olhava para mim como se quisesse me dizer algo era minha filha. Até que acordei com a mãe dela me perguntando: “Jorge, você vai levar lassanã até o ponto do ônibus?”

Isso devia ser aproximadamente 5h30 da manhã. Minha filha já estava se arrumando, pois o ônibus passava às 6 horas, e se ela o perdesse não haveria outro; sendo assim, me prontifiquei a levá-la até o ponto. Eu sabia que lassanã estava preocupada com a prova que faria naquele dia. Logo, se não conseguisse pegar a condução, iria com lassanã até a escola e aproveitaria para fazer a travessia da pista com ela, já que não havia passarela.

Minha filha era estudiosa, caprichosa e, naquela idade, já se mostrava muito vaidosa. Vendo minha bicicleta velha, se recusou a ir comigo, preferindo ir com a mãe, a pé, até o ponto do ônibus. Fiquei em casa, tomei café e fui até os fundos do quintal conversar com a mãe das gêmeas, com quem falei a respeito do sonho que tivera, demonstrando preocupação. Ela, então, me disse que às vezes, sonhos são avisos: “Mas se ela não quis ir com você, por orgulho, não há nada a fazer...”

Poucos minutos depois, uma moto apareceu com o presidente da Associação de Moradores, o qual me pediu para ficar tranquilo, mas eu não conseguia, pois a todo instante lembrava do sonho que tivera. Contei a ele sobre a revelação daquela noite e também disse que não



tinha dado tempo de falar para minha família antes de sua saída. Talvez se tivesse contado...

Ele, então, contou-me que ela tinha perdido o ônibus, que já tinha dado a volta, e estava parada do outro lado; impaciente, esqueceu-se da mãe e saiu correndo desesperadamente. Um caminhão freou, e como a freada por necessidade fora muito brusca, a carroceria não resistiu: parte da carga caiu sobre ela e, assim, a mãe a encontrou no meio da pista, caída e com cimento por toda parte do corpo. Desesperada, vendo a filha naquela situação, gritava por socorro, enquanto ninguém queria tocá-la. Até que chegou um amigo de moto e disse que iria virá-la, pois ela estava de bruços e com o rosto repleto de cimento. Ainda assim minha esposa relutava em deixar que tocassem na menina, mas ele insistiu, pois com tanto cimento no rosto acreditou que ela morreria sufocada e, com muito cuidado, ele a virou e limpou seu rosto, esperando até que a ambulância chegasse para levá-la ao hospital. No percurso, o motorista corria tanto que a mãe dela chegou a pensar que a ambulância iria virar, mas pela misericórdia de Deus conseguiram chegar ao hospital (que era grande como o que eu tinha visto no sonho). Lá, os médicos já a estavam esperando, pois se assim não fosse, não haveria tempo de salvá-la.

lassanã sofreu uma operação no estômago, pois os resíduos do cimento tomaram conta de seu interior; um fêmur também havia sido quebrado e foram necessárias três cirurgias, tendo seu quadro se agravado consideravelmente. Transferida para o Centro de Tratamento Intensivo – CTI, entre a vida e a morte, quase não respondia mais aos procedimentos.

Em casa, todos orávamos pela sua recuperação. Fui vê-la no CTI e quase não reconheci minha filha, com todos aqueles aparelhos. Fui informado de que se ela não reagisse àquele tratamento, nada mais poderia ser feito. Saí dali arrasado e, enquanto minhas lágrimas molhavam meu rosto, já úmido de suor, fui caminhando ciente do que poderia acontecer, mas não conseguia pregar os olhos pensando na minha menina, que já me dera tantas alegrias.

No dia seguinte, meu vizinho deu-me o recado de que o estado dela havia piorado. Corri, peguei o ônibus e fui até o hospital. Lá, vendo os esforços dos homens da Terra, recorri ao nosso Criador: “Deus, se ela me pertence, deixe-a comigo, mas se ela não me pertence, leve-a para Ti, pois ficarei satisfeito e respeitarei a Tua vontade”. Ali, fiz um louvor de agradecimento a Deus, por Ele ter sido sempre bondoso com a minha família.

Depois desse dia fui acompanhando a evolução de lassanã com muita alegria, claro que sabia de suas fragilidades e que nada seria como antes. Entretanto, ter a minha filha de volta, ver seus olhos se abrirem, ouvir sua voz e seu sorriso novamente foi maravilhoso. Finalmente, lassanã voltou para casa e passou a ter uma rotina diferente, pois se submetia a muitos tratamentos. Ainda assim, sentia falta da escola, mas com o carinho de todos, tem sobrevivido.

Eu canto música gospel e lancei 2 CDs, um intitulado “Deus Entrou Em Minha Vida” e outro “O Senhor”, pois vendo minha filha como vi, e vendo como ela está hoje, só posso agradecer a Deus e divulgar Suas Palavras.

Buscando ser ressarcido através do Seguro Obrigatório de Danos Pessoais Causados por Veículos Automotores de Via Terrestre (DPVAT) dos gastos que tive com o problema, conheci o Núcleo de Apoio à Vítima (NAVI) e, graças a esse setor do Detran, posso externar, através desta história, o que sinto, pois vi aqui que a pressa, em se tratando de trânsito, é ainda mais inimiga da perfeição. Nesse caso, o motorista não teve culpa; reconheço a desatenção de minha filha. Se tivesse deixado o orgulho de lado naquele dia, aceitando a carona na minha velha bicicleta, ainda que os colegas rissem dela... Deus e a fé foram fundamentais em todo esse processo de recuperação de lassanã.

“Que Deus seja louvado. Jesus está conosco.”

Jorge Lima Machado

Pai de lassanã

Fabiolla

A partida da nossa parte

Em 22 de maio de 2002, Fabiolla, minha menina, voltava da escola e resolveu entrar em uma papelaria.

No retorno, ao atravessar a rua, foi atropelada violentamente por um ônibus em alta velocidade.

Depois de dois dias de internação no Hospital Getúlio Vargas, veio a falecer. Após o atropelamento ela ficou caída sob o ônibus. Como sinal principal, só havia uma lesão em sua perna esquerda. Resgatada, foi recobrando a consciência e parecia bem, tão bem que se preocupava mais com o nosso nervosismo do que consigo mesma. Entretanto, de madrugada, após uma crise de agitação motora, foi perdendo a orientação e, por fim, veio a falecer. Chegou-se à conclusão de que a causa de sua morte foi a pancada forte que levou na cabeça, fato este ao qual não nos ativemos, já que ela parecia muito bem.

Nem sempre aquilo que vemos corresponde à realidade, aproveito aqui a oportunidade para destacar. Se houvesse mais cuidados e exames para descartar possíveis lesões internas, talvez minha filha não tivesse morrido.

Isso foi há quatro anos e, até hoje, mesmo com o dever de seguir a vida, é impossível não chorar quando as lembranças reportam à minha menina. Afinal, se temos que conviver com a ausência – o que já é muito difícil –, a saudade nos acompanha e, às vezes, ela é tão grande que nos consome, ficando maior que nós mesmos.

Imagine se eu não sentiria saudades! Ela chegou como um presente de aposentadoria do meu marido, quando eu já tinha 45 anos. Pensava que dedicaria toda a minha vida a meus familiares, principalmente à minha temporã, tão querida...

Fabíolla era meiga e alegre e, ao mesmo tempo, uma menina madura e preocupada, mostrava-se sempre muito responsável. Desde cedo manifestava a sua inteligência e carinho pelos estudos. Ela nos dava muito orgulho. Quando queria algo se mostrava sedutora, e era muito difícil negar-lhe qualquer coisa; quando me abraçava e me beijava, não conseguia resistir.

Nas relações pessoais era querida por todos, tanto familiares quanto professores e amigos. Sempre solidária, ajudava os colegas, brincava com as crianças e dava as mãos aos idosos na hora de subir na condução, prevendo que eles pudessem cair.

Ainda me lembro, como algo muito presente, do dia de seu enterro. Sinceramente, não sei como guardava a minha dor enquanto ouvia palavras de consolo das pessoas que me abraçavam. Hoje sei que só podia ser a força de Deus brotando em mim.

Fabíolla era evangélica, seguia a Bíblia e, quando não estava fazendo teatrinho com as crianças na igreja, invadia a casa cantando hinos. Nunca imaginei que aquela passagem seria tão curta. Com aquela idade, também achava natural que se interessasse por algum rapaz, mas ela deixava isso para a hora certa, pois queria vencer na vida e nos ajudar.



Quando ela se foi, estava no 2º ano do ensino médio, tinha feito curso completo de inglês e muitos outros voltados para a área administrativa. Depois que ela partiu, recebi vários telefonemas, inclusive de grandes empresas, chamando-a para entrevistas e estágios. Era muito difícil responder às ligações sem chorar.

Hoje, quando guardo a bagagem de 16 anos de recordações, dá uma saudade tão grande... Olho em volta e vejo que o meu estado de saúde e o de meu marido já não são mais os mesmos, e reconheço que nos fechamos, pois enquanto consolamos um ao outro nos despedaçamos por dentro e adoecemos de tanta saudade.

Seguimos vivendo, mas ainda sofremos muito essa ausência. Lamentamos que tantas pessoas passem pela mesma dor, enquanto alguns motoristas ainda teimam em matar por falta de amor.

**Dulcinéa Cecílio da Silva e
Hildo Cecílio da Silva**

Pais de Fabíolla

Patrícia

Ano de 1984

Eu e Sérgio, já há quatro anos juntos, ficamos grávidos, grávidos de uma menina, a quem demos o nome de Patrícia da Costa Pessanha, em 20 de junho de 1985.

Um bebê de 3,42 Kg, 51 cm, vermelhinha como um camarão e de cabelos arrepiados como se fosse uma cantora punk. A cada dia que se passava todos a achavam parecidíssima comigo.

Patrícia era uma criança alegre, gostava muito de brincar com suas amiguinhas, sempre levando-as para casa. Eu, como sempre, tinha que estar preparada, pois ela as trazia para passar o dia, almoçar, lanchar, etc.

No colégio era muito bem relacionada com professores e coleguinhas. Começou a estudar com três anos e meio sem nunca ter repetido um ano sequer; pelo contrário, pulou do Jardim II para a Alfa. Nessa época, morávamos em São Gonçalo. Após alguns anos, voltamos para o Rio e a transferimos para o colégio Guanabareense, onde estudou até a 6ª série.

Consegui, então, vaga no Instituto de Educação, onde veio a conhecer, dentre outras amiguinhas, Juliana Sant'Anna da Silva, nascida em 30 de dezembro de 1984. Tornando-se amigas inseparáveis, estavam sempre juntas, estudando, saindo, fazendo compras, enfim, eram a corda e a caçamba.

Patrícia cresceu sempre muito responsável, nunca nos deu trabalho ou qualquer tipo de preocupação. Muito estudiosa, estava sempre em busca do seu ideal: chegar à faculdade e se formar em jornalismo. Adorava ler e escrever versos, contos e poemas. Por ser estudiosa, boa filha e merecedora de nossa confiança, não era justo negar-lhe os pedidos que fazia, como qualquer jovem de sua idade. Aos 17 anos já poderia estar na faculdade, mas preferiu fazer um cursinho para se preparar melhor. Aos 18 anos, cursando o 1º período de Comunicação Social na Estácio (Rebouças), ela e Juliana estavam sempre de olho nos eventos do momento, que eram as micaretas, suas paixões, sem deixar de lado os estudos, sempre em busca de novos cursos.

Assim como Juliana, Patrícia parecia ser diferente. Percebíamos que ela tinha pressa de viver. Determinada, decidida, despachada, resolvia tudo. Nunca precisamos mandá-la estudar, inscrever-se em cursos, no ENEM, entre outros concursos.

Gostava muito dos amigos e preservava o bom relacionamento com eles. Adorava dançar e malhava em uma academia próxima de casa, sempre preocupada com o físico, pois queria manter a boa forma. Abria mão de refrigerantes, doces e frituras, mas escorregava às vezes no chocolate e no sorvete de chocolate branco, que era sua paixão. Muito brincalhona, às vezes fazia coisas como colocar um travesseiro no traseiro e dançar o Tchan, dizendo ser eu. Lógico que nem só de flores se vive – por muitas vezes nos desentendíamos, mas logo fazíamos as pazes, pois como ela mesma dizia, não se sentia bem nem feliz se estivesse brigada comigo. De personalidade forte, até os amigos falavam que não conseguiam fazê-la mudar de ideia, já que sua conduta de vida,



pelo que sabemos, muito nos orgulha, por ter sido sempre correta e digna, chegando a desentender-se com alguns amigos por discordar de seus comportamentos.

Ela era minha metade. Hoje sinto falta de nossas conversas e vejo o quanto éramos parecidas, pois sempre falávamos sobre nós e da vida. Como dói a saudade!!!

Infelizmente, perdemos nossa filha Patrícia e sua amiga Juliana em um acidente de carro dia 28 de março de 2004, um mês depois de ter perdido meu pai de câncer em 27 de fevereiro de 2004. Rodrigo Melo e Silva de Oliveira e Cruz, primo de Luciano Motta de Oliveira e Cruz, namorado de Karine Almeida César, por sua vez prima de Patrícia, conduzia o veículo de maneira irresponsável, em alta velocidade e alcoolizado, sem respeito à vida das pessoas que deveria transportar sãs e salvas e também à sua própria vida, destruindo assim duas famílias.

Elas, juntamente com os três, foram a uma micareta sábado, no Pier Mauá. Como correu tudo bem, resolveram voltar para a continuação do evento no domingo. Ao saírem, Juliana telefonou para Teresa, sua mãe, avisando que estavam a caminho do carro. Por ser domingo, 22 horas, e não havendo muito movimento no trânsito, pensamos que nossas filhas estariam em casa dentro de 15 a 20 minutos. Nos bancos dianteiros do carro estavam Rodrigo e Luciano. No banco traseiro estavam Juliana, atrás do motorista, Patrícia, no meio, e Karine, atrás de Luciano. Rodrigo saiu da Av. Rio Branco para a Av. Presidente Vargas em alta velocidade. Segundo testemunhas, vinha brincando em zigue-zague, tendo perdido o controle do carro, subindo o meio-fio de mais ou menos 40 centímetros, arrastando-se por 19 metros, colidindo com um vaso ornamental de meia tonelada, arrastando-se ainda por mais 27 metros.

Às 22h25 tocou o telefone em nossa casa. Era a mãe de Karine, Márcia Almeida César, por quem tenho um sentimento maior em relação a tudo que aconteceu. Ela me garantiu que o rapaz era de confiança e respon-

sável, e agora estava me avisando que havia acontecido um acidente com as meninas e pediu que fôssemos imediatamente para o local. Fiquei arrepiada e gelei. Falei para o Sérgio que tinha ocorrido algo grave com a Patrícia. Ele se desesperou, e eu lhe disse: “Vamos rápido!”

Pegamos um táxi e saímos, nervosos. Quando chegamos ao local, parecia uma cena de filme, tudo cercado, bombeiros para todos os lados, muitos curiosos. Os bombeiros tentando manter nossa filha viva dentro da ambulância e Juliana, ali, desfalecida, atirada no banco traseiro do carro. Fomos orientados pelos bombeiros a ir caminhando para o Hospital Municipal Souza Aguiar, pois lá encontraríamos Patrícia e Juliana, que seguiriam com eles. Alguns minutos depois tivemos a confirmação de que Juliana falecera no local do acidente. Patrícia em coma grau III e traumatismo abdominal, após três tentativas de ressuscitá-la, veio o sofrimento: nossa filhinha se foi (29/03/2004)... E agora? Choro? Grito? Enlouqueço? Algo me aperta aqui dentro do peito, dói muito.

Penso nos meus filhos, na minha mãe, no Sérgio, meu companheiro, que perde sua única filha. O que fazer? E Juliana, única filha e neta. Estaria certa, ou seria egoísmo de minha parte querer que Patrícia sobrevivesse a toda aquela situação? Não sei. Por que seria eu privilegiada? Tentei rezar. Só pensava em Nossa Senhora que, vendo seu filho morrer na cruz, manteve-se firme diante d'Ele. Sei que, de certa forma, a vida vinha me preparando para algo que me aconteceria, só não sabia que perderia o mais precioso tesouro confiado a mim. A maior felicidade que uma mulher pode ter na vida é o nascimento de um filho, e o pior é perdê-lo.

No primeiro momento da dor, minha família foi muito presente. Como não queria ninguém desesperado, também procurava me manter em equilíbrio. Mesmo onde não imaginava, descobri amigos solidários.

Na época do acidente, uma amiga nos orientou a procurar a Comissão Cidadão do Detran-RJ. Lá foi instaurado um processo que, após ser averiguado, constatou a irresponsabilidade do condutor, o qual teve sua

carteira suspensa por um ano. No mesmo dia da abertura desse processo fomos encaminhados à sala do Núcleo de Apoio à Vítima (NAVI), coordenado por Maria José da Silva Amaral, também psicóloga, que por sua vez soube compreender tão bem a dor por que passávamos, pois havia perdido mãe e filhinha em um acidente. Algum tempo depois, fomos convidados a participar do Grupo de Solidariedade Telefônica, com Maria José, no qual outras vítimas sofridas, infelizmente pela mesma dor, eram consoladas por nós, que já nos encontrávamos mais “fortes”.

Decidimos que, entre enlouquecer, gritar, quebrar tudo ou fazer justiça com as próprias mãos, é melhor mudarmos alguma coisa e fazermos com que outros jovens não percam a vida como nossas filhas. Assim, distribuímos folhetos de alerta e conscientização e participamos de entrevistas em TV e jornal, visando à prevenção.

Hoje, eu, Sérgio e Teresa tentamos fazer com que haja algum sentido em nossas vidas, para que não vivamos somente da sensação de perda, oriunda da culpa de pessoas irresponsáveis ou com a sensação de impunidade e dor, que queima, que corrói a alma, que sangra diante da menor lembrança. Espero que Deus não nos abandone nunca.

**Maria Valéria Cesar da Costa
e Sérgio Gomes Pessanha***

Pais de Patrícia da Costa Pessanha

*Sérgio faleceu em 15/04/10, quando transitava de bicicleta e foi colhido por um ônibus.

Saulo

Despedida sem retorno

Um filho desejado e muito amado desde a sua concepção. O nascimento deu-se num dia de sol e com muita esperança de que fosse um menino lindo e saudável – e assim aconteceu.

No dia 4 de fevereiro de 1983, às 9h30, nasceu o meu querido Saulo Victor da Silva, segundo filho, sempre tranquilo, obediente, estudioso e risonho. Tanto ele quanto a irmã Mônica nunca nos decepcionaram. Qual filho não nos dá trabalho? Porém, como pais zelosos, cuidávamos para que eles crescessem saudáveis e felizes.

Saulo era um jovem atencioso, prestativo, muito carismático e estudioso ao máximo. Terminou o curso de inglês no CCAA em julho de 2002. Gostava muito de jogar bola com as crianças do condomínio, que o chamavam para brincar assim que chegava do trabalho. Desde pequeno sempre adorou carros; ganhou seu primeiro carrinho quando entregou sua chupeta, aos três anos de idade. Desde então os carros

eram sua paixão, até o dia 1º de novembro de 2002, quando saiu de casa dizendo que voltaria cedo.

Tinha ido pegar a namorada na faculdade e nunca mais voltou para casa. Um “senhor” de 60 anos de idade, completamente embriagado, não obedeceu quando os policiais ordenaram que parasse. Nisso começou uma perseguição, cujo resultado foi uma colisão com o carro do meu filho, que saía de um posto de gasolina onde tinha abastecido. Saulo foi levado para o hospital.

Choro ao lembrar de quando meu marido, que tinha saído para trabalhar, fez o caminho que Saulo faria de volta para casa e, aproximadamente meia hora depois, ligou para avisar o que tinha acontecido.

Foram quase 12 dias lutando contra a morte, juntamente com uma corrente de orações dos parentes e amigos. Mas a passagem do Saulo por aqui estava marcada para terminar e, assim, no dia 13 de novembro de 2002, meu amado filho partiu para uma nova vida. Um jovem que, aos 19 anos, encerrava sua tarefa entre nós. Que dor, quanta tristeza! A perda de um filho é algo que ecoa em nossos corações como uma punhalada. Entramos em choque: meu marido, eu e minha filha, além de toda a família, inclusive os amigos. Sair desse estado e voltar à realidade foi uma proposta de convivência com o vazio profundo, que tivemos que encarar em nossas vidas.

Sofremos muito. Por vezes, sem saber lidar com a dor, engoli minhas lágrimas, tentando calar os outros que ali choravam. Não compreendia ainda que, ao perdê-lo, só conseguiríamos continuar a viver saindo do leito em direção ao recomeço. Entendi que precisava sofrer essa dor para reconhecer que somos seres humanos, fracos, diante do limite daquilo que podemos chamar da maior perda da vida.

Hoje, algum tempo desde que meu filho partiu, participo de grupos de mães que já passaram pela mesma dor que eu. Faço parte da Rede de



Solidariedade Telefônica, um dos projetos do Núcleo de Apoio à Vítima (NAVI), e com isso procuro diminuir a dor e o desespero de outras famílias que se deparam com a mesma situação. Dentro dos meus valores, jamais comparei a dor de um ser humano com a de outros, pois cada um reage a sua maneira.

Voltei a viver, mantendo sempre o sentimento de fraternidade, ajudando para que outras pessoas não caiam na passividade, observando o tempo passar sem desenvolver o espírito de solidariedade e amor para com o próximo. Além disso, colaboro em atividades voltadas para a prevenção de acidentes de trânsito.

Filho amado, amado para sempre, você hoje é a estrela que guia nossa caminhada, nossas vidas. Amarei-te para sempre. Um beijo desta mãe que nunca esquecerá o sorriso lindo desse rosto amado. Fique com Deus, filho abençoado. Nós te amamos, filho do meu coração. *Sua mãe.*

**Elizabete Flaurinda da Silva
e José da Silva Filho**

Pais de Saulo

Lucas

Pão com lágrimas

Lucas era um menino alegre que gostava de ir à escola e estudar. Depois de cumprir suas tarefas, brincava de bola de gude e futebol.

Pela manhã, tomava café em duas casas: assim que terminava de comer em nossa cozinha, ia direto para a casa da tia Meira, dizendo que era para engordar. Lucas falava que tinha duas mães, eu e a tia Meira, e gostava do primo Vinícius como se fosse um irmão. Era muito caprichoso, lavava as mãos antes das refeições, e tinha paixão por plantas e animais. Ele se divertia bastante sempre que íamos ao Piscinão.

No dia do acidente, Lucas acordou de manhã, tomou seu café como de costume – nas duas casas –, estudou e viu televisão. Foi, logo em seguida, para casa de seu tio Rogério, e depois para casa de tio Marinho, onde permaneceu por um bom tempo brincando com seus primos. Houve um momento em que ele pediu dinheiro ao tio para comprar cafifa: o tio o colocou no colo e ficou fazendo carinho em seu cabelo. Várias pessoas presenciaram aquela cena, não sabendo que ficaria marcada como uma despedida em suas memórias.

Quando o telefone tocou, era a tia Meira chamando-os para o Shopping. Demos o recado, mas Lucas parecia não querer ir. Ficou ainda um bom tempo brincando, e foi preciso que o tio falasse novamente para que Vinícius e Lucas fossem atender. Depois que chegaram do shopping, Lucas e o primo lembraram do delicioso cachorro-quente que a tia preparava e, mais um vez, quiseram sair. Dessa vez seria para comprar pão, para que à noite saboreassem o lanche gostoso. Ninguém poderia imaginar que aqueles pães ficariam pelo caminho, com o primo Vinícius machucado e Lucas, morto. Foi em um domingo, às 16 horas. Esse dia parecia não passar, ficou marcado pela tragédia inesquecível na qual nos despedimos de Lucas.

Lembro-me, agora, de todas as vezes que Lucas ia à Igreja Evangélica. Ele não sentava com os adultos, preferia se sentar com as crianças, pois assim eles poderiam cantar juntos, louvando a Jesus, como ele próprio deve estar fazendo agora.

Quem viu o acidente disse que eles já voltavam da padaria pela calçada de um viaduto quando surgiu um carro em alta velocidade e os atropelou. Esse veículo (sem adaptação) era conduzido por um deficiente físico que acabara de sair de um churrasco e que, segundo informações, tinha bebido “todas”. Ele estava totalmente embriagado, tendo, por isso, perdido o controle do veículo e atingido inocentes que, indiferentes à possibilidade de perigo, por ali transitavam.

As crianças não sabiam que, dali por diante, a vida nunca mais seria a mesma. Com o acidente, Lucas partiu para o outro mundo, e seu primo Vinícius veio, posteriormente, a entrar em choque, levando tempo para se recuperar. Para todos, esse foi um baque muito grande. Foi muito difícil suportar tamanha perda, e até hoje me pergunto como aceitar, mas estou entendendo que não aceitamos, apenas aprendemos a conviver com a ausência.

Raquel Florentino

Mãe de Lucas

Juliana

Passagem de Juliana

Foram quase nove meses de cuidados especiais para gerar Juliana, que veio ao mundo bem antes do previsto, pois parecia ter pressa em nascer e viver intensamente o tempo que lhe foi determinado.

No dia 30 de dezembro de 1984, véspera de Ano-Novo, Juliana nasceu, e graças a Deus sempre teve muita saúde, a não ser um problema alérgico que com um tratamento feito com vacinas foi amenizado com o passar do tempo.

Juliana era filha única, única neta, e por isso foi tratada com todo mimo pelos familiares e amigos. Foi batizada aos seis meses na Igreja Católica e, ao completar um ano, fizemos apenas um bolinho e deixamos para fazer uma grande festa quando completasse dois anos. Aí, sim, ela teve duas festas, uma na escola onde já estudava no maternal, a escola NAVE, onde teve uma excelente adaptação (não chorou nem no primeiro dia de aula, e ela ainda me deu "Até logo!" para que eu fosse embora e a

deixasse lá, e quem chorou fui eu), e outra, com toda a família e amigos, onde ela dançou, pulou e fez tudo o que tinha direito.

Aos três anos estudou no Colégio Menino Jesus de Praga, onde fez o CA. Depois ingressou no Jardim da Infância no Instituto de Educação, e de lá só saiu para fazer o curso do pré-vestibular. Aos cinco anos Juliana sofreu uma grande perda, pois eu e seu pai nos separamos. Para ela foi muito doloroso, pois era muito apegada a ele, mas infelizmente os maridos separam-se das mulheres e dos filhos também. Eu nunca proibi que ele a visse, mas aconteceu o contrário, o pai não vinha ver a filha, fazendo-a sofrer muito. A partir daí a minha responsabilidade aumentou, pois eu era mãe e pai ao mesmo tempo. Das poucas vezes que ele veio vê-la, prometia coisas que não podia cumprir, até que, da última vez que apareceu, disse coisas a Juliana que ela não merecia ouvir. Após o ocorrido, com seu temperamento muito forte e decidida, rompeu definitivamente com ele. Sei que com isso ela sofreu muito, sofria calada, mas em momento algum voltou atrás, e com isso seu avô materno ocupou o lugar de seu pai intensamente.

Juliana sempre foi estudiosa, e procurei dentro das minhas posses fazer o melhor para sua educação. Investi nela para que no futuro tirasse um grande proveito dos cursos em que se especializou.

Minha filha era repleta de amigas e amigos, e juntamente com Patrícia, sua amiga desde o Instituto de Educação, não nos dava problemas em relação aos estudos. Assim, não tínhamos o direito de proibi-la de se divertir, só tínhamos o direito de impor limites, pois elas queriam viver intensamente: estudavam, faziam cursos, jogavam vôlei, iam à praia e a boites. O que elas mais gostavam era de frequentar micaretas, só que nós fazíamos um revezamento entre os pais, um levava e o outro apanhava, ou pagávamos uma van com um motorista de confiança que as levava e trazia. Na maioria das vezes, a concentração da saída para as festas e a chegada era em minha casa. Havia fins de semana em que



dormiam com Juliana e Patrícia mais quatro ou cinco amigas, e ficavam de fofocas ou no computador até o amanhecer.

Juliana e Patrícia foram a quase todas as micaretas. Só não foram a todas porque é um divertimento caro e nem sempre tínhamos dinheiro disponível. No dia 27 de março de 2004, as meninas foram à micareta do Babado Novo, no Píer Mauá. A convite da prima de Patrícia, aceitaram ir de carona com ela e seu namorado, sendo o primo deste o motorista do veículo que as conduzia. Elas só foram com eles porque a mãe da Patrícia procurou saber com sua prima se o motorista era uma pessoa de confiança. Como informaram que sim, consentimos. No dia 28 de março de 2004 era a micareta do Jamil, e como tinha dado tudo certo no dia anterior, deixamos mais uma vez. Contudo, Juliana, de tarde, chegou para mim e falou: “Mãe, eu não estou com vontade de ir a essa micareta, já até arrumei uma pessoa para comprar o meu convite, mas a Patrícia não conseguiu vender o dela.”

Então elas acabaram indo à micareta sem volta para casa, e assim foi-se o sonho de Jully e Patty, universitárias que estudavam Comunicação na Faculdade Estácio de Sá, cheias de planos para um futuro que não lhes foi permitido.

Ao receber a ligação dizendo que elas haviam se acidentado, fiquei desesperada. Fui direto para o Hospital Sousa Aguiar, e quando lá cheguei, recebi a notícia do médico: “Sua filha se acidentou e infelizmente não resistiu.” Naquele momento foi como se eu estivesse sendo apunhalada. Fiquei sem chão, pois não é a lei natural da vida os pais perderem seus filhos na flor da idade. Não existe dor maior no mundo do que a perda de um filho, e eu não desejo nem ao meu maior inimigo esse sofrimento.

Se eu, Teresa (mãe da Juliana), Valéria e Sérgio (pais da Patrícia) já éramos amigos, nos tornamos uma única família, unida pelo amor e pela dor, e através das nossas famílias de amigos estamos tentando superar a perda de nossas amadas filhas, pois bem sabemos que é algo irreparável.

Encontramos um grande auxílio no grupo Núcleo de Apoio à Vítima (NAVI), onde Maria José da Silva Amaral, a responsável pelo grupo e também psicóloga, nos recebeu e nos tem dado todo apoio. Ninguém melhor do que ela para nos amparar, pois passou por uma dupla perda: a de sua filha e sua mãe, no mesmo acidente. No NAVI, conhecemos pessoas que também perderam seus filhos e parentes, e com isso nos tornamos um grupo de mútua ajuda, pois quando chegamos, quem lá estava nos apoiou, já que nos encontrávamos muito fragilizados.

Hoje, fazemos o mesmo trabalho, que é a Rede de Solidariedade Telefônica, ligando para os que perderam seus entes, tentando, assim, amenizar sua dor. Damos entrevistas para televisão, rádio, jornais, distribuímos panfletos educativos para os jovens sobre álcool e direção e alertamos outros pais para que não passem por esse sofrimento.

Quem diria... Aos dois anos de idade, Juliana estudava no Colégio Núcleo de Atividade Vida Escola – NAVE, e em 2004, aos 19 anos, passou a fazer parte das estatísticas do Núcleo de Apoio à Vítima (NAVI), perdendo sua vida por causa de um motorista alcoolizado e irresponsável.

Teresa Cristina de Sant'ana

Mãe de Juliana

erson

Eterna saudade

Wanderson era um jovem alegre, bonito, saudável e muito educado. Ele gostava muito de futebol, de soltar pipa e tinha o sonho de dar uma casa a sua mãe.

Era um menino de pensamentos bons, e não andava com más companhias, não tinha vícios e era bastante independente, mesmo morando no mesmo quintal que seu pai.

No dia do acidente acordamos cedo, compramos bastante comida para fazer o almoço, pois estávamos na expectativa de que Wanderson aparecesse para almoçar conosco. Mas o tempo foi passando e ele não chegava. Depois de um tempo, recebemos um telefonema da tia dele, dizendo que havia acontecido um acidente na BR101 envolvendo três pessoas, sendo duas delas vítimas fatais. Infelizmente, uma dessas vítimas fatais era Wanderson.

O acidente foi por volta das 13h30, na altura da Casa de Fogos – pista sentido Niterói. Wanderson vinha do campo de futebol quando encontrou

dois vizinhos e todos foram andando juntos pelo acostamento. Nesse momento, de forma repentina, surgiu um veículo na direção deles e atropelou os três, sendo que duas vítimas morreram no próprio local e a terceira foi levada gravemente ferida ao hospital.

Na época, a situação foi vivida com muita dor e tristeza por todos nós. Ele era um jovem muito cuidadoso e realmente não esperávamos que pudesse ser tirado de nós dessa maneira. Infelizmente, não há mais nada a fazer, a decidir. Ficamos apenas com a convicção de que não poderemos mais lhe dar um beijo de boa noite.

Hoje, vivo com muitas lembranças e saudades. É tomando alguns remédios controlados que estou buscando ajuda para sobreviver à minha perda. Há dias nos quais, mesmo em meio a uma multidão, me sinto absolutamente sozinha, é o vazio que fica. O acidente ocorreu em um domingo, dia 27 de Fevereiro de 2005, e parece que nunca passa. Ainda é algo muito recente em minha mente e em meu coração. Saudades eternas de Wanderson.

Silvania Costa

Mãe de Wanderson

Pituciana

O sonho de Pituca

Pituca é uma poodle muito bonitinha, esperta, ágil...

Disseram que ela era “micro toy”, mas que nada, é “standard”, grande, formosa, enganou a todo mundo. Pituca mora com Rosária, Emerson e Júnior. Ela é muito amada! Como tem brinquedos! Até fantasia de caipira ela tem! Imaginem que ela desfilou para um concurso “A mais bela caipira do *petshop*”. Não ganhou, mas foi muito aplaudida.

A formosa cadela Pituca brinca tanto, mas tanto, que o Emerson, a Rosária e o Júnior quase enlouquecem com tantas peraltices. Ela é realmente muito feliz... Porém, às vezes, Pituca olha de um lado, de outro, pra lá, pra cá, e dentro de casa sente falta de alguém. Então ela pensa – sim, cachorro pensa, sente falta: – “Quando aqui cheguei, quem me trouxe foi uma moça muito bonita. Ela sempre me quis, mas nunca conseguiu me encontrar, até que um dia ela me encontrou e me trouxe para esta casa, onde fui muito bem recebida e querida, mas... e a moça? Onde está? Ficou comigo tão pouco tempo!”

E assim Pituca vai vivendo, sempre pensando na moça linda, de olhos e cabelos negros que a trouxe para aquela casa tão acolhedora. Falta ela, a moça bonita.

Um dia Pituca sonhou – sim, sonhou, cachorro também sonha –, e ela sonhou. Ah... que sonho lindo! Era tudo o que ela queria, sonhar com aquela moça linda, “Fabiana” é o nome dela. Como Pituca ficou feliz! Fabiana, além de brincar muito com Pituca, começou a conversar com ela. E dizia: “Pituca, sinto tanto ter te deixado tão cedo... mal nos conhecemos, te levei em um domingo lindo de dezembro... e me fui uma semana depois, em outro domingo lindo de dezembro... Entenda, Papai do Céu me pediu que o ajudasse lá no céu, ele precisava de mim; como psicóloga, fui ajudar as criancinhas e outros jovens que também partiram logo a entenderem o porquê de terem sido tirados tão cedo do colo de seus pais e familiares. Você entende agora? Aqui eu também sou muito feliz e posso ajudar você, o Emerson, a Rosária, o Júnior, o vovô, a vovó, o tio Beto e outras pessoas que estão sempre com você. Entende?”

Agora Pituca começava a entender o que pensou:

“Que bom que você apareceu em meu sonho, Fabiana. Agora sim eu me lembro de você. Como estava feliz quando me trouxe até aqui! Eu, no seu colo, de lacinho, toda prosa... Agora também entendo por que às vezes a Rosária, sua mãe, se desespera tanto, pensando em você, e o Emerson, seu pai, sempre calado, pensa e chora pelos cantos. O Júnior, também calado, não gosta de tocar no assunto, sem querer comentar sobre a maneira pela qual você se foi, pela irresponsabilidade de uma motorista! Das cinco meninas que sofreram o acidente, você foi a única que se machucou tanto...”

“Fabiana, venha sempre me visitar nos meus sonhos, para que eu possa me lembrar de você e assim deixar os seus pais e seus familiares mais felizes com minhas peraltices.”



E assim os membros dessa família vão vivendo com saudades, e pedindo a Deus que pelo menos os faça sorrir por dentro, pois por fora há só uma caricatura. No entanto, como todos sabem que a vida continua, a maneira que encontraram de seguir foi unindo-se mais ainda, e procurando ajudar a quem precisa. Com certeza, um dia, todos entenderemos o porquê disso tudo, e com certeza nos reencontraremos com os nossos entes queridos que se foram.

Fabiana faleceu quando voltava de um aniversário acompanhada por quatro amigas. Uma delas dirigia o carro que se chocou em um poste na Rua Conde de Bonfim.

**Rosária Piluso Simões
e Emerson J. Simões**

Pais de Fabiana

Laisa

Um exemplo de vida

No dia 10 de março de 2001
acordei imaginando como seria minha
festa de aniversário à noite, e logo fui comprar
uma sandália para usar com meu vestido preto.

Por volta das 19 horas, eu e minha irmã Farrah seguimos para o local da festa. Todos os amigos estavam presentes, a noite estava muito alegre e tudo era perfeito. Aproximadamente às 22h30 recebi de minhas irmãs Linda, Elles e Farrah uma caixa. Fui abrindo e dentro estava um anel que eu queria há algum tempo.

Às 23h30 alguns amigos foram embora, nos ofereceram carona, mas resolvemos ficar mais um pouco, afinal era meu aniversário. Dança vai, dança vem, percebi que já estava na hora de voltar para casa. Chamei a Farrah, entramos em um táxi e sentamos no banco traseiro. Enquanto o motorista seguia pela Avenida Rio Branco para pegar o Aterro do Flamengo, nós conversávamos e, de repente, olhei para frente e vi um clarão. Tudo se apagou e quando acordei já estava na grama, no chão,

atirada do carro por estar sem cinto de segurança. Sem saber o que tinha acontecido, não sentia as minhas pernas e não conseguia enxergar nada, quando rapidamente a Farrah se aproximou, me abraçou e disse que achava que era um acidente. Continuei sem entender: “Como um acidente, acabei de sair da minha festa??!!”

Comecei a compreender quando já estava na ambulância a caminho do hospital, com os paramédicos pedindo informações pessoais para me manter acordada. Chegando ao Hospital Miguel Couto, politraumatizada, desmaiada e perdendo muito sangue, fui direto para o centro cirúrgico. Quando acordei, já estava no politrauma, com a cabeça toda enfaixada, e mais uma vez tudo escuro. Senti muito medo, e a única coisa que queria naquele momento era que alguém segurasse minha mão, até que um anjo em forma de pessoa entrou, se aproximou do meu leito e segurou na minha mão com tanto carinho que o medo se afastou por alguns instantes. Perguntei-lhe onde estava minha irmã, como ela estava, pois até então achava que estava morta, e ele me respondeu que estava tudo bem com ela.

Passei por várias cirurgias longas nesse período de internação, que levou exatamente um mês. Voltei para casa traqueostomizada, numa cadeira de rodas, com fixadores na mão e na perna, com a boca fechada por barras de ferro e pesando 34 quilos. Muitas recomendações médicas, fisioterápicas e psicológicas.

Procurei ajuda para aceitar minha nova imagem. O tratamento foi me mostrando aos poucos que não é necessário ter um rosto perfeito para ser uma pessoa feliz. No decorrer do tempo, vi que poderia ajudar outras pessoas que passaram ou que estavam passando pela mesma situação que vivi. Já sentia que tinha superado. Só não sabia como fazer isso.

No ano de 2006, lendo um jornal que noticiava um acidente de carro na Lagoa, vi um telefone e o nome de Maria José, do Detran. Liguei e agendei um horário. Quatro dias depois nos encontramos e contei toda



a minha história, me colocando à disposição para ajudar as vítimas que também sofreram algum tipo de acidente no trânsito.

No mês seguinte, ela me convidou para proferir uma palestra na Universidade Estácio de Sá, para um público formado por 300 jovens. Foi assustador, mas era um desafio que eu tinha que viver: me expor para tantas pessoas. No final, foi tudo muito prazeroso, as pessoas se aproximavam, me abraçavam, choravam e queriam saber o andamento do processo judicial.

Em junho de 2007 fui convidada pelo Detran para fazer parte de uma campanha vinculada ao Jornal O Globo. A partir daí muitos me procuraram, e outros jornais se interessaram pela minha história. Mais uma vez fui convidada pelo Detran para participar do Ação Multimídia, um projeto-piloto formado por profissionais especializados em assuntos do trânsito, com a finalidade de levar conscientização aos jovens, de mostrar educação no trânsito, por meio de fatos reais e histórias contadas por vítimas de acidente de trânsito.

Hoje, então, cheguei à seguinte conclusão: sair à noite com os amigos é muito bom, beber alguns “choppinhos” também é muito bom, mas posso garantir que voltar para casa, deitar em uma cama quentinha, acordar pela manhã, dar “bom-dia” às pessoas de quem se gosta, se olhar no espelho e ver que você está ali e que à noite poderá fazer tudo novamente, isso sim é maravilhoso!

Porque uma coisa eu posso afirmar: não voltar para casa, deitar em uma maca gelada, sentindo um frio que jamais se esquece, com dores pelo corpo, cheia de sangue, com toda certeza, é muito, muito ruim!

Laisa de Sousa

Vítima direta

ecília

Espera infeliz

Passei a minha vida envolvida com as questões humanitárias e, em 1964, quando me formei em enfermagem, me sentia realizada.

A partir dali, eu sentia que estaria próxima do material mais precioso que temos: a vida e a sabedoria para cuidarmos dela. Naquela época, o que me fazia feliz era saber que dentro do que eu gostava de fazer existia a possibilidade de aliviar o sofrimento de meus semelhantes. Assim, com humildade e amor, fazia tudo o que era possível para valorizar o próximo na hora da dor e, se isso fazia bem para essas pessoas, também era gratificante para mim. Portanto, via o resultado de meu trabalho, que não dependia só de mim, mas a minha parte certamente era feita direitinho.

Em 1993, aposentei-me devido a episódios de insuficiência respiratória e hipertensão – parecia ironia, pois quando trabalhava ativamente, estes eram os problemas mais comuns entre os doentes. Então, agora eu estava ali, de volta ao hospital, mas dessa vez como paciente. A roupa branca não mais me diferenciava de qualquer um à minha volta. Apesar

disso, aproveitava para curtir mais meus filhos e o meu companheiro, pois antes eu só dedicava a eles os momentos que sobravam. Agora, podia recuperar o tempo perdido.

Em meio a essa nova vida – sentia falta do trabalho –, precisava ir à rua com certa frequência para dar conta de algumas situações. Certa tarde eu estava em Madureira, quando repentinamente uma van se desgovernou e invadiu a calçada, me jogando no asfalto. Ainda lembro de estar simplesmente no aguardo de uma condução para ir para casa quando tudo aconteceu. Minha sorte é que sempre há caridade humana. O bombeiro foi chamado e lá fui eu para o hospital, sentindo muita dor, naturalmente, devido ao choque e com a pressão totalmente descompensada. Que sensação horrível!

Chegamos ao hospital e tive meu joelho esquerdo operado. Nele foram colocados três parafusos e, depois de ficar um pouco melhor, passei por 40 sessões de fisioterapia. Até hoje ando vagarosamente e tenho muitas dificuldades para subir e descer escadas; se não houver corrimão, eu não vou mesmo.

Ainda sinto dores, além dos sintomas de depressão e insegurança, pois quando ando nas ruas, às vezes tenho a sensação de que virá novamente um condutor imprudente e serei atingida. É como se essa sensação me perseguisse. Vivo de prontidão, quase me escondendo, com medo dos carros inevitáveis das ruas.

Apesar disso, agradeço a Deus, sou uma pessoa temente e sei que devo a minha vida a Ele, pois se é ruim viver assim, pior seria ter morrido.

Mesmo frequentando o psiquiatra devido à insônia e às crises de ausência, continuo valorizando a vida e lamento que, tendo me dedicado tanto aos outros, encontrei logo alguém como esse motorista que quase acabou com a minha vida e ainda fugiu. Quando isso vai parar?



Procurei ajuda no Núcleo de Apoio à Vítima (NAVI), na tentativa de buscar meus direitos e lutar por justiça. Afinal, se nada for feito, esse moço, que eu nem sei se possui licença para dirigir, continuará nas ruas prejudicando outras vidas.

Uma coisa é o motorista não valorizar a própria vida, outra coisa é ele envolver outras pessoas nesse descaso, como aconteceu comigo. Ainda é lamentável a falta de conscientização no trânsito. Sinceramente, é preciso haver uma ação mais significativa por parte dos nossos dirigentes.

Cecília de Jesus Fontes

Vítima direta

Ronald

Coragem para uma nova vida

Quando conheci o pai de Ronald, já tinha dois filhos e, então, veio Ronald, o caçula. Ele nasceu diferente dos outros; era louro e muito vivo, com seus lindos olhos verdes.

Qualquer pessoa que olhasse para aquela criança sentia que era diferente. Aos poucos, ele foi se tornando a razão do meu viver. Por ele, eu conseguia superar as outras “travessuras” da vida e lutava para que nada lhe faltasse. Acho até que, com isso, sem querer, acabei criando ciúmes nos meus outros dois filhos.

No dia 28 de fevereiro de 1989 tínhamos um casamento para ir à noite e Ronald, já com um ano e sete meses, estava radiante, esperando a hora de vestir sua roupa nova – um pequeno terno. Então, à tarde, preparei as roupas, coloquei sobre a cama, e para passar o tempo, fui para frente de casa conversar. Deixei Ronald brincar um pouco com os coleguinhas da vizinhança.

Fiquei de lá, observando a alegria e liberdade de meu filho, que para a vida olhava, descobrindo ainda os seus mistérios, enquanto eu, com todas as dificuldades, me sentia completa e feliz.

Em certo momento, meu pequeno dirigiu-se a mim e pediu água. Sem imaginar que algo pudesse ocorrer, dirigi-me ao interior de minha casa, enquanto deixei o portão aberto. No subúrbio, é muito comum essa parada no portão. De onde eu estava, ouvi um barulho ensurdecedor e, desesperada, corri em direção à rua. Ao chegar lá, avistei Ronald caído, com dois coleguinhos vizinhos. Lembro-me de que sua cabeça estava apoiada sobre o corpo de uma menininha, e até ali eu não sabia de quase nada. Acho que, ainda em choque, percebi o vermelho do sangue das crianças espalhado pelo chão e vi que algo grave acontecera, enquanto o fusca de um policial, à paisana, bêbado, fugia, deixando aquela cena infeliz sobre a calçada. O miserável tinha perdido a direção do veículo.

Naquele momento, um vendedor solidário se prontificou a levar as crianças para um hospital. Segui junto com a mãe dos outros dois. Durante o percurso, não observei qualquer reação da minha criança.

Chegando lá, muitas chapas foram batidas e fomos desenganados pelos médicos, que disseram que se ele sobrevivesse ficaria com muitas sequelas. Nada me importava e, com ou sem sequelas, eu queria meu menino vivo, pois não podia entender como uma vida tão importante para mim seria arrancada de modo tão estúpido. Chorei muito quando soube que Ronald, finalmente, não resistira e morrera.

Até hoje, foi a pior coisa que já ouvi na minha vida. Não sei se foi por ele ser o caçula, mas, para ser sincera, ele não era só o filho de que eu mais gostava, ele era o ser humano que melhor completava minha vida, já tão sacrificada.

Não podia avaliar o quanto meu filho sofreria se sobrevivesse. Como se eu pudesse ressuscitar aquela criança, gritava seu nome. Tentava em vão despertá-lo do sono eterno e fazer com que me respondesse.



Não sei nem mesmo quem pagou as despesas de sepultamento de meu anjo, mas ainda posso sentir o gosto da dor que experimentei enquanto velava seu corpo e permitia que as minhas lágrimas descessem e lavassem meu rosto, amargo da dor. Ali fiquei, junto a alguns parentes e amigos. Como tudo foi repentino, ninguém podia entender por que logo ele, tão pequenino, teria partido daquela maneira.

Na hora do enterro, acompanhei todo o processo. Quando o pequeno caixão branco e azul desceu solo abaixo, gritei desesperada, sabendo que, a partir dali, só teria Ronald em minha memória, pois seu corpo logo nada mais seria além de seus ossos. Era o fim.

Voltei para casa e lá encontrei um vazio que nunca sentira antes. Chorei novamente, pois tudo me lembrava meu pequeno menino. O tempo ia passando e os dias iam se repetindo em minha tristeza, pois em cada detalhe eu via meu filho novamente.

Naquele tempo, apesar da minha dor, sofri ameaças e me fechei na minha impotência, sem nada poder fazer contra o motorista irresponsável. Então, silenciei todo o meu sofrimento enquanto o via ocasionalmente dirigindo seu carro, como se nada tivesse acontecido. Eu sentia muita raiva e, por vezes, tive vontade de matá-lo, mesmo sabendo que nem assim teria meu filho de volta. No fundo, acho que nunca fiz nada porque tinha medo que meus outros dois filhos pudessem vir a sofrer com isso, e fui vivendo, sem entender que a minha raiva ia me enlouquecendo. Aos poucos, já não tinha mais paciência com nada... mas mesmo sofrida, seguia...

As pessoas que comigo conviviam percebiam meu descontrole. Eu procurava trabalhar para esquecer, mas há coisas de que, no máximo, conseguimos desviar o pensamento, porque elas logo retornam. Um filho nunca se esquece. Senti que me distanciei muito dos meus afetos, e que por vezes negligenciei meus outros filhos, mas eu não conseguia controlar.

Com o tempo, me vi quase sozinha, pois meu marido (pai de Ronald) já estava voltado para outras coisas, minha filha me rejeitava e a única pessoa

que parecia me entender era meu outro filho, que me dava apoio e carinho. Nessa época iniciei minhas visitas aos psiquiatras, pois eu estava me dando conta de que estava beirando a loucura. Logo, comecei a ingerir comprimidos que pareciam me anestesiarem, e, assim, fugia de mim mesma.

Com tudo isso, separei-me do meu marido, pois descobri ser viciado em drogas. Vi minha filha me abandonar e meu filho se casar, enquanto eu ainda sofria muito. Sozinha, resolvi seguir a minha vida e, desorientada, por muitas vezes esquecia o que estava fazendo e permanecia dias andando pelas ruas sem saber sobre o meu próprio destino. Nessas minhas caminhadas, conheci um senhor, bem mais velho do que eu. Ele teve pena de mim e me deixou ficar em sua casa. Com o tempo nos tornamos marido e mulher, e até hoje não sei se gosto dele, mas reconheço que me ajudou muito naquela época de desespero, então até hoje vivemos juntos.

Nunca esqueci Ronald e sei que parte de mim já se foi, mas vejo que, apesar disso, retornei ao trabalho, estou me cuidando e tenho um neto (filho do meu filho), que mais parece uma cópia do meu menino que se foi. Isso me anima a viver novamente. Sigo me medicando, pois tive outros “acidentes” na vida que de alguma forma me deixaram marcas, mas, mesmo assim, estou disposta a viver. Quando posso falar disso ainda choro muito, pois revivo aqueles momentos. Entretanto, sinto-me aliviada, pois assim consigo trazer para fora o que me fere por dentro.

Acredito que muitas mães vivem isso, porém queria que todas acreditassem que os nossos filhos ainda vivem em algum lugar, nem que seja em nossos corações.

Landes Borges Bernardo*

Mãe de Ronald

*Em abril de 2008, Landes trouxe a notícia de que seu outro filho (Adriano), morreu aos 24 anos de infarte.

Nilda

Um amor perdido

Eu vinha de um relacionamento fracassado quando conheci Nilda, uma pessoa que me deu razão para viver novamente.

Ela era meiga, sorridente, carinhosa, inteligente e muito ligada aos valores familiares. Desde o primeiro dia em que nos conhecemos houve uma grande sintonia, e já ali eu senti ser aquela mulher a da minha vida.

Na ocasião, tanto eu quanto ela estávamos com muitos problemas, e nem a nossa diferença de 16 anos de idade era percebida diante da satisfação de estarmos juntos. Por isso, fomos superando as várias dificuldades. Com amor, ela me dizia ver uma pequena luz acesa em meu coração, e com sua ajuda, eu ia renascendo para o prazer de viver. Assim fomos saindo da fase difícil e colocando nossos planos em direção a nossos sonhos e objetivos.

Nilda sonhava em casar, ter filhos e ajudar seus familiares. Tinha grande amor por sua mãe e adorava crianças, além de ter muitos amigos. Mostrava-se sempre muito limpa e organizada com seus deveres e obrigações, demonstrando ser a esposa que eu sonhava. Esse jeitinho dela

foi me ganhando, até que, em 31 de julho de 2004, nos convertemos ao Evangelho, e em agosto do mesmo ano nos casamos. Logo começamos a frequentar uma clínica de reprodução humana, para que ela realizasse seu sonho (eu tenho filhos da minha primeira união), e assim íamos trocando forças, a fim de sermos cada dia mais felizes.

Ensinei Nilda a fazer algumas coisas e ela me mostrou como fazer outras. Certo dia, ela resolveu aprender a dirigir e eu dei a maior força, porém logo desistiu, dizendo que tinha medo de atropelar alguém, o que foi por mim respeitado, afinal, ela sempre se mostrara muito prudente e confiante. Se ali não estava segura, a melhor decisão era desistir ou deixar para outra ocasião, quando se sentisse melhor. Comigo, ela sempre se mostrava vigilante e raramente me deixava passar dos 60 quilômetros.

Certa manhã, íamos para a casa de uma comadre e depois passaríamos na casa de minha mãe. Quando já estávamos no caminho, Nilda lembrou-se de que teria que entregar a bicicleta de seu sobrinho, que estava na casa de um vizinho. Então resolvemos voltar. Quando estávamos colocando a bicicleta no carro e atravessando a rua, surgiu um motorista imprudente em alta velocidade, sem frear e sem usar a buzina, que acabou atropelando de forma violenta minha mulher, que ali mesmo caiu. Naquela hora, já entrei em estado de choque e pensei em muitas coisas. Pensei imediatamente na minha festa de cinquenta anos, que ela preparava, seus sonhos, nosso amor – tudo ali praticamente destruído por causa de um irresponsável.

Aquele 28 de maio de 2005 jamais será esquecido por mim. Depois disso, Nilda foi levada para o hospital e, sem exames mais profundos, logo recebeu alta. Como sentia violentas dores na cabeça foi levada novamente ao hospital, vindo a falecer aos 34 anos, no dia 1º de junho.

Fiquei muito tempo tentando encontrar uma explicação para a morte da minha esposa, pois além de ter me deparado com o motorista imprudente ainda tive o azar de encontrar no hospital um médico pouco atento, que se preocupou em medicar sem procurar pesquisar em profundidade as lesões de minha Nilda.

Algumas vezes desejei estar em seu lugar, achando que por ser homem sofreria uma lesão menor. Eu chorava muito e parecia que o mundo desabava sobre mim, pois éramos muito ligados e eu não podia suportar a ideia de ficar sozinho, sem minha outra metade. Somente a fé me ajudava a entender que, sendo gente como ela era, deveria estar bem, de acordo com a vontade de Deus.

Escrever estas linhas foi sofrido para mim, e por muitas vezes vi minhas lágrimas invadirem o papel de saudade e tristeza, mas penso nela com carinho, e sei que aquele amor será único.

Lamento profundamente que a atitude impensada dos motoristas cause danos tão grandes na vida das pessoas, que têm seus sonhos ceifados, sendo levadas a um sofrimento indescritível e vazio. Contudo, não posso me conformar, e por uma questão de justiça lutarei para que esse motorista responda pelo que fez. Enquanto isso, lamento a existência de tantos outros que só param de fazer bobagem no trânsito quando perdem a própria vida.

Infelizmente, as leis são brandas quando se trata de crime de trânsito, mas peço a todos aqueles que lerem essa história que repensem seu comportamento e que levem em consideração as leis de trânsito para não desrespeitarem a vida.

Diariamente peço conforto a Deus para superar a dolorosa ausência de Nilda; entretanto, neste momento, a tristeza ainda ocupa meu corpo e minha alma. Tendo conhecido o Núcleo de Vítimas, tive o conforto de outras pessoas que perderam seus amores e isso foi muito importante para mim, pois assim entendi não ser o único. Quando a dor é nossa, parece que, num primeiro momento, nos tornamos egoístas, achando que somos os únicos a sofrer.

Geraldo da Silva

Esposo de Nilda

Quando a companheira é a saudade

Acabei de criar meu filho sozinha porque o pai dele nos abandonou quando ele tinha nove anos e, a partir daí, passei muito aperto para viver e manter meu pequeno.

Ele, inocente, pouco entendia e sorria para mim como se nada estivesse acontecendo, como se me dissesse: “Mãe, eu lhe darei forças quando você precisar.”

Para sobreviver, lavei muita roupa para fora e ainda recebia ajuda da minha irmã e do meu cunhado, a quem sou grata até hoje. Mesmo desempregada, conseguia meios de obter o alimento para nossa manutenção e, apesar do sofrimento, me sentia orgulhosa por ver Oswaldo crescer e entrar na escola como qualquer outra criança.

Com o tempo, tive oportunidade de prestar uma prova para trabalhar em um supermercado e, sem ter com quem deixar meu filho, levei-o comigo. Chegando lá, meu filho parecia nervoso, e ao sentir sua temperatura, vi

que ele queimava em febre. Ainda assim, ele pediu que eu não me preocupasse, pois logo estaria melhor, e me desejou boa prova.

Terminada a prova, desci ao seu encontro, e ele me abraçou e disse: “Mãe, você passou, sim, e agora, trabalhando, você pode comprar tudo, até meu remédio, porque eu ainda tenho febre.” Levei-o ao posto de saúde. O médico disse que sua febre era emocional, me perguntou sobre os antecedentes da doença e logo percebeu que o estado do meu filho vinha da ansiedade, do medo que disse sentir caso eu não passasse na prova e não conseguisse o emprego. A febre passou, e estávamos felizes a fazer planos para o futuro. Dois dias depois comecei a trabalhar, e as coisas foram melhorando em nossa vida. Eu sabia que o salário era pequeno, mas também sabia que antes havia sido bem pior.

Quando Oswaldo completou 12 anos foi, por conta própria, procurar emprego. Consegui trabalho numa fábrica de móveis como lixador e, logo na primeira semana, pediu um adiantamento de salário. Para minha surpresa, foi ao mercado, fez umas compras e se mostrou muito feliz em poder me ajudar. Quando cheguei, ainda admirada, ele perguntou: “Mãe, eu fiz essas compras, você gostou? Acho que vai dar para passar até seu pagamento.” Como fiquei satisfeita! Percebi que meu filho era um pequeno trabalhador. Na verdade, ele sempre gostou de trabalhar e, desde cedo, me ajudava nas pequenas tarefas domésticas, sempre se mostrando capaz e honesto. Aos 14 anos passou a ser patrulheiro da Secretaria de Fazenda, e ali permaneceu até a época de servir ao exército.

Depois de passar pelo serviço militar, de onde foi dispensado, fez alguns biscates até retornar à Secretaria de Fazenda no cargo de auxiliar operacional. Mostrava-se muito entusiasmado, tendo sido transferido para prestar serviço na barreira, no município de Campos, de onde retornava com frequência nas folgas para matar as saudades.

Infelizmente, no dia 30 de dezembro de 2001, ele estava de serviço e eu sofria só de pensar em não comemorar a entrada do novo ano com meu



filho. Lembro-me de que, no dia anterior, enquanto Oswaldo trabalhava, eu dormia. Tive um sonho: ele estava de branco, com a mãe de um colega que mora em minha rua, nos desejando feliz ano-novo. Acordei com dor em meu peito, e parecia um aviso, então, comecei a sentir uma preocupação que durou até o horário em que pude telefonar para ele, pois eu sabia que somente naquela hora ele estaria por lá.

Enquanto o relógio corria, fiquei parada, sentada no sofá da sala, pensando no meu querido filho. Às 9 horas o telefone da minha mãe tocou e, do outro lado da linha, alguém dizia que queria falar com a mãe de Oswaldo, pois ele sofrera um acidente, e minha irmã, desesperada, veio a mim, gritando: “Das Dores, aconteceu um acidente com Oswaldo!” Naquele momento, perdi o chão. Lembrando-me do sonho, disse: “Eu não falei que tinha recebido um aviso pelo sonho?!”

Depois, corri para junto de meu filho em Campos e o encontrei num estado muito grave, mas em momento algum perdi a fé, acreditando que, no final, tudo daria certo. No hospital, sentia a cabeça tonta e a boca seca, até que, num determinado momento, tive permissão para vê-lo. Seu estado era crítico, a cabeça enfaixada e o rosto tão inchado que custei a reconhecê-lo. Ali tive a real noção da gravidade da situação e, sozinha, começava a sofrer o desespero de qualquer mãe que passa por uma experiência tão forte e dolorosa.

Permaneci no hospital o tempo todo, e sempre que era autorizada pela enfermagem, corria até a Unidade de Tratamento Intensivo – UTI para ver Oswaldo. Do lado do leito, eu o estimulava com palavras de carinho e de coragem. Meu filho, ainda que não me respondesse, dava sinais de seus sentimentos e da vontade de continuar vivendo.

Durante uma semana vivi essa triste rotina, e não posso esquecer de que ele me deu provas de que me ouvia, apertando minhas mãos, as quais por toda uma vida o acariciaram e deram palmadas quando necessário; era como se estivesse se despedindo. Emocionei-me e,

em poucos dias, constatei o que não aceitava: o óbito do meu único filho. Através de um telefonema percebi, mesmo sem que ninguém me falasse, que algo acontecera e, de fato, o que eu não queria acreditar aconteceu: Oswaldo estava morto.

No momento da morte, o motorista da Secretaria onde meu filho trabalhava me conduzia ao hospital, pois todos me diziam que não adiantava permanecer ali durante a noite e, assim, eu não estava lá quando ele faleceu. Lá chegando, achei tudo muito estranho, pois sem minha autorização seu corpo já havia seguido para o IML. O que achei inacreditável, naquela hora, foi o interesse de algumas pessoas ligadas à funerária que, independente da minha dor ou de algum desejo, fizeram tudo a seu modo.

Por determinação minha, o corpo de meu filho seguiu direto para o velório e, em seguida, para o Cemitério de Irajá, pois queriam fazer tudo em Campos, onde não tenho um único parente ou amigo.

O velório de Oswaldo foi um momento de muita emoção, onde recebi o abraço de várias pessoas queridas e muitas palavras de consolo, mas a aceitação só vem com o tempo. Antes, é preciso conviver com as muitas lágrimas da despedida.

Oswaldo era muito alegre e detestava tristeza, talvez seja por isso que eu choro tão pouco. Ele tinha muitos planos em busca da realização de seus sonhos e todos gostavam dele. Era “gente boa” e deixou muitas saudades.

Antes dessa dor, ele arrumou uma namorada. Os dois se gostavam muito, e logo ela engravidou. Meu neto nunca conheceu o pai, pois nasceu exatamente treze dias após seu falecimento. Hoje, sei que meu neto foi uma força. Sei que Deus levou meu único filho e, talvez para amenizar minha dor, me deu um neto, mesmo que eu saiba que nenhum filho pode ser substituído. Sei ainda ser o vazio um estado permanente dentro de cada pessoa que perde um ente querido.



Apesar de tudo, levo minha vida e vivo com as recordações que meu filho deixou nesses 24 anos de convivência feliz. Sinto que não sou mais a mesma. É como se uma parte de mim tivesse morrido junto com ele.

Talvez um dia muito difícil para mim tenha sido o da sua exumação. Eu estava só, sem companhia para aquela tarefa. Entretanto, na última hora, encontrei uma amiga vítima do trânsito, que me acompanhou, bem como uma outra pessoa querida que havia me emprestado seu jazigo para receber os restos mortais de Oswaldo. Até hoje sou muito grata a essas pessoas. Ao ver os restos do meu filho, o que me chamou atenção foi uma ponte fixa que ele usava na parte superior dos dentes. Vendo aquilo, sem dúvida pensei em quantas vezes ele sorria para mim, exibindo aquele sorriso frouxo e feliz.

Atualmente, faço parte de um grupo de pessoas vítimas de trânsito. Lá encontrei amigos com quem posso dividir minha dor e minha solidão. Começo a sentir que, dentro do meu desconhecimento, consigo passar algo de bom para outras pessoas através da minha experiência, pois percebo que todos os dias, em algum lugar, alguma mãe vive essa dor incurável.

Sinto que Deus e as outras pessoas que adotei como parentes têm me ajudado bastante a continuar vivendo e a suportar a dor da perda de meu querido filho, que era um grande amigo. Às vezes quero acreditar que ele está no trabalho e que um dia voltará para casa. Só que, quando penso nisso, sei que estou mentindo para mim mesma, pois ele se foi...

Infelizmente, apesar de ter procurado ajuda, nunca esclareci definitivamente o acidente que vitimou meu filho. Ainda tenho esperança de que, se houve um culpado, a justiça possa agir e puni-lo devidamente. Enquanto isso, sigo minha vida me distraíndo com Vinícius: a sementinha que meu filho deixou.

Maria das Dores Santiago

Mãe de Oswaldo

Edison

Busca incansável

É muito bom lembrar do homem maravilhoso que dividiu a vida comigo durante 20 anos. Foi um tempo que considero um grande presente de Deus.

Apesar dos impasses da vida, posso dizer que, se tive um amor, este foi o meu marido, que mesmo após tanto tempo de convivência, ainda se referia a mim como sua namorada, não esquecia uma data especial, nunca deixava de me beijar e ainda confeccionava cartões carinhosos, transmitindo todo o seu amor.

Sonhávamos em envelhecer juntos, viajando pelo Brasil como dois ciganos. Pensávamos que não haveria mais problemas, e então seríamos apenas nós, a natureza, o destino, o amor e a certeza de que havia sobrado um saldo generoso de felicidade.

Durante a existência de Edison, pude perceber que, além de um pai maravilhoso, era um marido perfeito, um professor exemplar e um amigo sincero e fiel.

No trabalho, era um educador amigo, que sabia ensinar e cobrar na medida certa, e ainda percebia o movimento de seus alunos em detalhes, intervindo para o crescimento de todos.

Meu marido era muito querido por alunos e colegas de trabalho, e isso lhe rendeu o prestígio – de forma unânime – de um “Cantinho do professor Edison”, no qual havia uma poltrona especial para ele e uma foto sua, no curso de Evangelização – CEVI. A homenagem ocorreu com uma caminhada pelas ruas de Itaboraí. Tive muito orgulho do meu marido, e com ele pude participar e vibrar nessas ocasiões.

Hoje, só me resta a lembrança das coisas boas e engraçadas que ele aprontava a cada momento, já que no dia 3 de junho de 2003 o nosso sonho acabou. Às 6 horas da manhã desse dia, meu marido saiu de casa com nossa filha. Ele iria trabalhar, enquanto ela se direcionava à faculdade, no Centro do Rio de Janeiro, onde concluí a seu curso de direito (era um sonho dele ver a filha caçula formada). Durante o percurso, ele parou para abastecer enquanto ela embarcava em uma van para seu destino. Segundo ela, nos últimos instantes, ele lhe pediu que atravessasse com calma, pois daria tempo de fazer o embarque.

Antes de sair, lembro-me de que ele foi à casa da mãe e tomou o suco que ela fazia para ele todas as manhãs. Voltou, pediu que eu fizesse peito de frango com maionese para o jantar e que eu continuasse deitada, descansando.

Às 7 horas da manhã o telefone começou a tocar de forma insistente. Quando atendi, um soldado me avisou sobre um acidente com o meu marido, dizendo que ele estava sendo levado para o Hospital Municipal, sem dar maiores detalhes.

Tentei ligar para a nossa filha, mas não consegui. Na verdade eu queria que ela ficasse com a avó, que tinha 84 anos, sendo meu marido seu filho único. Eu temia a sua reação diante da notícia, se realmente tivesse acontecido algo de grave.



Quando cheguei ao hospital local, não encontrei Edison e então comecei a gritar. Nesse momento, surgiu um supervisor e, diante de minha insistência, ligou para o Corpo de Bombeiros. Enquanto ele falava, de costas para mim, senti um frio na barriga e uma forte dor no peito. Só me dei conta de que ele podia ter morrido quando o rapaz disse que havia sido um acidente envolvendo uma Fiat e um caminhão, e que tinha uma vítima no local.

Não precisava dizer mais nada. Saí dali correndo, sozinha, desesperada, acreditando que tudo aquilo era um pesadelo, que não passava de um sonho ruim. Na correria, quase fui atropelada, mas este mesmo motorista, após meu relato, conduziu-me até o local. Estava com o coração apertado e as lágrimas desciam sem parar. No peito, a dor sufocava. Cheguei à área e, quando olhei, lá estava Edison inerte, caído em direção ao banco do carona, levando consigo também os meus sonhos. Eu não conseguia acreditar, pensava na mãe dele, nos nossos filhos...

Entre no carro e fiquei com ele. O corpo ainda estava quente e tinha um corte na testa e outro no pé, além de estar preso nas ferragens. Precisava avisar a alguém da família e corri para procurar um telefone. Senti-me sozinha, pois ninguém se aproximou de mim. Fui até uma lojinha cujos donos tinham sido alunos de Edison e pedi para fazer a ligação.

Fui buscar minha sogra, mas não sabia como lhe dar a notícia. Quando ela me perguntou por ele, levei-a ao local do acidente e ficamos ali. Colocamos sua cabeça em nosso colo e o acariciamos, como se o colocássemos para dormir. Nossa família foi chegando e também vieram os bombeiros para remover o corpo, enquanto curiosos e conhecidos observavam.

O laudo constatou que, com o choque, o volante provavelmente bateu nas costelas e perfurou seus órgãos internos. O motorista do caminhão, porém, alegou que Edison passara mal ao volante – tivera um infarto – e que jogou o carro em cima dele. Na ocasião, isso foi noticiado erroneamente pelos jornais, mas depois eu soube a verdadeira versão do acidente.

No funeral, mais de mil pessoas compareceram, dentre eles familiares, amigos, alunos e autoridades locais. Após o choque, quando procurei saber a verdade, percebi que as pessoas se acovardavam, negando-se a falar a respeito do que sabiam.

Andei muito com a minha sogra até encontrar testemunhas oculares do acidente que se prontificassem a declarar o que tinham visto. Fiquei sabendo, então, que o condutor imprudente surgiu em alta velocidade por trás de um ônibus que estava parado no ponto, cortando e jogando a carroceria de seu caminhão para cima do carro de meu marido. Inclusive, ele passou com as rodas do caminhão por cima do capô do Fiat que Edison dirigia.

Após o fato, o motorista do caminhão ainda desceu, mas depois saiu correndo pista afora, em fuga, enquanto meu marido se debatia preso às ferragens, em seus últimos sopros de vida. Posteriormente, soube que este mesmo condutor já havia tirado a vida de outro senhor, em situação semelhante, e nunca fora punido.

As pessoas que o conhecem alegaram ser ele bastante agressivo ao volante, e extremamente impetuoso, irresponsável e imprudente. Esse motorista, além de dar depoimentos falsos, fornece dados errôneos – para não ser localizado – e faz diversas alegações mentirosas. Ele ainda omitiu socorro em ambos os acidentes que causou, continuando impune e habilitado a gerar mais transtornos na vida de outras pessoas.

Por isso tenho buscado ajuda, para que a justiça seja feita, pois há pouco rigor nas penas direcionadas a condutores imprudentes. aguardo, sinceramente, a punição devida, e que haja mais consciência, pois vidas não são objetos – são objetivos e sonhos que precisam ser preservados.

Saber que esse senhor continua dirigindo após dois crimes dessa natureza é um desrespeito total à sociedade, e uma agressão à minha pessoa. Gostaria de chamar a atenção das pessoas e das autoridades



para tratarem desse assunto de modo sério e severo, pois algo precisa acontecer para que haja mudança.

Até hoje não sei definir este vazio e, em família, seguimos com muita saudade. Parece que a luta ajuda a suavizar a dor. Sigo pedindo a Deus força, coragem e sabedoria, e sinto que Edison continua vivo dentro de mim, enquanto me recordo de nossa rotina de amor. Continuo lutando e agradecendo a todos que me apoiam e me ajudam, de alguma forma, a lutar por justiça, esclarecendo os fatos.

*E ainda se viver noites traiçoeiras,
Se a cruz pesada for
Cristo estará contigo.
O mundo pode até fazer você chorar,
Mas Deus te quer sorrindo.*

Maria Clara Lobitzki

*Esposa de Edison**

*Edison de Oliveira Antunes Galvão nasceu no dia 12 de abril de 1947, no Rio de Janeiro. Estudou na escola de padres de Petrópolis, graduou-se em pedagogia e história e pós-graduou-se em docência superior. Era casado com Maria Clara Lobitzki e tinha quatro filhos: Anny Karem, Érica, Elaine e Edison.

Lukas

A escolha é nossa

Foi em uma noite de sexta-feira. Lukas chegou cedo da faculdade, deitou-se no sofá com a cabeça em meu colo e assistíamos à televisão.

Não tardou para seu irmão Davi ligar, convidando ele e a irmã Juliana para irem a um show de reggae em Piratininga, Niterói.

– Não estou muito a fim de ir – disse ele.

– Vai sim, meu filho, vai ser bom – insisti.

– Não tenho grana – retrucou.

– Eu lhe dou o dinheiro. Seus irmãos vão, seus amigos também... Vá se divertir.

Ele se animou. Antes de se levantar, lembro-me de que beijei tanto aquela cabeça, com o cabelo bem raspado, sem imaginar que, horas mais tarde, seria aquela parte de seu corpo que receberia o grande choque que o mataria.

Os crimes de trânsito acontecem assim: de uma hora para a outra. Naturalmente, as pessoas fazem planos, têm sonhos, riem, brincam, sofrem, choram, se angustiam e se enchem de esperança. Estão vivas! De repente, tudo isso acaba.

Fui dormir tarde naquela noite. Acordei com o telefone tocando às 5 horas da manhã. Não estranhei. Muitas vezes Lukas esquecia de levar a chave e eu acordava para abrir a porta. Atendi ao telefone já me encaminhando para a porta, quando ouvi a voz do meu filho mais velho, Ciro:

– Mãe, o Lukas foi atropelado. Ele morreu!

Apenas quem já recebeu esse tipo de notícia sabe o que acontece nessa hora. Primeiro você tenta se convencer de que é um pesadelo, depois o chão foge de seus pés. Meu filho foi atropelado fisicamente e eu fui atropelada emocionalmente por aquela notícia. As horas que se seguiram foram as mais penosas de minha vida. Nenhuma mãe e nenhum pai estão preparados para enterrar um filho.

Não sei quem o matou. Sei que matar é uma palavra forte, mas não existe outra. A pessoa que o atropelou, mesmo sem intenção, o matou. Essa pessoa, vestida de carro, passou com tanta velocidade sobre meu filho que os que estavam presentes nem conseguiram anotar a placa. O veículo nem desviou de seu curso. Quem dirigia não parou para prestar socorro, tampouco se responsabilizou pelo seu ato.

Com base na minha fé, acredito que Lukas não estava sozinho naquele momento, sei que Deus estava com ele conduzindo-o para junto de si. Em tais situações, algumas pessoas dizem que é “a vontade de Deus”. Discordo. Deus tem o controle, sim, de todas as coisas, da vida e da morte, mas não é de sua vontade que nossos filhos morram assassinados, torturados, atropelados. Isso acontece porque o ser humano não tem respeito pela sua vida nem pela de seu semelhante, especialmente no trânsito. Isso acontece porque as pessoas se acostumaram



a banalizar fatos como esses, até que ocorram com o vizinho, com o amigo, com o colega de trabalho ou em nossa própria casa.

Eu trabalho com estatísticas de acidentes de trânsito desde antes dessa ocorrência com Lukas, e a cada dia vejo que se cristaliza na sociedade o sério problema de riscos no trânsito. Preparando a estatística de 2004, chamou minha atenção um dado em especial: o Registro de Ocorrência nº 000691 – homicídio culposo provocado por atropelamento – 27 de março de 2005, 4h15 – Estrada Francisco da Cruz Nunes, próximo à padaria Grão Pão – vítima fatal do sexo masculino, 21 anos, estudante, 3º grau. Este registro não é apenas um número, tem um nome: LUKAS!

Minha intenção não é passar uma mensagem de amargura, pois nenhum sentimento, por mais forte que seja, pode mudar o acontecido, nem interferir na saudade que sinto do meu filho, ou ainda, tirar minha paz por saber que ele está com Deus. O que desejo dizer neste breve relato é que podemos evitar que pais, filhos, companheiros e amigos passem por essa dor. Todos nós passaremos pela morte, mas a forma como isso acontece tem muito a ver com nossas escolhas. Um veículo não faz nada sozinho, nós, vestidos de veículos, fazemos. Por isso, quando estiver dirigindo, atravessando a rua, quando pensar que não é importante fazer manutenção no seu carro, quando achar que é bobagem usar cinto de segurança ou ao usar a velocidade para se sentir “no controle”, beber ou estiver com os sentidos alterados por qualquer razão, pense!

Os acidentes têm sido muito raros, já os crimes de trânsito, infelizmente, estão cada vez mais presentes.

Alda Maria Fernandes da Costa

Mãe de Lukas

Polina

À espera do reencontro

Ana Carolina, minha única filha, 19 anos, sempre foi uma menina meiga, sensível e muito íntegra.

Muitas vezes ela afirmava não gostar de certas atitudes que eu tinha e, inclusive, algumas amigas minhas brincavam dizendo que ela era a mãe e eu, a filha.

Na manhã do dia em que faleceu, ela fora à missa. Quando chegou em casa, muito alegre e risonha, pediu que eu lhe preparasse um lanche, e me contou às gargalhadas que tinha ido comer cocada – já que era semana da festa de São Jorge e a igreja estava comemorando.

Fiquei conversando até as 20 horas com uma amiga de Carol que morava em nosso prédio e estudava odontologia na mesma faculdade que ela. Quando sua amiga foi embora, Carol me pediu para ir à boate. Eu ainda perguntei se ela não queria ficar em casa comigo, mas o argumento dela foi tão forte que acabei deixando. Ela falou: “Mãe, meu pai disse que a melhor época da vida é a da faculdade. Depois é muito trabalho.”

Por volta da 1 hora da manhã, eu ainda liguei para ela, pedindo que me avisasse ao chegar da boate, já que iria dormir na casa da amiga. Quando o telefone tocou, às 4 horas da manhã, eu pensei: “Ela já chegou”. Mas era o seu namoradinho, com quem estava brigada.

Foi ele quem me deu a notícia de que Carol havia sofrido um acidente e tinha sido levada ao Hospital da Posse. Liguei imediatamente para seu pai e ele pediu que eu não sáísse. Fiquei em casa, acovardada de ir ao hospital. Ligava para o celular do namorado de Carolina e não entendia que o acidente tinha sido fatal. Falei com a mãe dele, com o irmão e outras amigas dela, mas não me dei conta do porquê de tanta gente no hospital. Cheguei a pedir que viessem me buscar em casa, esquecendo que o meu carro estava na garagem.

Só às 8 horas da manhã, quando a madrinha dela interfonou e disse “Lígia, vou subir” que entendi tudo.

Foi um ano em cima da cama, não tinha vontade de falar com ninguém, nem de sair de casa. O que me ajudou foi a religião. Sempre fui espírita e nesse momento me apeguei muito mais à minha fé e à minha certeza de uma outra vida. O centro espírita que eu frequentava, Leon Denis, me acolheu de braços abertos. Fiz vários cursos para ajudar no meu equilíbrio. Também frequentei o IEVE, onde realizei outros tantos tratamentos espirituais. Quando sentia muita saudade, entrava em seu armário e ficava lá, sentindo o seu cheirinho.

Para sair de casa tinha que fazer um esforço sobre-humano, mas ia, porque não era só a mim que eu estava ajudando, mas também a Ana Carolina. Minha missão de mãe não acabou com a morte de Carol, precisava estar bem para que ela também estivesse, na espiritualidade.

Em nossas conversas matinais, sempre falo para ela: “Você foi muito esperada e desejada. Agora, você é quem vai esperar a mamãe, para nos encontrarmos em breve.”



Meu psiquiatra foi outra pessoa muito importante para o meu equilíbrio, o Doutor Roberto Silveira, também espírita. Ele sempre me acolheu com muito carinho. E assim estou caminhando, um dia melhor, outro pior.

Dois anos depois, me mudei de Nova Iguaçu para o Rio; me fez muito bem mudar de ambiente, porque lá eu sentia a presença de Ana Carolina em todos os lugares que ia.

Agora, o que está sendo difícil para mim é ver suas amigas se formarem e casarem. Hoje, ela seria uma dentista formada e, quem sabe, estaria até se casando. De uma coisa tenho certeza: nós estamos aqui de passagem, e a minha filha continua viva, porque a vida é eterna e eu não estaria de pé se isso não fosse verdade.

O tempo passa e eu ainda questiono: o que a levou a perder a direção do carro e se chocar com aquele muro? Acho que nunca terei a resposta...

Maria Ligia da Conceição R. Soares

Mãe de Carolina

Logueira Rodolfo

Vivendo e morrendo no trânsito

Muitos amigos me perguntam por que eu, publicitário e jornalista, com passagem em veículos de comunicação, agências de propaganda e assessorias de instituições públicas e privadas, estou há mais de 15 anos me dedicando ao trânsito e, mais especialmente, ao combate às causas de sua extremada violência.

Invariavelmente respondo que essa mesma pergunta fiz a mim mesmo quando, em julho de 1995, fui indicado para a Coordenação Estadual do Programa de Redução de Acidentes no Trânsito (PARE), do Ministério dos Transportes. Informo que, para essa pergunta, a resposta veio rápido. O programa era essencialmente voltado para a mudança no comportamento humano e precisava de profissionais com experiência em campanhas de publicidade e em ações de mobilização social.

Inevitavelmente vinha sempre a segunda pergunta: “Mas por que trânsito? Você não é engenheiro de tráfego, pouco conhece de mecânica automotiva! O que você poderia fazer para melhorar o trânsito e combater toda essa violência?”

Digo a esses amigos que essa pergunta também me fiz, e a resposta demorou um pouquinho. Quando a ficha finalmente caiu, porém, descobri que a minha vida (assim como a sua, que me lê neste momento) – por conta do caos do trânsito em nosso país – está permanentemente em risco e estava na hora de começar a fazer a minha parte.

Na primeira semana de trabalho, dedicada a muita leitura de artigos e documentos, passei a ver o trânsito como o maior espaço democrático do mundo, não só pela diversidade dos que dele participam e dependem, mas também pela “seleção democrática” das vítimas do asfalto. O trânsito descuidado e violento alcança com a mesma virulência desde o mais humilde anônimo (geralmente ausente do noticiário e até das estatísticas) até a mais admirada e nobre personalidade, como a Princesa Diana, vítima que foi como passageira de um veículo conduzido por motorista que, em sua fuga alucinada pretendendo protegê-la da ação dos fotógrafos, ignorou riscos, combinando a mais agressiva mistura no trânsito: consumo de bebida alcoólica + excesso de velocidade.

Tecnicamente preparado para assumir a nova atividade profissional, fui participar pela primeira vez da reunião do Núcleo de Apoio às Vítimas de Trânsito que o programa mantinha, e tive então o segundo grande impacto.

Eu também era vítima de trânsito!

Aliás, quem não é? Francamente, desconheço alguém que, ao longo da vida, não tenha sofrido, direta ou indiretamente, alguma perda para a violência do trânsito. No meu caso, são familiares, amigos e conhecidos que chegam a quase duas dezenas de mortes, sem contar número maior ainda de feridos.



De todas elas, duas me marcaram com mais intensidade. A primeira, de um primo muito próximo, que tinha exatamente a mesma idade que eu. Na madrugada de um domingo de outubro, poucos dias após meu casamento, recebo a visita inesperada de meu irmão para anunciar que Rodolfo Pedrosa (esse era seu nome), voltando de uma festa como carona em um veículo Puma, batera em uma árvore e morreria. Sem usar o cinto de segurança (naquela época não era obrigatório e não tínhamos a noção exata de sua importância), viajando em um veículo feito em fibra de vidro (que não absorve o impacto e quebra como madeira) conduzido por um jovem que havia bebido e estava cansado (infelizmente, ainda não havia a Lei Seca), Rodolfo foi projetado violentamente contra a árvore e teve morte instantânea. Desfigurado, meu primo foi enterrado em caixão lacrado, preservando todos nós, familiares, amigos e colegas de trabalho, de vê-lo naquele estado.

A outra grande perda que sofri para o trânsito foi de meu avô materno. Uma figura extraordinária, que jamais perdeu a calma e a doçura, até mesmo nos seus instantes finais.

Descendentes de holandeses que migraram para o nordeste, Vovô Nogueira era um homem corpulento que, pela idade, andava com passos lentos. Acostumado a ser independente e sempre muito decidido, recusava-se a admitir seus limites físicos e impostos pela idade, deslocando-se pela cidade a pé e pegando ônibus em horários de intenso fluxo viário.

Pois foi numa grande avenida que, distraído, atravessou com o sinal aberto para o trânsito e foi colhido por um veículo, o qual, mesmo em baixa velocidade, não conseguiu frear o suficiente. Socorrido por uma ambulância, foi levado para hospital público, onde faleceu sem ter qualquer contato com sua única filha (minha mãe) e seus três netos. Angustiados, ficamos por horas na porta do hospital até recebermos a trágica notícia.

O sentimento de impotência e inconformismo que experimentei naquela tarde voltou-me com a mesma intensidade na reunião do Núcleo, e foi aí que tive a certeza de que precisava fazer alguma coisa.

Nessas reuniões com vítimas da violência no trânsito conheci pessoas absolutamente especiais. Pessoas marcadas muito duramente pela vida, que carregam um gigantesco fardo de dor, mas que nem por isso deixam de acreditar na beleza da vida e usam o luto pessoal como modo de evitar que outros venham a sentir o que sentem e sentirão por toda a sua existência.

Desde então, essa tem sido a minha principal atividade profissional, que encaro como uma missão cidadã: fazer o que estiver ao meu alcance para incutir na consciência de familiares, amigos, colegas de trabalho e de todos os que são alcançados pelas minhas palavras e textos que a violência do trânsito, por ser rigorosamente previsível, pode e deve ser evitada.

Fernando Pedrosa

*Publicitário, jornalista, professor e vítima de trânsito.
Neto do Sr. Nogueira e primo de Rodolfo*

Indré

Cicatrizes

Em 15 de dezembro de 1999, aos 21 anos e vivendo normalmente a fase da juventude, senti na pele toda a dificuldade de ser vítima de um acidente de trânsito causado por imprudência.

Até então, jamais havia imaginado que um acontecimento dessa natureza pudesse invadir minha vida e transformar uma história tão linda em algo triste e sofrido, tanto para mim quanto para meus familiares e amigos.

Eu seguia em minha moto quando fui abalroado por um veículo cujo condutor estava bêbado. Esse acidente quase me custou a vida. Desde esse dia, ficou difícil continuar vendo o trânsito da mesma maneira. Hoje presto muito mais atenção às regras e entendo que devemos nos manter “ligados”, que todos precisam de limites e que o estabelecimento desses limites depende da educação que cada um recebe ao longo de sua existência.

Senti que havia perdido uma vida cheia de movimentos e me recriava a partir da dor, com várias limitações e marcas espalhadas pelo corpo, mas me mantive perseverante, para que a justiça fosse feita. Nesse tempo, descobri que existem dois tipos de pessoas: aquelas que trabalham realmente com o objetivo de ajudar, de salvar vidas, e outras que são imprudentes e dirigem seus carros sem compreender o quanto o álcool precisa ficar longe do volante, como o condutor bêbado do qual fui vítima.

Apesar das cicatrizes que carrego em meu corpo, existe um lado positivo para o que ocorreu comigo: as conquistas e o aprendizado que situações de dor nos trazem são muito valiosas. Por isso, em meu dia a dia, procuro compartilhar minha experiência pessoal com todos, e mesmo aqueles que parecem desligados podem sentir em mim, por meio do meu comportamento, o reflexo do que passei. Estou bem mais consciente e maduro com relação aos limites, pois entendo que não devemos dirigir, ao próximo aquilo que rejeitamos.

Atualmente, tenho consciência de que tudo o que eu fizer não será para prejudicar ninguém, e de que a vida deve ser vivida da melhor forma possível, amando e respeitando nossos semelhantes.

André Siciliano

Vítima direta

Conclusão

Desde a organização até a projeção do livro “Seguindo a estrada”, percorremos um longo caminho. Com muita dificuldade, cada conquista alcançada era celebrada com afinho. Aos poucos, o projeto que inicialmente se encontrava apenas no papel foi tomando forma e pudemos obter mais uma vitória, em conjunto com as vítimas de trânsito que aqui expuseram suas respectivas histórias de vida. Chegamos, aqui, ao fim de uma longa jornada, um extenso caminho que foi trilhado e tecido ano após ano.

A conclusão da leitura deste livro não demarca um fim, mas um reinício para todos aqueles que “se perderam em suas perdas”. Para tanto, compreendemos e afirmamos que o ser humano não se completa apenas quando planta uma árvore, escreve um livro e tem um filho. Para estar completo, o ser humano precisa cultivar um jardim de experiências e nele plantar as sementes da solidariedade e do amor; cultivar o sentimento de utilidade, percebendo que, se em sua trajetória sentiu os espinhos das rosas em determinados momentos, em outros usufruiu de forma abundante dos seus aromas.

Então, não deixemos que um momento de infelicidade seja responsável por toda uma vida infeliz. É preciso entender que é possível, diante das adversidades da vida, aprender, recomeçar e dividir. Basta ter esperança e lutar. Sendo assim, faça a diferença, faça a sua parte e siga em paz a sua estrada.

